

Avaliação externa do **Programa Escolhas | E7G**

**CB & JA Research & Scientific
Consulting, Lda**

Promovido por:



Co-financiado por:



Preparado para:

Programa Escolhas

Preparado por:

CB & JA Research & Scientific Consulting, Lda.

Rua Gonçalves Zarco, 14

3030-053 Coimbra

Referência:

Alexandre, J., Barata, M. C., Oliveira, S., Almeida, S., & Gomes, J. (2020). *Avaliação externa do Programa Escolhas E7G: Relatório final*. Lisboa: ACM.

Responsabilidade:

Este documento é da responsabilidade da Equipa de avaliação externa coordenada por *CB & JA Research & Scientific Consulting, Lda.* e foi concebido com base na informação recolhida no âmbito do Programa Escolhas, não transmitindo a opinião das partes envolvidas.

Este documento contém material e informação cujo copyright pertence ao Programa Escolhas, pelo que não pode ser reproduzido ou copiado sem permissão da mesma.

AVALIAÇÃO EXTERNA DO PROGRAMA ESCOLHAS

7ª GERAÇÃO

- Relatório Final -

Equipa

Joana Alexandre (coordenação)

Clara Barata

Sofia Oliveira

Santiago Almeida

Joana Gomes

Setembro de 2020

Índice

Sumário executivo	6
1. A E7G do Programa Escolhas (PE): enquadramento e avaliação	39
1.1. Qual o ponto de partida e metodologia escolhida?	40
1.2. Qual foi o procedimento e os instrumentos escolhidos para o Estudo 1?	42
1.3. Quem participou no Estudo 1?	43
1.4. Qual foi o procedimento e os instrumentos escolhidos para o Estudo 2?	49
1.5. Quem participou no Estudo 2?	50
2. Quais os resultados do Estudo 1?	52
2.1. Avaliação do Programa Escolhas (PE)	52
2.1.1. Avaliação global do PE	52
2.1.2. Capacidade de resposta do PE	53
2.1.3. Medidas e áreas estratégicas do PE	54
2.1.4. Duração e faixa etária da população-alvo do PE	55
2.1.5. Dinamizadores/as comunitários/as	55
2.1.6. Assembleias de Jovens (AJ)	58
2.1.7. Centros de Inclusão Digital (CID)	61
2.1.8. Necessidades de formação identificadas	65
2.1.9. Análise SWOT	68
3. Sugestões para gerações futuras	72
3.1. Propostas de áreas estratégicas ou medidas para a próxima geração	72
3.2. Outras sugestões	76
4. Que avaliação do projeto fazem os integrantes dos projetos?	78
4.1. Alinhamento com o PE, estrutura e objetivos	78
4.2. Funcionamento geral do projeto	80
4.3. Avaliação das Parcerias	81
4.4. Sistemas alvo de intervenção	81
4.5. Concretização de objetivos por medida, objetivos e atividades	82
4.6. Impactos percebidos	84
4.7. Avaliação & Monitorização	85

4.8. <i>Envolvimento dos/as participantes dos projetos</i>	87
4.9. <i>Nível de eficiência do projeto</i>	87
4.10. <i>Fidelidade/adaptação</i>	88
4.11. <i>Indicadores de qualidade da intervenção</i>	89
4.12. <i>Sustentabilidade do projeto</i>	90
4.13. <i>Avaliação geral do projeto (jovens)</i>	90
5. <i>Quais os resultados do estudo 2?</i>	91
5.1. <i>Entrevistas coordenadores</i>	91
5.2. <i>Entrevistas jovens</i>	110
6. <i>Conclusões e recomendações</i>	134
Anexos.....	142

Sumário executivo

O **Programa Escolhas (PE)** é um programa governamental de âmbito nacional, que foi criado em 2001 (Resolução do Conselho de Ministros, nº4, 2001, de 9 de janeiro). Promovido pela Presidência do Conselho de Ministros e integrado no Alto Comissariado para as Migrações – ACM, IP, enquanto política pública, a sua missão consiste em promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos vulneráveis, visando a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social, numa lógica de proximidade, assente num trabalho em “360 graus” (Lemos, 2012)¹, sistémico e multidimensional.

O Programa Escolhas conta já com sete gerações, estando atualmente em execução a sua 7ª geração (E7G) (janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2020).

Tal como explicitado na Resolução do Conselho de Ministros n.º 151/2018, o modelo de monitorização e avaliação adotado pelo Programa Escolhas integra diferentes componentes: a de autoavaliação, uma avaliação interna e uma avaliação externa, que segundo a mesma, “tem permitido medir a eficácia, pertinência e eficiência desta medida de política pública, com resultados demonstrados nas áreas do sucesso escolar, inovação, experimentação e capacitação”.

Para a 7ª geração foram incorporadas recomendações da avaliação externa da 6ª geração, nomeadamente:

1. A inclusão de áreas mais transversais nos princípios do Programa Escolhas, como foi o caso da Inclusão Digital, que deixou de ser uma área estratégica para passar a ser uma área transversal.
2. A redução de cinco áreas estratégicas para três – Educação, Formação e Qualificação; Emprego e Empreendedorismo e Dinamização Comunitária, Participação e Cidadania;

¹ <https://issuu.com/comunicacaope/docs/handbook>

3. Em termos de modelo de avaliação, foi sugerido que cada projeto apenas apresentasse um objetivo específico (OE) por área;
4. O abandono da obrigatoriedade de os Dinamizadores/as Comunitários/as frequentarem uma formação para obter o CCP (Certificado de Competências Pedagógicas promovida pelo Programa Escolhas);
5. A dinamização no âmbito do Plano de Formação de Seminários Regionais para as equipas técnicas dos projetos;
6. Ao nível da organização da equipa, a dinâmica de acompanhamento dos projetos deixou de ser por NUTS para passar a ser por distritos.

Desta forma, a **7ª Geração encontra-se estruturada por três áreas estratégicas** que se encontram materializadas em **três medidas**:

Áreas estratégicas:

- **Educação, Formação e Qualificação**
- **Emprego e Empreendedorismo**
- **Dinamização Comunitária, Participação e Cidadania**

Medidas:

- **Medida I** visa contribuir para o **sucesso escolar, para a redução do absentismo e abandono escolares, bem como para a formação e qualificação profissional.**
- **Medida II** visa contribuir para a **promoção do emprego e empregabilidade, favorecendo a transição para o mercado de trabalho, bem como apoiar iniciativas empreendedoras.**
- **Medida III** visa contribuir para o **desenvolvimento de atividades de âmbito comunitário, lúdico e ou pedagógico, permitindo uma maior consciencialização sobre os direitos e deveres cívicos e comunitários.**

A presente geração, com duração de aproximadamente dois anos, contou inicialmente com 103 projetos financiados – 93 candidataram-se à medida I (Educação, Formação e Qualificação), 50 (48,5%) à medida II (Emprego e Empreendedorismo) e 95 à medida III (Dinamização comunitária, participação e cidadania). Encontram-se, no entanto, em

funcionamento 101² - será este o número de projetos a considerar para efeitos do presente relatório.

Da informação recolhida até agosto de 2020, a 7ª geração tinha já acolhido um total de 33 315 participantes, sendo 17.76% participantes diretos, i.e. crianças e jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 25 anos, provenientes de contextos mais vulneráveis (descendentes de migrantes, crianças e jovens ciganos/as), representando o público prioritário do Programa, e 82.24% participantes indiretos i.e., jovens entre os 6 e os 25 anos, mas com menor incidência dos riscos de exclusão, familiares dos participantes diretos, pessoal docente, auxiliares, técnicos, entre outros, todos eles envolvidos nas atividades previstas na proposta de intervenção³.

A avaliação externa da 7ª geração consistiu na realização de dois estudos que foram conduzidos por uma equipa externa ao PE, tal como consta da Resolução do Conselho de Ministros n.º 151/2018.

Com o objetivo de ter uma visão holística e rica, procurou aceder-se às **perceções** dos diferentes integrantes dos projetos da E7G – **jovens, equipas técnicas dos projetos, entidades gestoras e/ou promotoras** – através de uma metodologia mista (qualitativa e quantitativa), bem como a uma análise quantitativa de indicadores de execução extraídos da plataforma AGIL.

O presente relatório apresenta os resultados dos mesmos, bem como um conjunto de reflexões e recomendações decorrentes dessa análise.

² Dois projetos deixaram de funcionar no final de 2019/início de 2020.

³ Estes dados são provenientes da consulta efetuada à aplicação para a Gestão da Informação Local (AGIL), e com a devida autorização do PE em agosto de 2020.

O **Estudo 1** procurou responder ao seguinte conjunto de questões, através do recurso a uma **metodologia mista** (qualitativa e quantitativa) e **triangulada** (i.e., com multi-informantes – jovens, elementos das equipas técnicas e entidades gestoras e/ou promotoras, bem como através da análise da plataforma AGIL):

- **Qual a avaliação global que é feita do PE?**
- **Quais as sugestões para as próximas gerações Escolhas?**
- **Qual a avaliação que é feita dos projetos financiados na E7G pelos integrantes desses mesmos projetos?**
- **Que dados de execução e que impactos se verificam nos projetos integrantes da E7G considerando a informação extraída da plataforma AGIL?**

Mais especificamente, no Estudo 1, foi feita a aplicação de três questionários *online*: um dirigido a entidades gestoras/promotoras, um dirigido às equipas técnicas (coordenadores/as, técnicos/as, monitores/as e dinamizadores/as), e outro dirigido a jovens adultos (> 18 anos) participantes dos projetos E7G. Os questionários têm por base uma metodologia mista, apresentando um conjunto de questões de resposta fechada e um conjunto de questões de resposta aberta. As mesmas compõem quatro grandes blocos de informação:

- Caracterização dos participantes (por ex., funções, idade, projetos nos quais colaboram/participam);
- Avaliação global do Programa Escolhas e identificação de necessidades de formação;
- Análise SWOT (Forças, Fraquezas, Oportunidades, Ameaças) do PE e sugestões para gerações futuras;
- Avaliação global dos projetos pelos integrantes dos mesmos.

As bases dos inquéritos foram exportadas para o software estatístico *SPSS* no dia 21 de agosto, ficando, deste modo, vedado o acesso ao mesmo.

A análise documental foi feita em paralelo pelos elementos da equipa de avaliação externa, e mais concretamente entre agosto e setembro de 2020, considerando a informação introduzida até 30 de junho na plataforma AGIL, do corrente ano.

O **Estudo 2** procurou fazer uma **análise em profundidade sobre a vivência no PE, em geral, e nos projetos, em particular**. Considerando a ideia de organização narrativa da experiência, foram realizadas entrevistas narrativas, com jovens participantes de três projetos e com os respetivos coordenadores/as.

Com os/as **jovens**, o objetivo do estudo 2 consistiu em:

- **Analisar em profundidade a experiência da sua vivência pessoal no PE e no projeto no qual participam, em concreto.**
- **Devolver resultados do Estudo 1 e explorar as suas perceções acerca dos mesmos, considerando a importância da avaliação participativa⁴.**

Com os **coordenadores/as** procurou-se:

- **Analisar em profundidade a experiência da sua vivência pessoal no Escolhas, tendo em conta a sua experiência no programa ao longo de diferentes gerações.**
- **Aceder às suas perceções acerca dos impactos do PE nos jovens.**
- **Explorar quais são as sugestões para a próxima geração Escolhas.**

O Estudo 2 consistiu, assim, na elaboração de nove entrevistas narrativas individuais: três entrevistas a coordenadores/as de três dos projetos financiados e seis entrevistas a jovens com idades superiores a 18 anos (dois jovens de cada um dos projetos). Para o efeito foi criado um guião semiestruturado facilitador do processo narrativo, que simultaneamente permitisse criar um tronco comum à organização narrativa dos vários participantes.

⁴ Consultar por exemplo Equipa K'Cidade (2007). Roteiro de Acompanhamento e Avaliação de Projectos de Intervenção Comunitária (GPS). Lisboa: Fundação Aga Khan Portugal.

Estudo 1

Relativamente ao **Estudo 1**, **participaram 126 jovens** com uma média de idades de aproximadamente 22 anos (DP = 5.32), de ambos os géneros (52.4% do género feminino), e **255 elementos de equipas técnicas** (96 coordenadores/as, 107 técnicos/as, 29 monitores/as e 23 dinamizadores/as). A maior percentagem de respondentes é oriunda de projetos situados no distrito de Lisboa (N = 71), não obstante estejam representados outros distritos, nomeadamente Porto (N = 39) e Braga (N = 26), entre outros (com menor expressividade).

Participaram no questionário para as entidades **71 instituições**, das quais 19 são entidades promotoras, 18 são entidades gestoras, e 34 representam-se como promotoras e gestoras. As entidades mais representadas são as Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), cujo setor de atuação é o da área social. Relativamente aos projetos aos quais as entidades estão envolvidas, estas englobam-se sobretudo nas áreas estratégicas *Educação, Formação e Qualificação*, e *Dinamização Comunitária, Participação e Cidadania*.

Paralelamente, foi feita uma análise de alguns indicadores da plataforma AGIL, considerando a data de 30 de junho como a data para extração de informação.

A análise documental procura, deste modo, complementar a informação veiculada pelos respondentes, numa lógica de triangulação.

Avaliação do 7EG

A avaliação global do PE contemplou o levantamento das perceções dos/as diferentes respondentes sobre os seguintes pontos:

- Avaliação global do PE
- Perceção sobre os problemas aos quais o PE tem conseguido dar resposta
- Medidas e áreas estratégicas da 7EG

- Duração e faixa etária da população alvo
- Dinamizadores/as comunitários/as
- Assembleias de Jovens (AJ),
- Centros de Inclusão Digital (CID)
- Necessidades de formação
- Análise Swot

Em termos de **resultados gerais do PE** verifica-se que, globalmente, entidades e equipas técnicas fazem uma **avaliação geral positiva do Programa Escolhas** (M = 4.3, DP = .68, min.=1 a max.=5).

Entidades e equipas técnicas (coordenadores/as, técnicos/as, monitores/as e dinamizadores/as) consideram que **o Programa Escolhas tem conseguido dar resposta aos problemas:**

- do reforço da coesão social;
- da não discriminação;
- da igualdade de oportunidades;
- da igualdade de género, da inclusão de crianças e jovens provenientes de contextos sociais mais vulneráveis.

Relativamente às **medidas e áreas estratégicas da E7G**, uma grande percentagem de respondentes (77.3% de 232 participantes que responderam) diz *concordar* ou *concordar muito* com **a alteração efetuada de cinco áreas estratégicas para três, considerando que as três medidas existentes são adequadas.**

Sobre a **duração do PE**, uma percentagem expressiva de respondentes considera a atual duração como “claramente insuficiente” ou “insuficiente”. Destes, cerca de 14,9% dos/as respondentes das equipas técnicas considera que os projetos deveriam ter uma duração de 3 anos, 14.5% refere 5 anos e 6.27% refere 3-4 anos. Já nos que se refere às entidades, estas sugerem um mínimo de 3 anos de intervenção, variando o máximo entre 4 ou 5 anos.

Sobre a **faixa etária da população-alvo** (6-25 anos), em concreto, é referido pelos/as respondentes da equipa técnica que a atual é adequada (69.3%). Dos 30.6% dos/as inquiridos que não concorda, é referido o aumento da idade máxima até aos 30 anos, mantendo a mínima nos 6 anos.

No que aos/às **dinamizadores/as comunitários/as** diz respeito, estes estão presentes em 50.6% dos 101 projetos e são considerados como tendo um papel importante na intervenção [M = 75.74, DP = 25.65, Min. = 0 (nada importante), Max= 100 (muito importante)]. Neste sentido, a maior parte dos respondentes concorda que a presença dos/as dinamizadores/as comunitários/as é imprescindível (52.2%). Em referência ao perfil dos/as dinamizadores/as comunitários/as previsto no regulamento ser adequado, mantém a concordância de 53.7% dos elementos das equipas técnicas.

No que especificamente se refere às **Assembleias de Jovens (AJ)**, a grande maioria dos/as **respondentes jovens** (83.47%) é da opinião de que se tratam de momentos muito relevantes da sua participação no projeto, uma vez que avaliam fazer parte das mesmas como “Muito importante” (48.76%) ou “Importante” (34.71%), justificando a sua importância pela maior responsabilização e envolvimento que implica, pelo facto de permitir ter uma voz ativa no projeto e nas atividades, em concreto, e, globalmente, ao nível da capacitação e empoderamento. As equipas técnicas mencionam também (76,4%) que as AJ são uma iniciativa importante para o funcionamento do projeto, concordando ou concordando muito (66,6%) com a regularidade com estas são conduzidas.

Os **Centros de Inclusão Digital (CID)** estão em funcionamento em 53.7% dos projetos da 7ª geração. Quando questionados/as sobre a **importância dos mesmos ao nível da intervenção**, a maioria dos elementos das equipas técnicas concordaram (60.8%) que **todos os projetos deveriam ter obrigatoriamente um CID**. Apesar de tudo, 55.3% considera que o facto de os CID deixarem de estar associados a uma medida específica é positivo, apesar de existir uma falta de posicionamento sobre este ponto por parte de 28.3% dos/as inquiridos que responderam “nem concordo nem discordo” ou “não sei/não tenho conhecimento”. No mesmo sentido, os/as respondentes consideram que o

facto da inclusão digital abranger todas as medidas permite uma maior flexibilidade no tipo de respostas criadas pelo projeto (76.9%).

Referente a **se o novo modelo permite desenvolver mais atividades de caráter formativo**, a percepção dos inquiridos vai ao encontro da falta de posicionamento acima referida, uma vez que 28.6% responde “nem concordo nem discordo” ou “não sei/ não tenho conhecimento”. Ainda assim, não deixa de existir uma concordância elevada com a afirmação apresentada (59.2%). Já na percepção de **se o novo modelo permite realizar mais atividades relacionadas com o desenvolvimento de competências em várias áreas**, os resultados indicam uma clara concordância (72.5%).

Sobre o facto de **não ter um elemento da equipa obrigatoriamente associado ao CID**, 63.9% dos respondentes considera que tal permite uma maior flexibilidade no desempenho das funções da equipa. Por fim, quando questionados sobre **se os CID poderiam ser implementados de outra forma**, não há consenso: dos inquiridos, 14.1% discorda, 29% concorda, 40.4% não concorda nem discorda.

Considerando as sugestões daqueles/as que concordaram (29%) que **os CID deveriam ser implementados de outra forma**, foram obtidas sugestões que apontam para (1) aspetos de planeamento e avaliação (p. ex., *objetivos anuais relativamente ao CID; avaliação periódica da implementação das sessões CID em cada projeto*); (2) funcionamento, financiamento, espaços e recursos (p ex., menor carga horária ou mais flexível; equipar todos os espaços de forma cabal); (3) formação e certificação (p ex., formato de formação; criação de mentoria jovem).

Sobre as **necessidades de formação identificadas**, são apontadas pelas equipas técnicas, por ordem decrescente em termos da frequência com que são mencionadas, formações sobre (1) temáticas mais ligadas ao enquadramento e funcionamento dos projetos – *Avaliação de projetos/de impacto; Contextos de risco/comunitário; Mediação no diálogo intercultural / interculturalidade/ Culturas ciganas e modelos de intervenção; Mediação e negociação de conflitos; Gestão de equipa e liderança* - (2) à capacitação dos/as técnicos/as em áreas prementes para a sua atuação com os participantes dos projetos - *Componentes pedagógico-educacionais (Necessidades Educativas Especiais,*

apoio ao estudo, estratégias de combate ao insucesso escolar; dinâmicas de educação não formal), e (3) à própria capacitação dos jovens (áreas da inovação social, empreendedorismo, empregabilidade; Competências digitais (“perigos”); Competências interpessoais e sociais e emocionais). Os elementos das equipas técnicas também referem a necessidade de ter momentos para discussão de casos e partilha de experiências.

Apresenta-se de seguida uma síntese da análise SWOT decorrente dos contributos das entidades e equipas técnicas (Figura 1). Apesar de na análise SWOT vir destacado como fraqueza a plataforma AGIL, um número significativo de participantes das equipas técnicas (75.7%) concorda ou concorda muito com a afirmação de que para efeitos de monitorização e avaliação dos projetos, “a plataforma AGIL é fácil de usar”.

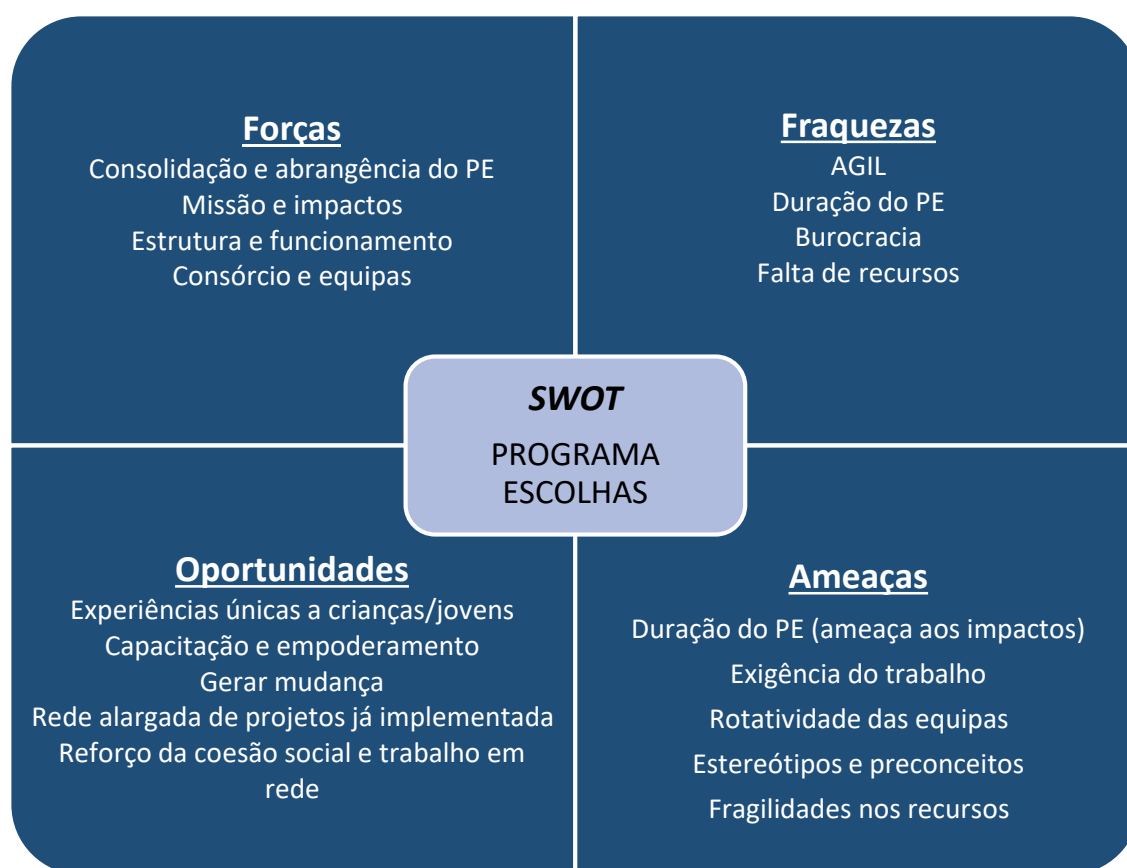


Figura 1. Análise SWOT do PE elaborada com base nas respostas das entidades e das equipas técnicas

Sugestões para a próxima geração do PE

Relativamente às sugestões apontadas pelos respondentes para as próximas gerações **Escolhas**, apesar de parte das entidades, equipas técnicas e jovens considerarem como adequadas as medidas existentes, quando questionadas sobre que **outras áreas estratégicas e/ou medidas deveriam ser implementadas numa próxima geração**, são mencionadas um conjunto diferenciado de novas medidas. Considerando a amostra das entidades e das equipas técnicas, não existindo umas mais expressivas do que outras (em termos da sua frequência), destacam-se as que são comuns: a inclusão digital; o apoio para a autonomia na vida adulta, reforçando a capacitação social dos indivíduos; a promoção dos direitos da criança/humanos; a educação para a saúde (promoção de saúde e bem-estar englobando a prevenção de comportamentos de risco). Do lado das equipas técnicas e pela sua frequência, destaca-se, ainda, como área estratégica/medida a *dimensão familiar (educação parental/parentalidade positiva)*.

Por parte dos **jovens** sugere-se como outras áreas estratégicas e/ou medidas deveriam ser implementadas numa próxima geração: saúde, bem-estar e qualidade de vida; a inclusão digital; combate ao preconceito e discriminação; reforço da área da educação, formação e qualificação; e a cultura.

Em síntese, uma **maior duração do PE** (3 a 5 anos) e a **desburocratização** são aspetos salientados por todos os participantes. Os jovens, em particular, referem a ansiedade gerada pelo fim dos projetos.

Foram aspetos referidos, apesar de terem uma menor expressão:

- Fazer coincidir o início dos projetos com o início do ano letivo (foi algo também salientado pelas equipas técnicas).
- O reforço dos CID, sobretudo decorrente da experiência do confinamento provocado pela COVID-19.
- Visitas mais regulares por forma a reforçar a valorização que é dada aos projetos, formações alargadas a diferentes intervenientes e descentralizadas, bem como

mais partilhas entre projetos, num verdadeiro trabalho em rede, foram igualmente sugestões mencionadas.

- Os jovens também sugerem um leque diverso de atividades (p. ex., formativas, desportivas, culturais, interculturais).

Avaliação dos projetos da E7G

Em termos de **funcionamento** (Gráfico 1), os/as participantes das equipas técnicas concordam com a afirmação de que **as funções na equipa estão bem definidas**, e que existe um **conforto quanto às dinâmicas de liderança existentes**, estando os/as mesmos/as satisfeitos/as com a **forma como a equipa trabalha** e, sobretudo, com as competências dos vários elementos para uma implementação eficaz do projeto. Concordam com o facto da **rotatividade na equipa poder trazer mais desvantagens** do que vantagens e encontram-se hesitantes quanto à afirmação de terem um número suficiente de elementos nas equipas que permita um bom funcionamento do projeto (M = 3.23, DP = 1,23). Também as parcerias são avaliadas de forma positiva.



Gráfico 1. Avaliação do funcionamento dos projetos por respondentes das equipas técnicas

Globalmente, quer entidades quer os elementos das equipas técnicas concordam com a afirmação de que os projetos apresentam uma **estrutura inicial clara**, tendo por base **uma teoria da mudança**. Não obstante, 56.9% dos/as participantes das equipas técnicas refere ter feito adaptações ao desenho inicial, apontando como principais motivos a necessidade de **uma melhor definição de resultados, por terem sido pensados indicadores pouco ambiciosos/realistas, derivados de uma reformulação de objetivos ou da abrangência do projeto** (30.6%); 29.8% dos/as participantes das equipas técnicas refere a **necessidade de uma adequação das atividades** (ajustamento do plano de atividade) para **ir ao encontro dos interesses dos jovens** e 26.7%, para **garantir um maior número de participantes** (ex., alteração de horário). Segundo 24.3% dos intervenientes das equipas técnicas, houve **necessidade de adequação ao público e/ou contexto/território**. **Alterações derivadas de ajustamentos à equipa do projeto**, foram mencionadas por 14.1%. Apenas 4% refere que as adaptações se prenderam com a pandemia provocada pela COVID-19. Neste sentido, os/as participantes das equipas técnicas consideram **responder às necessidades existentes** nos territórios onde atuam e dos seus participantes, **respeitando a diversidade cultural** dos mesmos.

Em termos de alterações necessárias, 38% das entidades refere não ter sido necessário fazer qualquer tipo de alteração, no entanto 35.2% mencionaram ter tido a necessidade de proceder a alterações no/s seu/s projeto/s. As alterações indicadas compreendem, por exemplo, os ajustes necessários perante as adversidades causadas pela pandemia Covi-19, a adequação das atividades, tal como explicitado também pelos/as respondentes das equipas técnicas, e alterações de rubricas.

Relativamente à **avaliação que é feita aos projetos da E7G**, em concreto, pelos elementos integrantes dos mesmos, os/as participantes das equipas técnicas concordam por um lado, com a afirmação de existir um **alinhamento do seu projeto com os objetivos do PE** e, por outro, com a afirmação de contribuírem, através do seu projeto, para os objetivos do PE ($M = 4.27$, $DP = .77$; min. = 1, max. = 5).

Quando questionado/as sobre a concretização dos objetivos por medida, **entidades e equipas técnicas** referem ter concretizado sobretudo os objetivos da **Medida I** (*contribuir para o sucesso escolar, para a redução do absentismo e abandono escolar, bem como para a formação e qualificação profissional*) e da **Medida III** (*contribuir para o desenvolvimento de atividades de âmbito comunitário, lúdico e ou pedagógico, permitindo uma maior consciencialização sobre os direitos e deveres cívicos e comunitários*), o que se encontra coerente com os dados extraídos da plataforma AGIL, que dão conta de 67% dos participantes estarem envolvidos na Medida I e 72% na Medida III, sendo a percentagem de participantes em menor número na Medida II (22%).

No caso dos/as **jovens**, quando questionados/as acerca dos **objetivos gerais/aspetos que o projeto que frequentam tenha conseguido atingir/promover**, os/as mesmos/as consideram que são sobretudo conseguidos a **inclusão social de crianças e jovens de contextos sociais mais vulneráveis** (86.5%) e a **promoção de igualdade de oportunidades** para os/as seus/suas participantes (84.9%). A perceção dos/as jovens encontra-se alinhada com a dos elementos das equipas técnicas, sobretudo naquela que é a sua perceção mais específica sobre as **problemáticas às quais têm dado resposta nos projetos** que integram (88.2% refere a **inclusão social de crianças e jovens de contextos sociais mais vulneráveis**).

Considerando o ano de 2019 e o ano de 2020, as equipas técnicas reportam uma **boa concretização de objetivos e das atividades propostas** (> 70% de concordância)⁵, sendo a percentagem de concordância semelhante nas equipas técnicas.

Analisando dados através da **plataforma AGIL**⁶, verifica-se que num universo de 33316 participantes, **9132 (27,4%) alcançaram os objetivos definidos no âmbito dos seus projetos de vida, com o apoio dos respetivos projetos**. Analisando os dados de execução da 7G pela plataforma AGIL, tendo em conta o previsto para os dois anos da 7G, os dados revelam já 96% do número total de sessões com presenças. Verifica-se, ainda, que dos 25 tipos de atividades identificadas, o **apoio escolar, o lúdico-pedagógico**

⁵ A escala de resposta variava entre 0% = não foram de todo concretizados a 100% = totalmente concretizados.

⁶ Tendo em conta que a plataforma é dinâmica, considerou-se a informação introduzida na plataforma até 30 de junho de 2020.

e o **desenvolvimento de competências**, são das que mais sessões se realizaram: 18950, 11212 e 9733, respetivamente. O **Acompanhamento Psicossocial** encontra-se imediatamente abaixo (5269). Estas atividades envolvem, por exemplo, mais de 22 000 crianças no caso do apoio escolar e mais de 27000 nas atividades lúdico-pedagógica.

Sobre os **impactos percebidos**, 81.2% dos elementos das equipas técnicas reportam **impactos nos/as jovens** ($M = 4.49$, $DP = .72$), *bons* ou *muito bons*, e 74.2% refere **mudanças na comunidade/território onde o projeto está inserido** ($M = 4,02$, $DP = .93$), *boas* ou *muito boas*. São sobretudo referidos como impactos (pela frequência das respostas) nos/as jovens a **aquisição de competências escolares** (aumento da escolaridade, assiduidade, mudança nas aprendizagens) e consequente **aumento do sucesso escolar**; aquisição de **competências pessoais e sociais**; literacia tecnológica e maior acessibilidade; mudança de atitudes, nomeadamente uma maior valorização dada à escola. O **acesso a novas experiências e oportunidades** também é mencionado nas respostas abertas. É ainda referida a **formação vocacional/empregabilidade/empreendedorismo**. São, deste modo, referidos impactos que se prendem com uma **maior inclusão social e igualdade de oportunidades**, indo ao encontro do que tinha já sido referido.

Cruzando a informação reportada pelos/as respondentes das equipas técnicas, com os dados extraídos da **plataforma AGIL**, verifica-se que relativamente ao objetivo de intervir com 50 000 participantes nos dois anos de execução da 7ª Geração, o global dos 103 projetos encontra-se com uma taxa de 67% até 30 de junho de 2020. Destes, 74% são crianças e jovens e 16% são familiares diretos e, por último, 10% de “outros” participantes. **Os números efetivos, até 30 de junho de 2020, indicam 12935 casos de Sucesso Escolar, 438 de Sucesso em Formação Profissional, 336 de Sucesso em respostas de Educação e Formação, 338 casos de integrações em respostas curriculares alternativas, 486 em Formação Profissional, 203 em respostas de Educação e Formação, 831 em Emprego, 385 em experiências vocacionais em contexto real e 39 em estágio profissional.** Foi, ainda, aferido um número elevado de encaminhamentos para escola (373), para formação profissional (710), para respostas

de Educação e Formação Profissional (419), para emprego (1208) e para outros serviços (1450).

Globalmente, pode afirmar-se que os resultados percebidos foram conseguidos com um bom nível de eficiência. Também os/as respondentes das equipas técnicas têm essa perceção: por outras palavras, estas/as concordam com a afirmação de que os recursos existentes (humanos e materiais) têm permitido atingir os resultados esperados ($M = 3.82$, $DP = .98$), tendo, em parte estes sido conseguidos no tempo estipulado para o efeito ($M = 3.79$, $DP = .91$) e sem custos acrescidos ($M = 2.90$, $DP = 1.0$).

Estudo 2

Sobre os/as três coordenadores/as entrevistados/as, duas são do género feminino. Uma das coordenadoras encontra-se no Escolhas há 13 anos (desde a 3ª Geração do PE, 2006 – 2009). Uma outra coordenadora é parte integrante de projetos Escolhas há sete anos. Tendo começado como monitora de informática, passou a técnica durante este período e em 2017 tornou-se coordenadora. O coordenador do género masculino assumiu funções de coordenação em março de 2019, apesar de ter estado “ligado” desde o final da 4ª geração”; fez a 5ª e 6ª gerações enquanto monitor CID, e na 6ª geração também já como técnico.

Foram entrevistados/as seis jovens, do/as quais quatro são do género feminino e dois do género masculino, tendo idades compreendidas entre 19 e 29 anos. A janela temporal de entrada destes/as jovens em projetos Escolhas vai desde a 2ª geração até à 5ª geração (2ª, 3ª e 5ª gerações). Dos/as seis jovens, dois assumem, atualmente, funções de monitores/as nos seus, respetivos, projetos.

Os três projetos escolhidos apresentam as mesmas áreas de atuação – I, II e III – mas situam-se em diferentes zonas territoriais, apresentando características distintas, tal como se pode averiguar pela tabela que se segue.

Projeto	Características
Projeto 1	Território de intervenção: Zona sul do país (rural) Historial: Intervenção desde a 3ª Geração Tipo de público com quem trabalha: quase exclusivamente comunidades ciganas
Projeto 2	Território de intervenção: Zona Norte do país (urbano) Historial: Intervenção desde a 1ª Geração Tipo de público com que trabalham: maioritariamente crianças e jovens portuguesas e descendentes de imigrantes.
Projeto 3	Território de intervenção: Zona centro do país (urbano) Historial: Intervenção desde a 4ª Geração Tipo de público com quem trabalha: quase exclusivamente com descendentes de imigrantes

Destacam-se alguns dos **principais resultados** do estudo 2, primeiramente os que se extraem das entrevistas com os/as jovens e posteriormente com os/as coordenadores/as entrevistados.

Resultados das entrevistas aos/às jovens

Sobre **como tem sido a experiência no PE**, nas suas narrativas todos os/as jovens referem experiências muito positivas e importantes para o seu crescimento e desenvolvimento, quer pessoal, quer relacional/social e/ou profissional: (...) *passei aqui os melhores momentos da minha vida, especialmente da minha infância*, “(...) *aprendi muita coisa, cresci imenso como jovem, como mulher, como participante, como uma pessoa que mora num bairro também*”, “*Epá, isto para mim tem sido muito bom... tem sido muito bom*” e ainda que “*tenho-me desenvolvido muito, mesmo como mulher (...)*”.

Sobre as mudanças sentidas resultantes da participação nos projetos, os/as jovens relataram a aquisição de um conjunto de **competências sociais e emocionais**, por exemplo, terem-se tornado mais sociáveis e comunicativos. Uma das participantes refere, “*comecei a ter o poder da fala*”, e outra revela que “*(...) se calhar mais nova, era mais tímida, e isso acabou por ajudar mais ... a interagir com as pessoas*”.

Mencionam, também o apoio que têm tido ao nível da educação, sendo esta narrada como preponderante para a aquisição das suas aprendizagens:

A respeito da educação, um dos jovens explica: *“fez muita diferença em parte da minha educação. O projeto ajudava sempre nos trabalhos de casa e com o conhecimento geral, (...) a maior parte das coisas que aprendi, foi tudo no projeto”*, enquanto outro jovem que partilha da mesma opinião, refere o contributo que tem sido para poder aprender e avançar a sua educação.

No decurso das entrevistas, foram desafiados a recordar um episódio que tenha sido mais marcante na sua passagem pelo projeto: *“estava a chegar a um ponto em que não sabia mesmo o que havia de fazer. E tudo o que ela (a coordenadora) me disse, (...) tudo me ajudou de uma forma incrível”*; *“foi uma das atividades que nós preparamos que eu achava que ia correr muito mal (...) correu melhor do que o que eu estava à espera”*; *“nunca na vida tinha conseguido ir ao Rock in Rio e foi uma coisa que me marcou”*; *“são todos marcantes!”*.

Sobre o que teria sido diferente nos seus percursos de vida caso não tivessem passado pelo Programa Escolhas/pelo projeto, todos eles abordam esta questão de forma diferente. No entanto, está patente em todas as histórias que o Escolhas é a oportunidade para mudar de vida, mudar para melhor. Como diz uma das jovens, quando se refere ao que o Escolhas é, *“(...) uma alavanca que faz com que nós cheguemos mais rápido onde nós queremos”*. Do mesmo modo, um jovem dá o exemplo de algumas pessoas que não tiveram a mesma oportunidade que ele e que optaram por percursos mais desviantes *“porque não sabiam que haviam outras oportunidades”*. Uma outra jovem partilha que no seu caso *“tinha sido diferente, sem dúvida! Agora, muito provavelmente não tinha sido diferente para melhor (...)”*.

Sobre se há algo no projeto que contribui para fazer a diferença na vida dos jovens, de uma forma geral é possível compreender que são as relações entre pares, são as pessoas, a união do grupo: *“o facto de haver o projeto, isto é uma coisa muito boa (...) acho que o que é mais marcante é mesmo aqueles momentos em que nós estamos sempre todos juntos, sempre todos contentes, muito mais livres”*; *“as pessoas fazem toda a diferença, acho que ser Escolhas, ter projetos Escolhas é fazer uma boa escolha e uma boa equipa”* ou ainda, que o que faz a diferença *“(...) é os desafios ... o trabalho em grupo”*.

Sobre as Assembleias de Jovens (AJ) e a sua importância, à exceção de uma jovem que refere nunca ter participado em qualquer assembleia, os restantes jovens entrevistados reconhecem esta atividade como muito positiva e importante. Uma jovem que descreve as assembleias como momentos de tomada de decisão, diz que *“aqui não está só uma pessoa, aqui estão várias (...) muitas faixas etárias diferentes. (...) há imensos gostos diferentes. (...) há gostos que nem toda a gente partilha e isso é importante para nós percebermos o que é que cada um quer e tentar encontrar uma solução que possa satisfazer”*. Outros/as jovens, comentam que as assembleias de jovens *“(...) são importantes porque os jovens são importantes, são fundamentais”, “(...) é mais debate, acho que é bom, mesmo com opiniões diferentes acho que é importante (...) eu acho que a opinião dos jovens é a mais importante, obviamente.”, “(...) é muito importante, aprendemos, sabemos o que vamos fazer, fazemos muita coisa. (...) tentamos compreender cada feitio e cada maneira da pessoa e a respeitar cada feitio e cada maneira de cada pessoa”*.

Sobre o papel dos jovens no projeto, os próprios fizeram diferentes interpretações daquele que será o seu papel, nomeadamente, como agentes de aprendizagem na medida em que *“não somos só nós (jovens mais velhos) que ensinamos os pequeninos, eles também nos ensinam muita coisa”*; e que *“o papel dos jovens é (...) é pegar num conhecimento que nós já lhes demos e fazer uso disso da melhor forma possível, quer seja pessoal, quer seja profissional”*; Como participantes, consideram que são ouvidos quando têm algo a dizer *“sim, muitas vezes as coisas que eu digo ficam feitas! Às vezes até dou ideias, (...) sou sempre ouvida!”* sentindo-se à vontade para partilhar e contribuir para o projeto.

Sobre em que áreas se podia investir numa próxima geração, os jovens concordam, em geral, que as áreas como a da saúde, bem-estar e qualidade de vida; a inclusão digital; combate ao preconceito e discriminação; reforço da área da educação, formação e qualificação; e a cultura são importantes. No entanto, cada uma dos jovens entrevistados, refere-se a áreas particulares, como por exemplo, *“na parte da inclusão digital e no combate ao preconceito e discriminação, isso são coisas que o Escolhas consegue completamente a 100% mudar ou melhorar ou arranjar medidas que facilitem*

a chegada a esses objetivos”; “(...) na minha opinião, a saúde se calhar”; “a próxima geração deve-se preparar para preparar os jovens para estarem mais abertos para uma sociedade (...) a saúde, porque neste momento nós estamos numa pandemia”; “cultura, é sempre bom saber de onde é que tu vens e saber (...) o que é que os outros passaram, (...) porque nem todos tivemos o mesmo percurso para chegar onde chegámos”.

Sobre o envolvimento e participação dos/das jovens, é de uma forma semelhante que os/as jovens se posicionam sobre esta temática, uma vez que referem que na sua generalidade os/as jovens estão envolvidos/as e participam nas atividades do projeto. Segundo a sua perspetiva, estes, contam que *“Eles (os/as jovens) adoram mesmo aquilo, não há dúvida nenhuma, poucas desistências há e quando há é por um problema maior, não é mesmo por não quererem estar lá”; “às vezes ... às vezes gostam de participar, acho que depende do interesse da atividade”; “em todas as gerações eles (os jovens) tiveram sempre muito envolvidos, com muita vontade de trabalhar, muita vontade de aprender, de conhecer mais”; “quem não participou ainda, ou seja, (...) quem diga que não consiga (...) como é que ela vai saber se gosta?! (risos)”.*

Neste mesmo âmbito, quando questionados sobre como poderiam **aumentar a envolvimento e participação dos/as jovens**, estes sugeriram aspetos como: novas atividades/atividades diferentes; fazendo o levantamento das necessidades existentes; e ser o projeto a ir ter com as pessoas, por exemplo, serem as técnicas a irem a casa das pessoas apresentar as atividades.

Sobre o que funciona bem e menos bem no Programa Escolhas, os/as jovens apontam como aspetos positivos *“a atenção que os monitores nos dão, a atenção em todos os sentidos!”; “(...) continuo a dizer que é a equipa. Acho que a equipa (...) se for apelativa, se for cativante, souber abordar, souber criar, souber trabalhar com os jovens e com a comunidade, as coisas são sempre muito melhores”; “é a atenção que elas (as pessoas) nos dão, o carinho, a ajuda (...)”; “organização”* que permite que os *“mais novos, respeitem muito a (nome)”*. Apenas foi mencionado um aspeto do que funciona menos bem, em que uma das jovens considera que *“acho que podíamos explorar outras faixas etárias, (...)”*, sugerindo *“os adultos”* e quando questionada sobre o que iria beneficiar o projeto essa nova faixa etária, responde que *“então, a experiência de vida, se calhar”*.

A respeito do Programa Escolhas, os jovens lançaram **propostas de mudança** à luz daquela que é a visão que cada um/a tem sobre o mesmo. As propostas consistem no aumento do número de projeto implementados *“abrir mais projetos, por mais zonas. Eu acho que isso era o melhor a fazer. Mas mudar, eu não mudava nada.”*; na continuidade das mesmas equipas quando se muda de equipa e/ou o projeto pois os jovens *“ficam estranhos, não percebem nada e afastam-se, também”*; em colocar mais pessoas na equipa, para que seja possível uma maior resposta a tantos pedido e jovens; e na mudança do projeto para um espaço maior, no entanto, permanecendo na mesma cidade.

Sobre o que é o Escolhas para os jovens, destacam-se as seguintes afirmações:

“O Programa Escolhas é crescer!”

“Evolução ... transformação ... vontade ... experiência...”

“(...) para mim o Escolhas é oportunidades, é abrir portas, é conhecer-me a mim própria e mostrar ao mundo quem é que eu sou, de que é que eu sou capaz”.

“(...) não há palavras para poder explicar o quão bom e o quão necessitado é isto para nós”.

“O Programa Escolhas é... é... é metade da minha vida, do meu coração”.

“bom, que ajuda as pessoas. (...) aqui parece que têm sempre solução (...) e isso é bom para a comunidade do Escolhas. Eles deviam continuar a fazer isso e não parar, porque há muitas pessoas que precisam de ajuda”.

Resultados das entrevistas aos/às coordenadores/as

Sobre como tem sido a evolução do projeto Escolhas ao longo das gerações, de forma geral os coordenadores/as entrevistados/as consideram as mudanças evolutivas têm sido positivas. Uma das coordenadoras, comenta que *“o programa Escolhas tem vindo a ser cada vez mais exigente, a nível de acompanhamento, o que é ótimo para nós também porque para além de não nos sentirmos abandonados, sentimos sempre um reforço por detrás, o que é ótimo”* esta acredita que o tempo de existência do Escolhas permitiu, acima de tudo, ganhar a confiança dos elementos destas comunidades, para que os diferentes projetos possam agir no dia-a-dia das pessoas. O coordenador,

considera que a evolução tem sido razoável, e explica que “(...) pensando ao longo dos anos da forma como foi pensado todas as gerações, sinto que houve um crescimento de processo burocráticos, associados ao programa e não só, por exemplo, (...) esta última geração sendo uma geração de apenas 2 anos”, no entanto, vê com bons olhos o facto das medidas de intervenção terem sido reduzidas permitindo “focalizar aqui nalguns problemas mais, mais chave. Uma outra coordenadora, vê todas as mudanças de forma “muito positiva”, acrescentando “via o Escolhas como um projeto com muito mais rigor. E tinha bastante admiração por isso. Via que (...) havia recursos e mais rigor. Esta entendeu logo esse rigor e burocracia como um fator de segurança, pois assim “Nós fazemos as coisas e podemos mostrar que as fazemos e temos aqui como provar o que fazemos”.

Sobre o que faz a diferença do Escolhas na vida dos jovens e das comunidades, um/a dos/as coordenadores/as entrevistados explicam que “o programa escolhas pelo seu reconhecimento enquanto política pública, é um programa essencial para as comunidades e para os territórios que realmente necessitam de intervenção ao nível das competências, do desenvolvimento de competências relacionado com os jovens”. Este menciona, ainda, que “efetivamente tem um impacto muito elevado, não só nos últimos 20 anos, mas continua a ter enquanto programa de continuidade”. Um/a outro/a, coordenador/a defende que as mudanças são acima de tudo geracionais, não sendo de um dia para o outro e que, apesar de tudo, existem muitas diferenças, especialmente ao nível da abertura das comunidades para com estes projetos.

No que concerne à escolha daqueles que são **os ingredientes mágicos que levam a resultados positivos**, são mencionados a informalidade na linguagem, flexibilidade, financiamento, identidade escolhas, tempo de convivência é essencial, as ajudas e apoios das Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia, assim como todos os restantes parceiros dos projetos, uma vez que fornecem vários recursos essenciais para que o projeto possa atingir os seus objetivos.

Sobre a experiência/ “viagem” dos coordenadores/as pelo Escolhas, um deles/as conta que “É muito gratificante... embora aquela gestão emocional nos esgote às vezes um pouco, (...). Eu adoro o que faço, adoro o público com quem trabalho, (...) saber que estas pessoas precisam de nós e que nós podemos contribuir para facilitar (...). São coisas

muito pequeninas para nós, mas que para esta comunidade fazem toda a diferença". Uma das coordenadoras relata que *"tem sido boa (a experiência). Eu costumo dizer que o Escolhas além de mudar a vida dos meus miúdos (e eu estou aqui há 19 anos) mudou também a minha vida"*.

Sobre quais os impactos (do projeto) nos jovens e na comunidade, todos os coordenadores/as identificam impactos na comunidade e nos/as jovens. O coordenador, refere que *"(...) verificamos um impacto gritante do nosso trabalho na comunidade"*. Salienta que *"ao nível daquilo que são as nossas medidas, (...) quando pensamos as problemáticas (...) verificámos que os resultados foram ... foram bastante bons e que o nosso trabalho conseguiu realmente ajudar aqui os jovens, nestes problemas que existiam"*.

Uma das coordenadoras, salienta que o trabalho com as escolas, com as quais colaboram em algumas atividades, a partir das quais têm um feedback muito positivo, já que parece que motivam os alunos e existem melhorias ao nível dos resultados escolares. Uma outra coordenadora considera que ao nível dos jovens *"os principais impactos que eu vejo são os próprios jovens a ter consciência que têm de quebrar ciclos que se mantinham ao nível familiar há muitos anos"*. Já ao nível da comunidade, os impactos que destaca passam por *"Vivermos (as diferenças de cada um) com naturalidade aqui no projeto"*, refere que *"não sabemos tudo, vamos aprendendo uns com os outros. (...) E é isso que o Escolhas nos permite, que eu não vejo mais nenhum programa, (...) não há nada no nosso país que nos permita isto, este crescimento conjunto com tanta vontade, com tanta diversidade"*.

Sobre a avaliação do envolvimento dos jovens nos projetos, cada um dos coordenadores reporta a realidade à luz daquele que é o projeto que coordena. O coordenador faz uma análise a 3 pontos, devido à pandemia, avaliando o período *"pré-pandemia"*, em que conseguiram *"(...) efetivamente, ter uma boa envolvência e uma boa adesão por parte dos jovens"*; o período *"durante-pandemia"*, que houve uma alteração da metodologia de intervenção (para online), apenas conseguindo envolver jovens a partir dos 14 anos, pois *"os que são mais jovens do que isto (...) para além de não terem acesso ... não ter os materiais de acesso aos recursos para poderem ir à internet, muitas*

vezes necessitam de ter alguém que lhes ajude a poder aceder aos meios (...); o período “pós-pandemia”, começaram a verificaram uma grande envolvimento por parte das crianças, por outro lado, verificaram que os jovens mais velhos, têm feito “o processo contrário (...)”.

Uma das coordenadoras, refere que, em relação às freguesias circundantes do seu projeto, tem diferente envolvimento, explicando que se de um local está a ter pouco envolvimento por parte das famílias e maior envolvimento dos jovens, noutra localização percebe-se um envolvimento muito mais abrangente, desde os pais às crianças.

Uma outra coordenadora, no que toca à realidade do seu projeto, conta que o envolvimento dos jovens “é fabuloso, eles gostam muito. Estão sempre a propor novas atividades. Se temos um dia em que as coisas têm de ser um bocadinho mais calmas, já é um dia de ‘Aí que seca, não se faz nada! (...)’”.

Sobre o que falha nos processos de envolvimento dos jovens, nas palavras do coordenador, este explica que “o que falha é que são normalmente 50 participantes diretos, 50 mundo diferentes, 50 educações diferentes, 50 formas de ver o mundo diferentes (...)”, mencionando também a tolerância dos jovens às restrições do projeto, a falta de identificação com as atividades, a falta de identificação com a forma de intervir da equipa, o facto de, simplesmente não gostarem do projeto, das equipas técnicas, das pessoas, dos seus pares. Por outro lado, uma das coordenadoras perante a mesma questão responde que “não os deixamos desistir. (...) os poucos que nos fogem nós vamos atrás deles. Nós não podemos deixá-los desistir porque são vidas que se perdem”. No entanto, esta admite, que “quando falha, eu percebo, não podemos salvá-los a todos, é uma realidade” e atribui esta “falha” à família.

Para que este campo possa ser melhorando, uma outra coordenadora comenta que se deve “ir ao encontro daquilo que eles procuram. Se nós fizermos atividades que, embora muito bonitas para nós, não forem apelativas para os jovens ou às crianças, não vale a pena nós fazermos”.

Sobre quais os desafios sentidos, os coordenadores/as indicam aspetos como período, as questões laborais, a alta burocratização, os espaços, questões financeiras, o tecido empresarial, maior autonomia, constituição de uma boa equipa de trabalho, explicando que vê o envolvimento de jovens da comunidade na equipa como *“um dos segredos do sucesso”*.

Sobre como são tratadas as questões do racismo e da radicalização, da igualdade de género, ou outras formas de discriminação em razão da origem racial e étnica, cor, nacionalidade, ascendência, território de origem ou religião, os coordenadores/as explicam que é através de atividades destinadas a essas matérias, tais como, por exemplo, grupos de jovens semanal, onde são feitas dinâmicas e debates sobre todas as questões; atividades interculturais como os jovens desde que são mais novos; atividades no âmbito das questões das origens raciais e étnicas para recém-chegados.

Ainda neste domínio, os coordenadores/as consideram que faz sentido dar mais peso nestas temáticas, frisando que *“é extremamente essencial, no momento em que vivemos, tocar em todos estes aspetos”* e que *“todo o peso que dermos, é pouco”*. No que respeita à forma, estes sugerem que conseguem mudar os comportamentos associados a estas questões do racismo, intervindo, por exemplo, quando começam a existir trocas de comentários de ódio nas redes sociais e que será preciso trabalhar o racismo *“a este micro nível (no bairro) numa fase inicial, e só posteriormente levar para um nível macro, ou seja, (...) junto da comunidade, contruindo aqui, verdadeiramente, pontes entre os diferentes grupos (...)”*.

Sobre a existência de jovens que tenham adotados e/ou alterado as suas condutas e comportamentos relacionados com as questões da radicalização, o coordenador entrevistado, ilustra esta questão com um cenário em que os/as jovens que partem de narrativas altamente violentas, com discursos de ódio, quer seja contra outros grupos étnicos, quer contra a polícia, e conta que *“ao longo de todo o processo foram mudando a sua visão das coisas e foram efetivamente sendo trabalhadas e foram trabalhando, eles próprios estas questões”*.

Sobre a avaliação das parcerias estabelecidas e o impacto real destas na prossecução do projeto, uma das coordenadoras avalia as parcerias como *“ótimas”*, revelando ter

“uma excelente relação com todos”, o que facilita os “processos de resolução de diversos assuntos”. Esta destaca, por exemplo, a importância da “proximidade com a PSP” devido à criminalidade presente no território, contando que “a PSP entra pelo projeto adentro e joga com eles (...) e vai pela rua fora e cumprimenta-os, já têm essa relação aqui no bairro”. Já o coordenador, evidencia o verdadeiro apoio do consórcio, principalmente, em termos de recursos financeiros e materiais. Este salienta que seria importante “termos um apoio cada vez maior da comunidade e da sociedade civil (...)”, envolver entidades na área da saúde, envolver as forças de segurança pública, envolver multinacionais (supermercados/hipermercados), conseguir comunicar mais preponderantemente sobre “(...) aquilo é o projeto (...) o programa Escolhas”, ter consórcios mais envolvidos, ter mais parceiros de ação e ter as empresas envolvidas, esta última, tendo em vista as questões da empregabilidade.

Sobre as propostas de mudança no Programa Escolhas para a próxima geração, os coordenadores/as enumeram aspetos como, por exemplo, a diminuição das questões burocráticas, as candidaturas, o aumento do período dos projetos (2), aumento das gerações, um maior financiamento, a retoma da medida IV (em virtude do atual contexto de pandemia), a criação de uma medida de saúde, a melhoria das condições laborais das equipas, mais recursos humanos, formação ao nível das equipas, maior reconhecimento das equipas técnicas, adaptação de horários e desenho do projeto às necessidades, , adaptação das atividades (tendo em conta a pandemia), maior impacto ao nível da sociedade civil, resgatar a filosofia génese do princípio do Programa Escolhas, *“rebranding”*, capacitação e permissão para a construção da identidade das próprias entidades, maior partilha entre projetos, parcerias ao nível de cooperativas de artes e diferentes meios de comunicação.

Sobre o que é o Escolhas para os coordenadores/as, destacam-se as seguintes afirmações:

“Missão, Escolhas é missão, Escolhas é ... aquele diamantezinho que está lá enfiado na gruta ainda e precisa ser mostrado a toda a gente, (...) com verdadeiro impacto (...) é também aquele megafone que toca na ferida (...) É inclusão também, é empoderamento, é capacitação ... é voz, é força, é irreverência”

“Um pilar para a comunidade”

“Imensamente grata do fundo do coração, porque foram as únicas pessoas que deram oportunidade a estes miúdos de mudar de vida. E eles mudaram mesmo a vida deles. (...) E por isso é que eu vesti a camisola do Escolhas. E enquanto puder visto, porque vi milagres graças ao Escolhas”.

Sobre o que é o Escolhas para os jovens, os coordenadores/as sugerem que:

“Talvez uma catapulta para o futuro... uma ponte sempre direcionada para o futuro (...) é acima de tudo, capacitação, empoderamento, oportunidade e futuro”.

“Mudança de vida radical (...). É o tal antes e o depois do Escolhas”.

Conclusões e recomendações

O objetivo da presente avaliação externa do E7G consistiu em aceder às **percepções** dos diferentes integrantes dos projetos da E7G – **jovens, equipas técnicas dos projetos, entidades gestoras e/ou promotoras** – relativamente ao Programa Escolhas, na sua globalidade, e aos projetos que integram. Numa lógica de triangulação, recorreu-se a uma metodologia mista (qualitativa e quantitativa), procurando complementar-se as percepções dos/as respondentes com os dados resultantes de uma análise quantitativa de indicadores de execução extraídos da plataforma AGIL. Esta abordagem permitiu ter uma visão rica e holística do PE, em geral, e dos projetos da 7ª Geração, em particular.

Globalmente a avaliação que os/as respondentes fazem do Programa, no seu todo, é bastante positiva, sendo-lhe reconhecidas um conjunto de forças e oportunidades. Destaca-se o papel “fundamental” que os projetos têm nos territórios de atuação, numa abordagem integrada e territorializada. Os impactos nos/as jovens e nas suas comunidades, construído num trabalho em rede, com diferentes parceiros, parece ter resultados claros que promovem uma maior inclusão e o combate às desigualdades sociais, nomeadamente se considerarmos o papel deste programa junto de comunidades ciganas. O envolvimento dos/as jovens no planeamento das atividades e o investimento feito para que a sua participação seja mais ativa (por ex., nas AJ) evidencia que o Programa Escolhas tem como resultado global o empoderamento de jovens e das suas comunidades, o que consequentemente se poderá traduzir num conjunto de benefícios a médio e longo prazos para os indivíduos e para as sociedades⁷.

As **recomendações** que a seguir se explicitam derivam, primeiramente, dos resultados obtidos em ambos os estudos, num processo *bottom-up*, em que os elementos integrantes dos projetos informam os/as decisores/as. Adicionalmente, considerou a equipa de avaliação externa tecer também um conjunto de recomendações considerando que a academia deve, igualmente, informar os/as decisores/as, através da identificação de um conjunto de aspetos chave que visem reforçar o Programa enquanto política pública.

⁷ Aflatoun (2019). *Exploring the social and economic empowerment of children and youth: six evidence based strategies*. Amsterdam: Aflatoun International.

As recomendações vão também no sentido do Programa Escolhas poder enquadrar a sua missão, de uma forma mais explícita, naquilo que são os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS), tendo em conta que a sua missão se encontra já enquadrada, pelo menos, no ODS 10 – reduzir as desigualdades – e no ODS 5 – igualdade de género.

Neste âmbito, e de uma forma geral, no que respeita a **aspetos relacionados com a estruturação do próprio Programa Escolhas**, e de acordo com as respostas obtidas a partir dos respondentes aos três questionários, salientam-se de seguida as recomendações passíveis de intervenção mais urgente numa futura geração do PE, no que se refere, nomeadamente:

- À **duração e financiamento** (p. ex., gerações com intervalo mínimo de 3 a 5 anos, a iniciar com o ano letivo; o aumento do financiamento e reembolsos num menor curto de tempo);
- À **sustentabilidade** (p. ex., parcerias estratégicas, como a Segurança social, IEFP e/ou outras entidades locais, e levantamento de todos os recursos atuais de modo a evitar desperdícios, e avaliar a possibilidade de transição de eventuais excedentes financeiros para o ano seguinte);
- À definição de **áreas estratégicas/medidas a incluir na próxima geração**, destacando-se, por exemplo, uma intervenção a pensar nas famílias (por ex., educação para uma parentalidade positiva), a promoção da saúde, bem-estar e qualidade de vida (que podem incluir um leque alargado de ações nomeadamente desportivas), e o reforço de meios que promovam a inclusão digital, sobretudo dadas as circunstâncias atuais associadas à pandemia por COVID-19.

No seguimento das opiniões manifestadas pelos/as participantes, consideramos igualmente, enquanto equipa de avaliação externa, que as três áreas estratégicas devem ser mantidas considerando a sua relevância para a concretização dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável 2030. A educação, a formação e a qualificação, em concreto, continuam a ser uma peça-chave para a inclusão social de muitos dos jovens que não terminaram a escolaridade obrigatória e que são em alguns casos jovens NEET

(*Not currently engaged in Employment, Education or Training*). O reforço de parcerias locais (empresas sediadas nos territórios Escolhas), mas também mais estruturais (por ex., IEFP) devem ser exploradas.

Também a participação ativa dos jovens na sociedade e nos processos que lhes dizem respeito são fundamentais; alguns estudos apontam para o facto de em pessoas menos escolarizadas a probabilidade de votar é menor. Importa, segundo a equipa de avaliação externa, reforçar os exercícios de cidadania já eventualmente implementados em muitos dos projetos, que procurem dar uma maior visibilidade a grupos menos representados, como é o caso de imigrantes ou descendentes de imigrantes e, neste sentido diminuir as desigualdades sociais⁸.

No que respeita à **avaliação dos Projetos Escolhas/PE**, as respostas dos participantes centraram-se, sobretudo:

- Na necessidade de maior facilidade de utilização da plataforma digital AGIL. Este é um recurso importante no âmbito da avaliação do PE e dos projetos, o qual tem associado um manual de utilização. Contudo, tendo em conta que, em várias avaliações externas, é referido por parte dos participantes que a facilidade de utilização da mesma deveria ser aprimorada – incluindo a presente – sugerimos a criação de uma linha de atendimento específica para esclarecimento de dúvidas, e/ou a realização de formações mais regulares acerca desta plataforma tendo os seus utilizadores como destinatários.

No que especificamente concerne à avaliação dos projetos Escolhas, e do próprio Programa Escolhas, recomendamos – enquanto equipa de avaliação externa - a inclusão de uma verdadeira avaliação de impacto realizada por uma entidade externa, com medidas de pré e pós intervenção, com jovens de projetos Escolhas e, idealmente, que inclua também uma amostra de jovens que não participem do PE (i.e., um grupo de comparação), o que permitirá averiguar não só se o programa funciona, mas porque é

⁸ Ribeiro, N. Neves, T., & Menezes, I. (2016). Participação cívica e política de jovens imigrantes e portugueses. *Análise Social*, 211, 822-849.

que funciona, e reforçar a perspetiva de que o Programa Escolhas se constitui como sendo uma intervenção *evidence-based*⁹.

Ainda neste sentido, parece-nos pertinente recomendar o **desenvolvimento (ou revisão) de uma Teoria da Mudança** que se constitua como modelo lógico geral, suportada em definições conceptuais claras e em evidências científicas mais recentes, bem estabelecidas, e transversais do ponto de vista das áreas estratégicas e objetivos definidos, sem prejuízo das idiossincrasias de cada projeto enquanto salvaguarda da validade ecológica a observar. Nesta linha importa delinear diferentes objetivos de curto e médio prazos que possam ser transversais aos diferentes projetos. A Teoria da Mudança permite depois ajudar a planear práticas que sigam uma estrutura SAFE – Sequenciais, Ativas, Focadas e Explícitas –¹⁰ tendo em conta que são estas que, em estudos de meta-análise se destacam como gerando impactos significativos.

Na sequência dos pontos anteriores, consideramos igualmente importante, enquanto equipa de avaliação externa, o **reforço de uma avaliação formativa ou *ongoing*** focada em aspetos-chave, os quais incluem a criação/reforço de indicadores de monitorização sobre: **a) fidelidade/adaptação** (i.e., a intervenção segue o planeado ou foi sofrendo adaptações, quais e porquê), que permite averiguar de que modo é que a intervenção vai sendo implementada; **b) a dosagem** (i.e., quanto é que a criança/jovem recebe da intervenção); e, **c) a qualidade** dessa intervenção. Estes mecanismos têm sido considerados fundamentais na estruturação da explicação do que está por detrás dos impactos positivos esperados. Por esta razão, é também importante criar indicadores intermédios que permitam uma monitorização uniformizada e transversal aos diferentes projetos Escolhas, de modo a ser possível a comparação entre as várias formas de atuação, ainda que se possam registar as devidas adaptações ao plano inicial¹¹. No caso do PE ter já um conjunto de indicadores que vão neste sentido, importa capacitar as equipas ou reforçar essa capacitação – adicionado, por exemplo, ao seu

⁹ Weissberg, R., Kimpfer, K., & Seligman, M (2003). Prevention That Works for Children and Youth. *American Psychologist*, 58 (6/7), 425–432.

¹⁰ Para mais detalhes consultar, por exemplo, Durlak et al (2011). The Impact of Enhancing Students' Social and Emotional Learning: A Meta-Analysis of School-Based Universal Interventions. *Child Development*, 82 (1), 405–432

¹¹ Para mais detalhes consultar por exemplo Durlak (2015). The Impact of Enhancing Students' Social and Emotional Learning: A Meta-Analysis of School-Based Universal Interventions. *Prevention Science*, 16:1123–1127.

manual da AGIL um conjunto de informações que possibilite aos projetos extrair dados que os façam ter uma maior compreensão sobre o processo de implementação informação que lhes seja útil para prosseguir o seu trabalho (por ex., como e quão bem é feita a intervenção ou que obstáculos são mais evidentes e para os quais se possam delinear soluções)¹².

Sendo igualmente a **formação** um dos indicadores de qualidade, sugere-se ainda a criação de blocos de formações-base que garantam, em primeiro lugar, uma *baseline* conceptual que permita, a equipas com enquadramentos profissionais e pessoais muito diferentes, a utilização e compreensão da mesma linguagem comum – sendo a Teoria da Mudança especialmente relevante no âmbito da intervenção comunitária; e, em segundo lugar, o reforço da formação em avaliação de projetos, capacitando as equipas num conjunto alargado de temas. A equipa de avaliação externa sugere a possibilidade de alguns módulos ou blocos de formações possam acontecer em b-learning.

Relativamente aos aspetos relacionados com a **estruturação de cada Projeto Escolhas**, destacam-se, como exemplo de recomendações que emanaram do conjunto de respostas dos participantes:

- O acompanhamento das crianças, jovens e famílias após o término da geração. A este propósito, acrescentamos à perspetiva dos participantes a possibilidade de se considerar a rede de parceiros existentes, ou a possibilidade dos jovens com maior autonomia fazerem um trabalho de mentoria;
- O ajustamento dos espaços físicos do projeto às necessidades e número dos participantes;
- Aspetos relacionados com as atividades desenvolvidas, especificamente quanto à sua variedade, adequação à faixa etária e necessidades concretas, flexibilização de horários, e tipos, sobretudo as de caráter desportivo, cultural e artístico. Neste âmbito, salientamos, enquanto equipa de avaliação externa, a

¹² Sanetti, L., Hagermoser, M., Collier-Meek, M. (2019). *Supporting Successful Interventions in Schools: Tools to plan, evaluate and sustain effective implementation*. London: Guilford.

importância de que as atividades estejam alinhadas com a Teoria da Mudança quer do PE, quer do próprio projeto.

- Procura de soluções com a comunidade (por ex., líderes “naturais” na comunidade) no sentido de diminuir a resistência das famílias/comunidades – aspecto que foi referido por alguns participantes das equipas técnicas – e, consequentemente, promover o seu maior envolvimento procurando que os projetos se constituam como espaços agregadores de experiências e conhecimentos numa lógica sistémica. Muitas vezes as famílias têm recursos limitados (p. ex., uma atividade profissional que não permite uma deslocação ao projeto), ou não se sentem confortáveis num espaço que não conhecem. A figura de dinamizador comunitário deverá ser reforçada neste âmbito, tendo em conta o valor que os participantes lhe atribuem também.
- Encontros Escolhas e intercâmbio de jovens de diferentes projetos Escolhas. Apesar deste ponto ter sido referido, por exemplo, por alguns jovens apenas, parece-nos, enquanto equipa de avaliação externa, que este tipo de atividade transversal é particularmente relevante no reforço de uma identidade comum, e a partilha de modelos de sucesso procurando empoderar, não só crianças e jovens (empoderamento psicológico), mas também um empoderamento das comunidades (empoderamento comunitário) e das próprias estruturas (empoderamento organizacional).

1. A E7G: enquadramento e avaliação

O **Programa Escolhas (PE)** é um programa governamental de âmbito nacional, que foi criado em 2001 (Resolução do Conselho de Ministros, nº4, 2001, de 9 de janeiro). Promovido pela Presidência do Conselho de Ministros e integrado no Alto Comissariado para as Migrações – ACM, IP, enquanto política pública, a sua missão consiste em promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos vulneráveis, visando a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social, numa lógica de proximidade, assente num trabalho em “360 graus” (Lemos, 2012)¹³, sistémico e multidimensional.

Em termos internacionais a aposta na redução do risco surge em países como EUA, Canadá ou Reino Unido, nos anos 90 do século passado. Durante estas décadas têm sido implementados e avaliados um conjunto significativo de programas. Gradualmente a tónica das intervenções tem-se centrado, mais do que no risco, na promoção de fatores que visem a promoção de um desenvolvimento global positivo.

À semelhança do Programa Escolhas, a avaliação de projetos/programas de índole nacional permite que alguns deles se tornem políticas públicas. No Reino Unido, por exemplo, o *Every Child Matters* (Pugh, 2007) tornou-se uma política¹⁴.

Mais recentemente, em Israel foi criado o programa intergovernamental 360º Programme for Children and Youth at Risk que procura de uma forma mais integrada responder às necessidades e encontrar as soluções mais adequadas.

Também o Governo Australiano, por exemplo, traçou uma estratégia a 10 anos (2020-2030) que procura investir num conjunto de medidas, de cariz universal, que visam o empoderamento de crianças/jovens e das suas comunidades¹⁵.

¹³ <https://issuu.com/comunicacaope/docs/handbook>

¹⁴ Para uma análise mais detalhada consultar: France, A., Freinberg, K., & Homel, R. (2010). Beyond Risk Factors: Towards a Holistic Prevention Paradigm for Children and Young People. *British Journal of Social Work*, 1–19. doi:10.1093/bjsw/bcq010

¹⁵ National Action Plan for the health of CHILDREN AND YOUNG PEOPLE. Consultar: [https://www1.health.gov.au/internet/main/publishing.nsf/Content/4815673E283EC1B6CA2584000082EA7D/\\$File/FINAL%20National%20Action%20Plan%20for%20the%20Health%20of%20Children%20and%20Young%20People%202020-2030.pdf](https://www1.health.gov.au/internet/main/publishing.nsf/Content/4815673E283EC1B6CA2584000082EA7D/$File/FINAL%20National%20Action%20Plan%20for%20the%20Health%20of%20Children%20and%20Young%20People%202020-2030.pdf)

1.1. Qual o ponto de partida e metodologia escolhida?

A avaliação de projetos ou programas de intervenção social ou comunitária consiste num processo de identificação e reflexão sobre os seus efeitos e apreciação do seu valor, sendo um instrumento de controlo de qualidade¹⁶.

Mais especificamente, no **Estudo 1** foi feita a aplicação de três questionários *online*: um dirigido a entidades gestoras/promotoras, um dirigido às equipas técnicas (coordenadores/as, técnicos/as, monitores/as e dinamizadores/as), e outro dirigido a jovens adultos (> 18 anos) participantes dos projetos E7G. Os questionários têm por base uma metodologia mista, apresentando um conjunto de questões de resposta fechada e um conjunto de questões de resposta aberta. As mesmas compõem quatro grandes blocos de informação:

- Caracterização dos participantes (por ex., funções, idade, projetos nos quais colaboram/participam);
- Avaliação global do Programa Escolhas e identificação de necessidades de formação;
- Análise SWOT (Forças, Fraquezas, Oportunidades, Ameaças) do PE e sugestões para gerações futuras;
- Avaliação global dos projetos pelos integrantes dos mesmos.

A análise documental foi feita em paralelo pelos elementos da equipa de avaliação externa entre agosto e setembro considerando a informação introduzida até 30 de junho de 2020.

O **Estudo 2** procurou fazer uma **análise em profundidade sobre a vivência no PE, em geral, e nos projetos, em particular**. Considerando a ideia de organização narrativa da

¹⁶ Equipa K'Cidade (2007). Roteiro de Acompanhamento e Avaliação de Projectos de Intervenção Comunitária (GPS). Lisboa: Fundação Aga Khan Portugal.

experiência, foram realizadas entrevistas narrativas, com jovens participantes de três projetos e com os respetivos coordenadores/as.

Com os/as **jovens**, o objetivo do estudo 2 consistiu em:

- **Analisar em profundidade a experiência da sua vivência pessoal no PE e no projeto no qual participam, em concreto.**
- **Devolver resultados do Estudo 1 e explorar as suas perceções acerca dos mesmos, considerando a importância da avaliação participativa¹⁷.**

Com os **coordenadores/as** procurou-se:

- **Analisar em profundidade a experiência da sua vivência pessoal no Escolhas, tendo em conta a sua experiência no programa ao longo de diferentes gerações.**
- **Aceder às suas perceções acerca dos impactos do PE nos jovens.**
- **Explorar quais são as sugestões para a próxima geração Escolhas.**

O Estudo 2 consistiu, assim, na elaboração de nove entrevistas narrativas individuais: três entrevistas a coordenadores/as de três dos projetos financiados e seis entrevistas a jovens com idades superiores a 18 anos (dois jovens de cada um dos projetos). Para o efeito foi criado um guião semiestruturado facilitador do processo narrativo, que simultaneamente permitisse criar um tronco comum à organização narrativa dos vários participantes.

Com base no histórico de relatórios de avaliação externa de diferentes gerações de projetos Escolhas, foi assim traçada uma linha orientadora de forma a ser possível obter uma visão rica e integradora do processo de avaliação, recorrendo-se para o efeito a uma triangulação metodológica e dos dados.

¹⁷ Consultar por exemplo Equipa K' Cidade (2007). Roteiro de Acompanhamento e Avaliação de Projectos de Intervenção Comunitária (GPS). Lisboa: Fundação Aga Khan Portugal.

1.2. Qual foi o procedimento e os instrumentos escolhidos para o Estudo 1?

Para o Estudo 1 foram construídos três questionários: um para jovens maiores de 18 anos¹⁸, participantes dos projetos; um para a equipas técnicas (coordenadores/as, técnicos/as, dinamizadores/as comunitários/as e monitores/as); e um outro para as entidades (promotoras e/ou gestoras).

Os questionários foram desenvolvidos numa plataforma digital (*Qualtrics*) durante o mês de julho e enviados por *e-mail* para todos os intervenientes acima referidos, entre os dias 1 e 2 de agosto, tendo sido dado um prazo de participação até ao dia 21 de agosto. O *link* para participação no questionário dos/as jovens foi enviado aos/às coordenadores/as e técnicos/as tendo-lhes sido pedido para que o divulgassem junto dos mesmos. O tempo estimado de participação nos questionários variou entre os 12 (no questionário dos/as jovens) e os 20 minutos (questionário dos/as coordenadores/as e técnicos/as).

De uma forma global, os questionários têm uma estrutura semelhante entre si, diferindo apenas na formulação dos itens conforme o destinatário a que se dirigem. Todos incorporam uma primeira parte introdutória, onde os/as participantes são informados/as sobre a finalidade da avaliação, a garantia de confidencialidade e anonimato, bem como a participação voluntária, a ausência de consequências negativas, tempo estimado de resposta e o contato em caso de necessidade de mais informações.

A segunda parte apresenta um conjunto de questões que visam a caracterização dos/as participantes (e.g., “O projeto onde trabalha/está envolvido pertence a que distrito?”). O segundo bloco composto por questões de perceção do/a respondente sobre o Programa Escolhas (PE), na sua globalidade, e necessidades identificadas (e.g., “De forma global, até que ponto considera que as Medidas (I, II, III) são adequadas para os

¹⁸ A opção por jovens maiores de 18 anos prende-se com o facto de deste modo não ser necessário pedir ao representante legal/encarregado de educação consentimento para participação.

problemas aos quais o Programa Escolhas pretende responder?” e “No seu projeto, os objetivos definidos por medida (I, II, III) são concretizados?”). O terceiro bloco, faz o levantamento daquela que é a avaliação do projeto no qual o/a respondente está envolvido/a (e.g., “Em que medida considera que os objetivos definidos para o seu projeto foram concretizados, em 2019”). E por fim, o quarto bloco, que consiste na avaliação global do PE e recomendações para as próximas gerações (e.g., “Qual a avaliação global que faz do Programa Escolhas?”. Excetua-se o terceiro bloco (avaliação do projeto no qual está envolvido) no caso do questionário dos/as jovens, tendo este apenas os blocos 1, 2 e 4, adaptados em termos de linguagem e estrutura a este público.

As bases foram exportadas para o software estatístico *SPSS* no dia 21 de agosto e os dados foram analisados. As respostas abertas foram sujeitas a uma análise temática.

1.3. Quem participou no Estudo 1?

Para efeitos de amostra final, foram considerados/as 126 jovens, 96 coordenadores/as, 107 técnicos/as, 29 monitores/as e 23 dinamizadores/as, perfazendo um total de 381 participantes, e 71 instituições, das quais 19 são entidades promotoras, 18 são entidades gestoras, e 34 representam-se como promotoras e gestoras (Gráfico 2).

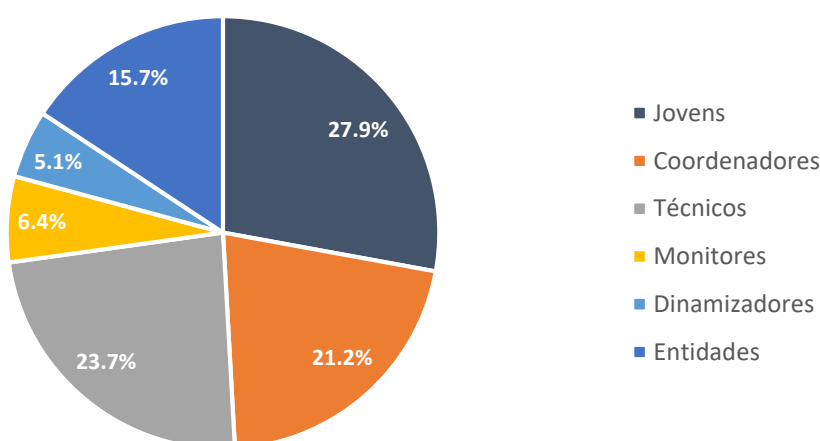


Gráfico 2. Amostra total de respondentes

Em termos da sua distribuição por distrito, a maior percentagem de respondentes é oriunda de projetos situados no distrito de Lisboa. Relativamente aos/às monitores/as são sobretudo oriundos/as dos distritos de Lisboa e Braga e os/as jovens pertencem a projetos maioritariamente localizados nos distritos do Porto e Braga (Gráfico 3).

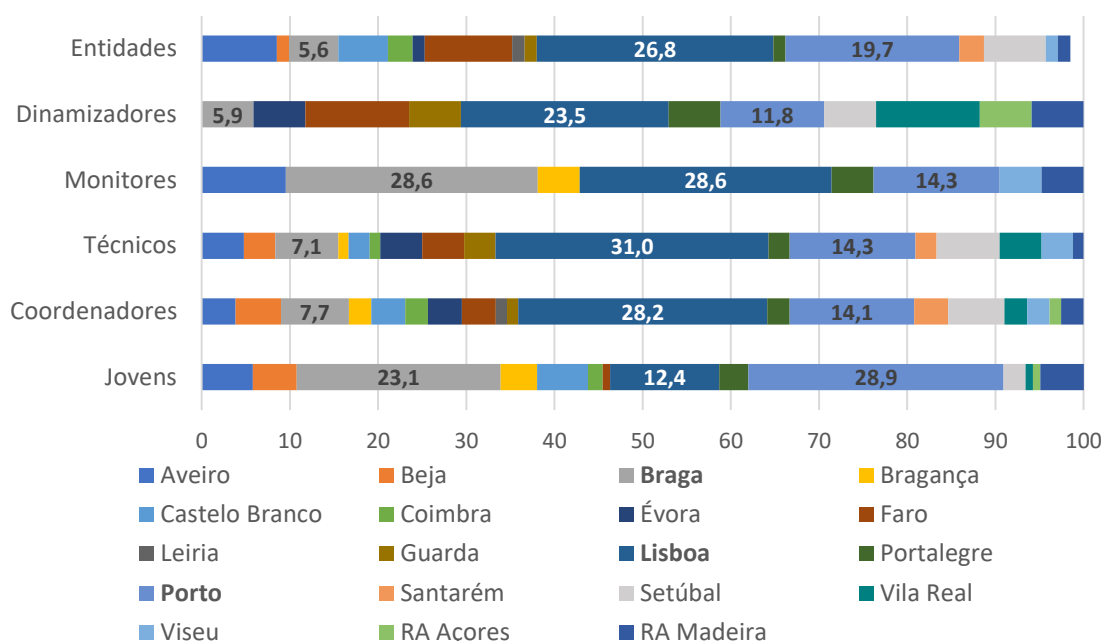


Gráfico 3. Distribuição dos/as respondentes por distrito (em percentagem)

Na primeira tranche de dados relativamente aos/às **jovens**, foram analisados os dados referentes a 126 participantes, após a exclusão dos acessos/entradas devido a: a) abandono após consentimento (N=3); b) não terem pelo menos 18 anos de idade (N=4); e, c) dois respondentes pela forte possibilidade de pertencer às equipas técnicas/entidade associada ao projeto indiciada pelas respostas a algumas das perguntas. A análise dos referentes a esta primeira amostra de jovens participantes foi apresentada no Relatório Preliminar entregue em agosto de 2020.

Uma vez que os questionários permaneceram acessíveis até 21 de agosto de 2020, foram recolhidas participações adicionais. No total, em todo o período de recolha de dados através deste questionário, foram registadas 197 entradas. No entanto, e tal como sucedeu com a primeira tranche de dados analisados, várias tiveram de ser excluídas da base de dados final devido aos mesmos fatores já acima indicados: a) abandono após consentimento (N=47); b) respondentes com idade inferior a 18 anos

(N=4); e, c) respondentes que indicaram pertencer às equipas técnicas/entidade associada ao projeto (N=20).

Assim, a amostra final é constituída por 126 jovens, sendo 52.4% do género feminino, e 47.6% do género masculino. A idade média dos/as participantes foi de 21.94 anos (DP = 5.32), sendo a idade mínima de 18 anos e, a máxima, de 47. Ainda nesta linha, e conforme se pode observar pelo gráfico abaixo, a grande maioria dos/as respondentes encontra-se na faixa etária entre os 18 e os 25 anos (82.54%); contudo, uma proporção assinalável da amostra (cerca de 12%) encontra-se na faixa etária entre os 26 e os 33 anos (Gráfico 4).

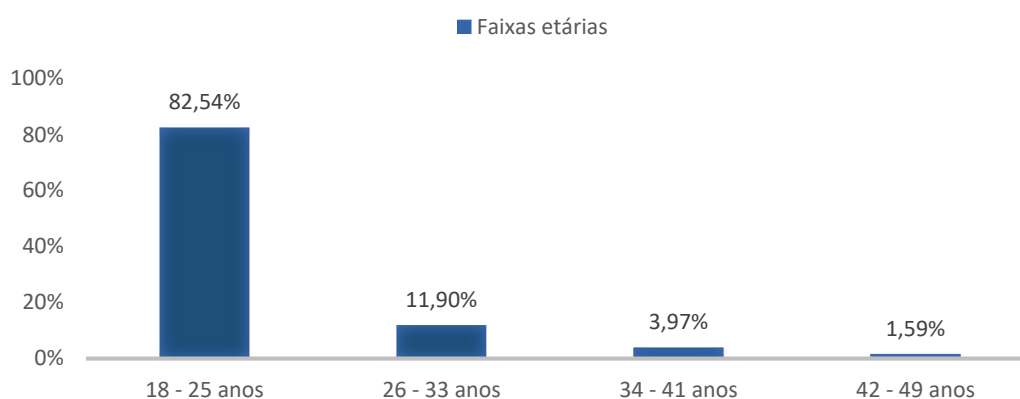


Gráfico 4. Distribuição dos jovens por faixas etárias

A maioria dos/as jovens participantes tem nacionalidade portuguesa (87.3%), sendo os de nacionalidade pertencente a um dos outros países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) os que se encontram mais representados em segundo lugar (7.9%). Para além disso, 3.2% da amostra indicou também deter dupla nacionalidade (2.4% são de nacionalidade Portuguesa e de outro país da CPLP, e 0.8% é de nacionalidade Portuguesa e outro país na América do Norte).

No que se refere ao país de origem, 83.3% dos/as jovens da amostra indica ter nascido em Portugal, enquanto 11.90% nasceu num outro país pertencente à CPLP (e.g., Angola, Brasil, São Tomé e Príncipe). A proporção de respondentes que nasceu noutros países da EU (1.60%), ou do continente africano (0.80%), é bastante inferior às daquelas duas principais categorias.

No que se refere às habilitações escolares/profissionais, a maioria indicou deter o Ensino Secundário (48.41%), sendo o 3.º Ciclo (9.º ano) o segundo nível habilitacional mais frequente (37.30%). A percentagem de jovens que concluiu um curso de ensino superior é, por comparação, bastante baixa: 5.56% concluíram uma licenciatura, e apenas cerca de 0.8% um mestrado. Por outro lado, os dados revelam igualmente que 44.40% da amostra não detém a atual escolaridade mínima obrigatória (Ensino Secundário).

Quando questionados/as relativamente à sua ocupação atual, mais de metade dos/as jovens da amostra indica ser estudante (28.57%), trabalhador/a (27.78%), ou trabalhador/a estudante (4.76%). A proporção conjunta de participantes que se encontram desempregados (20.63%), e que não trabalha, nem estuda (17.46%), é de 38.09%.

Para além do número de respostas elegíveis não ter acrescido de forma assinalável, também 6 dos 20 Distritos portugueses continuaram sem qualquer representação na amostra. Tal como já observado a propósito do Relatório Intercalar, a maior parte dos respondentes encontra-se a frequentar projetos nos Distritos do Porto (27.00%) e Braga (23.80%), continuando o Distrito de Lisboa em terceiro lugar em número de participantes (13.50%), observando-se uma ligeira subida nesta última proporção por comparação com os dados anteriormente reportados.

Vários dos/as participantes têm beneficiado do Programa Escolhas desde há várias gerações. Daqueles que indicaram claramente o número de anos em que se encontram a frequentar um projeto Escolhas (N = 115) fazem-no, em média, há cerca de 5 anos (M = 4.77; DP = 4.03), variando entre os 3 meses e os 18 anos.

A maior parte (57.1%) refere que conheceu o projeto através de um familiar ou amigo, ou da escola (25.4%), enquanto uma proporção mais pequena indicou ter sido uma outra entidade a apresentar-lho (13.5%).

Relativamente às **equipas técnicas** participaram um total de 255 elementos, dos quais 96 (37.6%) são coordenadores/as, 107 são técnicos/as (41.9%), 29 (11.4%) são monitores/as e 23 (9%) são dinamizadores/as.

Relativamente à idade, os/as coordenadores/as e os técnicos/as participantes apresentam uma idade mínima de 19 anos e idade máxima de 59, sendo a idade média dos/as primeiros/as de, aproximadamente, 35 anos ($M = 35.26$, $DP = 7.49$) e dos/as técnicos/as de 33 ($M = 32.92$, $DP = 6.98$). Relativamente ao género, 80.9% e 77.4%, respetivamente, são do género feminino.

No caso dos/as dinamizadores/as, a média de idades é de 22 anos ($M = 22.29$, $DP = 4.21$) sendo também maioritariamente do género feminino (52.4%). Os/as monitores/as apresentam uma idade que varia entre os 18 e os 52 anos, sendo a média de idades de 30 ($M = 30.22$, $DP = 7.21$). Relativamente ao género, 56.5% são do género masculino.

A totalidade dos/as coordenadores/as e cerca de 95.3% dos/as técnicos/as têm nacionalidade portuguesa. Apenas três técnicos/as têm nacionalidade cabo-verdiana. Um dinamizador é romeno e os restantes têm nacionalidade portuguesa. Os monitores têm maioritariamente nacionalidade portuguesa (65.5%), três têm nacionalidade brasileira e um/a é angolano/a.

Relativamente às habilitações, 41.7% dos/as coordenadores/as tem mestrado e 47.9% uma licenciatura; 35.5% os/as técnicos/as refere ter mestrado, 42.1% uma licenciatura, e 15.9% o 12º ano. Os/as dinamizadores/as têm maioritariamente o 12º ano (73.9%); relativamente aos monitores, cerca de metade (48.3%) refere ter o 12º ano, 17.2% uma licenciatura e 13.8% mestrado.

Tal como explicitado anteriormente, a maioria dos/as participantes exerce funções em projetos que se situam em Lisboa: 26% dos/as coordenadores/as, 33.6 dos/as técnicos/as e 17.4% dos/as dinamizadores/as e 20.7% dos/as monitores/as, apesar de 24.1% destes últimos referirem ser do distrito de Braga. Ainda, 14.6% dos/as coordenadores/as e 15.9% dos/as técnicos/as refere pertencer ao distrito do Porto. Relativamente aos/as dinamizadores/as, 21.7% são também do distrito do Porto e 13% do distrito de Faro.

Quando questionados/as sobre há quanto tempo exercem funções no projeto, este varia: nos/as coordenadores/as, entre um mês a 15 anos e cinco meses; nos/as

técnicos/as entre um mês a 13 anos e oito meses; nos/as dinamizadores/as, entre sete meses a dois anos e, por fim, nos/as monitores, entre seis meses a seis anos.

No que às **entidades** diz respeito, a amostra é constituída por 71 instituições, das quais 19 (26.8%) são entidades promotoras, 18 (25.4%) são entidades gestoras, e 34 (47.9%) representam-se como promotoras e gestoras. Destas, são ainda entidades parceiras de outros projetos 14 em 71 (19.7%). As Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) são o tipo de instituição mais representada (31 em 71 – 43.7%) e no que se refere ao setor de atuação, a maioria das instituições abrange a área social.

Das 71 entidades respondentes, 53 (74.6%) já tinham estado ligadas ao presente projeto em gerações anteriores, 7% na 1ª geração, 14.1% na 2ª geração, 23.9% na 3ª geração, 32.4% na 4ª geração, 43.7% na 5ª geração e 70.4% na 6ª geração.

Em relação ao envolvimento nos projetos, 63 das 71 (88.7%) entidades estão envolvidas em apenas um projeto, havendo entidades que têm 2 e 3 projetos e ainda um único caso envolvido em 7 projetos.

Relativamente aos projetos aos quais as entidades estão envolvidas, estas englobam-se sobretudo nas áreas estratégicas *Educação, Formação e Qualificação*, *Emprego e Empreendedorismo*, e *Dinamização Comunitária, Participação e Cidadania* (Gráfico 5).

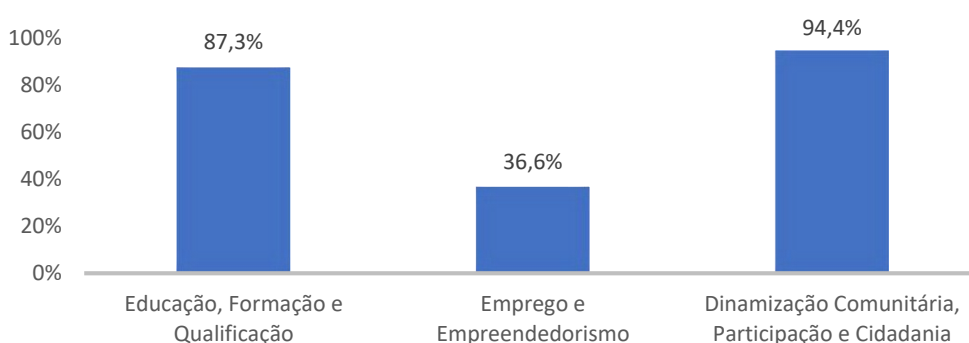


Gráfico 5. Distribuição dos projetos aos quais as entidades estão envolvidas por áreas estratégicas

1.4. Qual foi o procedimento e os instrumentos escolhidos para o Estudo 2?

O estudo 2, de carácter qualitativo, foi pensado sob a forma de entrevista semiestruturada com base em dois guiões, um para jovens e outro para coordenadores. Estes dois guiões foram contruídos contemplando ambos, na sua estrutura, as questões de maior pertinência e amplitude exploratória. Cada guião compreende cinco secções, nomeadamente, dinâmica de iniciação, caracterização do participante, Projeto Escolhas, resumo da informação recolhida e, por último, agradecimento da participação (ver em Anexo VV). A primeira secção, dinâmicas de iniciação, diz respeito a um conjunto de passos prévios ao iniciar o contacto com o participante, com o objetivo de facilitar o diálogo e interação com o mesmo. Os passos incluem em uma dinâmica de quebra gelo, na apresentação do entrevistador e objetivos da entrevista, e, neste caso, o pedido de autorização para gravação da entrevista para efeitos de recolha de dados. A segunda secção, caracterização do participante, comporta algumas questões de dados pessoais, tais como, idade, ocupação e/ou uma breve apresentação do entrevistado, salvaguardando quaisquer detalhes que possam identificar de alguma forma o participante fora do contexto da entrevista. A terceira secção, Projeto Escolhas, alberga diversas questões sobre o projeto/Programa Escolhas, que diferem conforme seja o guião para jovens ou coordenadores. São exemplo de questões, respetivamente, para jovens e coordenadores, as seguintes: “Se não tivesses passado pelo Programa Escolhas/por este projeto em concreto, o teu percurso de vida teria sido diferente?” e “Como avalia o envolvimento dos jovens no projeto que coordena?”. A quarta secção, resumo da informação recolhida, corresponde ao momento em que o entrevistador faz uma pequena síntese dos tópicos abordados e questiona o participante se “Há algo mais que queiras acrescentar ou alguma parte que queiras clarificar?”. Por fim, a quinta secção, agradecimento da participação, em é feito um reconhecimento ao participante pela seu contributo e disponibilidade.

As entrevistas foram operacionalizadas online por meio da plataforma de videoconferência *Zoom*. Todas as entrevistas foram agendadas previamente, com os respetivos participantes e feitas individualmente, garantindo a confidencialidade e

anonimato. Foi também pedido o consentimento para gravação com o objetivo único de transcrição posterior para análise de informação. O período de entrevistas decorreu entre dia 2 e 7 de setembro, com uma duração que variou entre 30 min. a 1h15min.

1.5. Quem participou no estudo 2?

Para o estudo 2, a amostra total é de nove participantes, dos quais três coordenadores/as e seis jovens (dois por projeto ou seja, dois são da zona Norte, 2 do Centro e 2 do Sul do país.. A seleção dos/as participantes obedeceu a três critérios, designadamente, projetos com um histórico de financiamento já longo, no âmbito do Escolhas, projetos que geograficamente se localizam em diferentes pontos do país (projetos de norte a sul, litoral e interior; rural e urbano) e com diferentes características populacionais (uma maior diversidade cultural – comunidades africanas e comunidades ciganas em particular).

Sobre a caracterização dos/as coordenadores/as entrevistados/as, duas são do género feminino e um do género masculino. Uma das coordenadoras – identificada como coordenadora 1 – encontra-se no Escolhas há treze anos (desde a 3ª Geração do PE, 2006 – 2009). Uma outra coordenadora – identificada como coordenadora 2 – exerce funções em projetos Escolhas há sete anos. Tendo começado como monitora de informática, passou a técnica durante este período e em 2017 tornou-se coordenadora. O coordenador – adiante designado por coordenador 3 –, assumiu funções de coordenação em março de 2019. Segundo afirma, “sempre estive ligado a este projeto desde o final da 4ª geração”; na 5ª e 6ª gerações exerceu funções de monitor CID, e na 6ª geração também já como técnico.

No que diz respeito à caracterização dos/as jovens, quatro dos/as seis jovens são do género feminino e dois do género masculino, tendo idades compreendidas entre 19 e 29 anos. A janela temporal de entrada destes/as jovens em projetos Escolhas vai desde a 2ª geração até à 5ª geração, tendo jovens com início na 2ª, 3ª e 5ª gerações. Dos/as 6 jovens, duas assumem, atualmente, funções de monitores/as nos seus respetivos projetos.

De seguida apresenta-se uma descrição dos três projetos selecionados para o estudo 2 (Tabela 1).

Projeto	Características
Projeto 1	Território de intervenção: Zona sul do país (rural) Historial: Intervenção desde a 3ª Geração Tipo de público com quem trabalha: quase exclusivamente comunidades ciganas
Projeto 2	Território de intervenção: Zona Norte do país (urbano) Historial: Intervenção desde a 1ª Geração Tipo de público com que trabalham: maioritariamente crianças e jovens portuguesas e descendentes de imigrantes.
Projeto 3	Território de intervenção: Zona centro do país (urbano) Historial: Intervenção desde a 4ª Geração Tipo de público com quem trabalha: quase exclusivamente com descendentes de imigrantes

Tabela 1. Caracterização dos projetos selecionados para o Estudo 2

2. Quais os resultados do Estudo 1?

2.1. Avaliação do Programa Escolhas (PE)

De seguida apresentam-se os resultados obtidos junto de entidades, equipas técnicas e jovens sobre um conjunto de indicadores gerais do PE.

2.1.1. Avaliação global do PE

Globalmente, entidades e equipas técnicas fazem uma **avaliação geral positiva do Programa Escolhas** (valor Min=1 Max=5 da escala de resposta) (Gráfico 6).

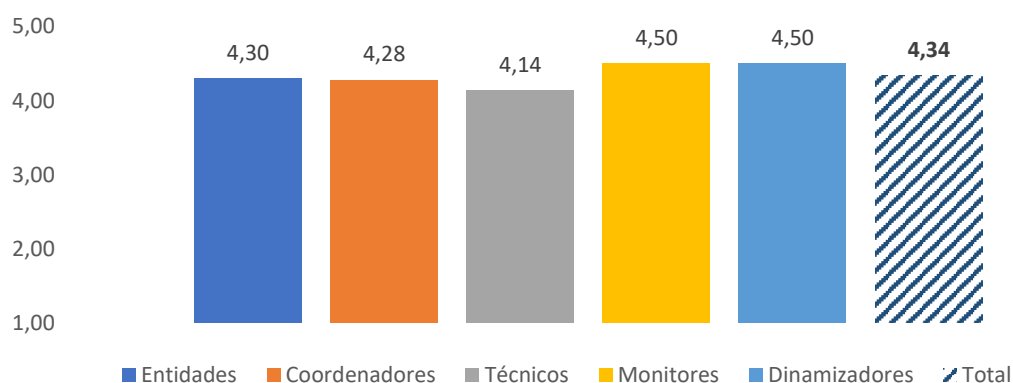


Gráfico 6. Avaliação global do PE pelas entidades e equipas técnicas

De seguida apresentam-se resultados sobre a avaliação que os diferentes respondentes fazem relativamente: à capacidade de resposta do PE; às medidas/áreas estratégicas; à duração e população-alvo do PE; aos/às Dinamizadores/as comunitários/as; aos Centros de Inclusão Digital (CID); às Assembleias de Jovens (AJ); às necessidades de formação. Apresenta-se por último os resultados de uma análise SWOT (forças, fraquezas, oportunidades e ameaças) dos diferentes respondentes e um conjunto de recomendações para as gerações futuras extraídas das respostas abertas dos/as respondentes.

2.1.2. Capacidade de resposta do Programa Escolhas (PE)

Com base nos dados recolhidos até à data (Gráfico 7), é possível constatar que, globalmente, **entidades e equipas técnicas** (coordenadores, técnicos, monitores e dinamizadores) consideram que **o Programa Escolhas tem conseguido dar resposta aos problemas do reforço da coesão social, da não discriminação, da igualdade de oportunidades, da igualdade de género, da inclusão de crianças e jovens provenientes de contextos sociais mais vulneráveis**.

No caso dos/as **jovens**, quando questionados acerca dos **objetivos gerais/aspectos que o projeto que frequentam tem conseguido atingir/promover**, os/as participantes consideram que são sobretudo conseguidos a **inclusão social de crianças e jovens de contextos sociais mais vulneráveis** (86.5%) e a **promoção de igualdade de oportunidades para os seus participantes** (84.9%). No que se refere aos aspetos que os respetivos projetos menos têm conseguido promover, destacam-se a promoção de uma maior igualdade de género (62.7%) e o aumento da coesão social (69.8%).

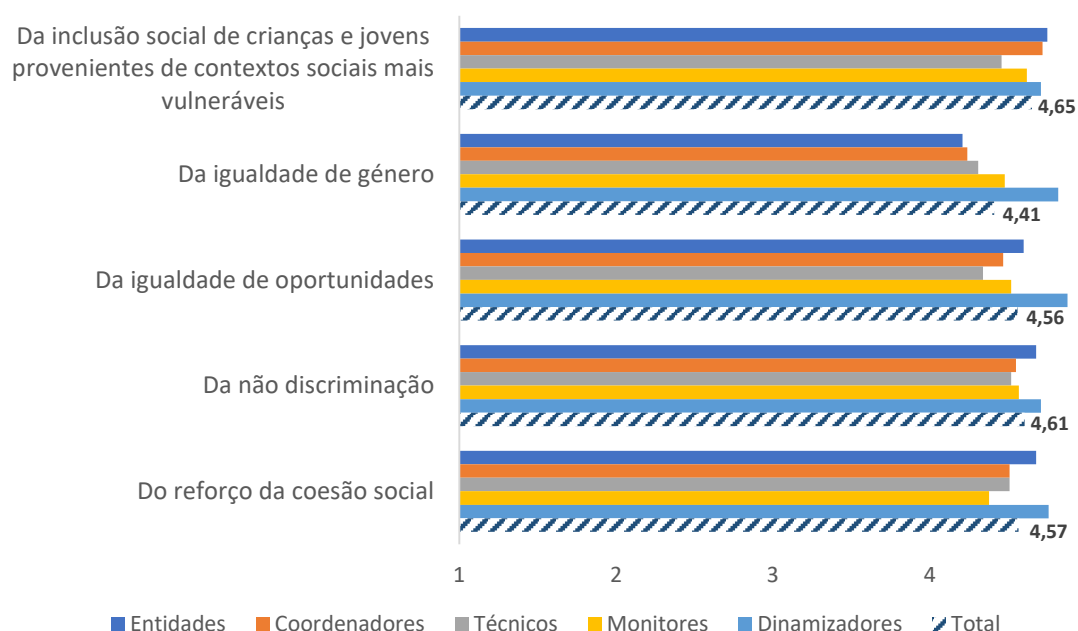


Tabela Gráfico 7. Perceção da concretização dos objetivos do Programa Escolhas

2.1.3. Medidas e áreas estratégicas

Sobre se consideram que as medidas I, II, e III são adequadas aos problemas aos quais o Programa Escolhas pretende responder, globalmente todos os respondentes referem que são adequadas (Gráfico 8).

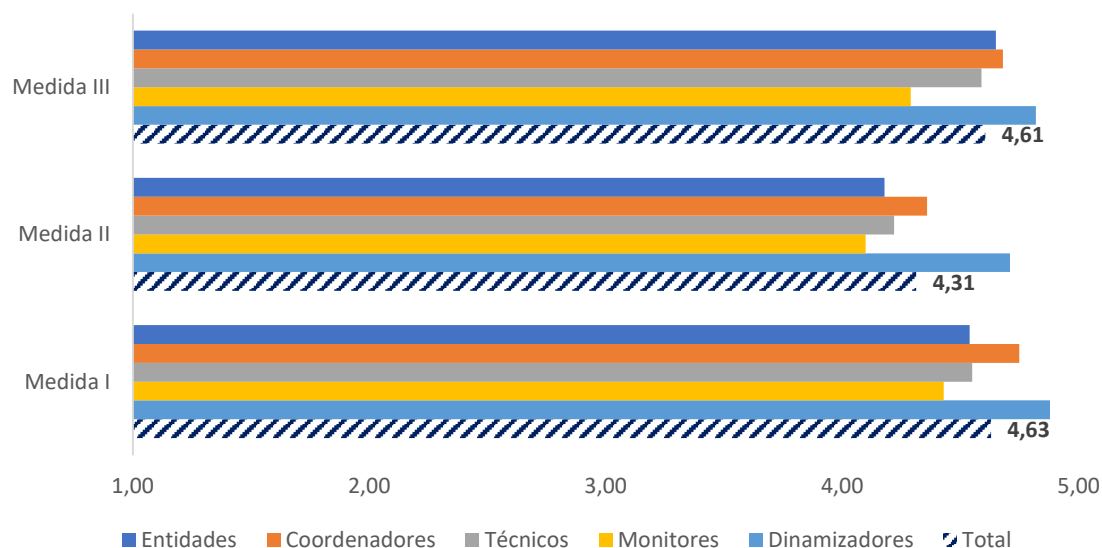


Gráfico 8. Percepção sobre a adequabilidade das Medidas (I, II, III)

Sobre se a alteração de cinco áreas estratégicas para três foi “boa”, globalmente todos/as os/as respondentes concordam com esta alteração (Gráfico 9).

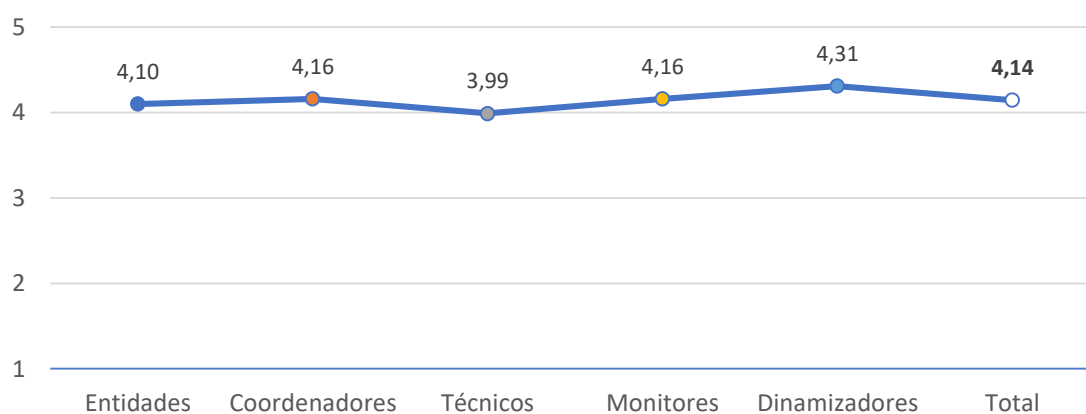


Gráfico 9. Percepção de uma avaliação positiva da alteração das áreas estratégicas

2.1.4. Duração do PE e faixa etária da população-alvo

Foi solicitado às entidades e equipas técnicas que se posicionassem sobre a adequação da faixa etária da população escolhida, i.e., crianças e jovens dos 6 aos 25 anos. A maior parte considera que esta é adequada (69.3%), no entanto, 26.7% dos/as inquiridos/as não concorda. Os/as que referem não se adequar sugerem de forma mais expressiva o aumento da idade máxima até aos 30 anos, mantendo a mínima nos 6 anos.

Sobre a **duração da geração do Programa Escolhas**, uma percentagem expressiva de respondentes considera a atual duração como “claramente insuficiente” ou “insuficiente” (Gráfico 10).

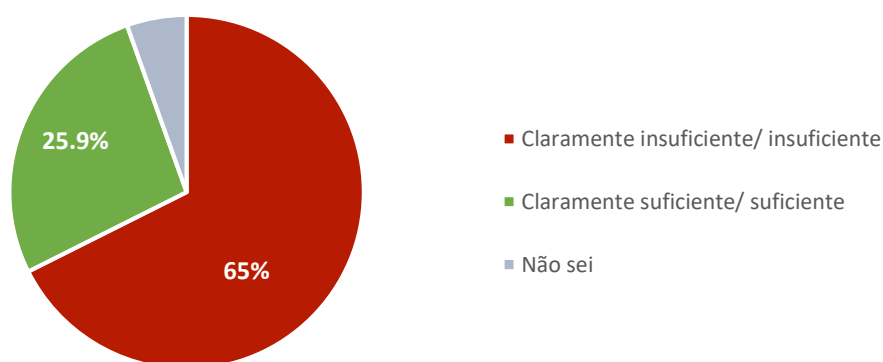


Gráfico 10. Perceção sobre a duração do PE

Destes, cerca de 14,9% dos/as respondentes das equipas técnicas considera que os projetos deveriam ter uma duração de 3 anos, 14.5% refere 5 anos e 6.27% refere 3-4 anos. Já nos que se refere às entidades, estas sugerem um mínimo de 3 anos de intervenção, variando expressivamente, o máximo entre 4 ou 5 anos.

2.1.5. Dinamizadores/as Comunitários/as

Os/as dinamizadores/as comunitários/as estão presentes em 50.6% dos 101 projetos e são considerados/as pelos elementos das equipas técnicas como tendo um papel importante na intervenção [M = 75.74, DP = 25.65, Min. = 0 (nada importante), Max= 100 (muito importante)]. Considerando os/as participantes das equipas técnicas, a

percepção desta importância varia entre participantes que referem ter um/a dinamizador/a no seu projeto e os que referem não existir ($M = 83.6$ e $M = 64.8$, respetivamente, numa escala de 0 = nada importante a 100 = muitíssimo importante).

A maior parte dos/as respondentes concordaram que a presença dos/as dinamizadores/as comunitários/as é imprescindível (52.2%) ainda que 20% discorde; os/as restantes não concordam nem discordam (11.8%) e 7.1% não sabe ou não tem conhecimento sobre a presença dos/as dinamizadores/as. Em referência ao perfil dos/as dinamizadores/as comunitários/as previsto no regulamento ser adequado, mantém a concordância de 53.7% dos elementos das equipas técnicas. Apenas 12.2% discorda desta adequação, 15.7% não concorda nem discorda, e 9.4% não sabe ou não tem conhecimento.

Quando questionados/as sobre por que razão consideram que o perfil definido para o/a dinamizador/a comunitário/a pode não ser adequado, referem a necessidade de rever os seguintes aspetos (por ordem de frequência em termos das respostas dadas):

- **As exigências requeridas:** “A necessidade de terminar a escolaridade obrigatória durante a vigência do projeto, a par do trabalho desenvolvido e do próprio desenvolvimento de competências pessoais, sociais e de empregabilidade é uma sobrecarga que não faz sentido”. “Com todos os requisitos torna-se difícil a seleção de um ou uma jovem para o papel de Dinamizador Comunitário. Por vezes, existem jovens que poderiam ser enquadrados neste papel e não podemos por causa da escolaridade, ou pelo facto número de horas de trabalho”. “Deveria ser mais flexível. Há jovens que têm capacidades de ser dinamizadores, mas não têm capacidade ou condições de fazer a formação exigida (ou de estar no primeiro ano). “Deveria ser visto mais caso a caso e não de acordo com a fase da vida em termos de formação. Porque não pode ser um jovem que trabalhe em part-time? ou em trabalhos sazonais?”.
- **A faixa etária/idade do/a dinamizador/a:** “Maior abertura em relação a idade e escolaridade. Que a escolha possa ser feita de acordo com o perfil da pessoa e não pela idade”. “considero que a idade poderia ser um pouco mais alargada. “Porque em função dos projetos assim pode ser mais importante abranger

jovens mais novos ou até mais velhos, estes que podem ser os verdadeiros líderes locais. Pelo que a escolaridade e a idade deveria ser mais abrangente.”

- **Requisitos formativos/escolaridade:** “ter uma formação académica ao nível do 12º ano ou superior e ser muito mais adequada à função em causa e ao perfil necessário na prática”. “O facto de haver sempre um nível de escolaridade mínimo associado limita, muitas vezes, a escolha”. “Deixar de ter a obrigatoriedade de não ter o 12º ano”. “O perfil do dinamizador não deveria estar condicionando ao ano escolar que se encontra a frequentar e/ou que pretende atingir”. “A importância de abrir a outro perfil de jovens a quem esta função possa alavancar o seu projeto de vida”. “O perfil deveria ser mais aberto, dando mais importância às características pessoais e sociais do Dinamizador e não tanto na sua faixa etária ou formação.

O perfil requerido torna difícil encontrar candidatos/as: “ser um elemento da comunidade, com motivação para o trabalho com as crianças, alinhamento com as funções pretendidas e sentido de responsabilidade e compromisso é uma dificuldade extrema”; “Deveria ser mais flexível. Há jovens que têm capacidades de ser dinamizadores, mas não têm capacidade ou condições de fazer a formação exigida (ou de estar no primeiro ano). Deveria ser visto mais caso a caso e não de acordo com a fase da vida em termos de formação. Porque não pode ser um jovem que trabalhe em part-time? ou em trabalhos sazonais?”. “Se olharmos no geral para o perfil do Dinamizador Comunitário, o perfil deste parece-nos adequado. Contudo, na prática o mesmo não se aplica. Nós sentimos isto no nosso projeto, o que devido às características solicitadas para nós foi um pouco difícil encontrar um DC. A maior parte da nossa população entre os 18 e os 30 anos de idade não têm o 9º ano de escolaridade.

- **Orientações:** “Porque é um elemento fundamental com muitas exigências que prejudicam a sua dedicação e desempenho das funções dentro da equipa, para além do que por ser alguém que ainda está em formação carece de muito apoio das equipas técnicas, ou seja não se sente nem muito confiante nem muito autónomo porque as orientações que tem não são claras por parte do programa”.

2.1.6. Assembleias de Jovens (AJ)

No que especificamente se refere às **Assembleias de Jovens (AJ)**, a grande maioria dos/as **respondentes jovens** (83.47%) é da opinião de que se tratam de momentos muito relevantes da sua participação no projeto, uma vez que avaliam como “Muito importante” (48.76%) ou “Importante” (34.71%) delas fazer parte (Gráfico 11).

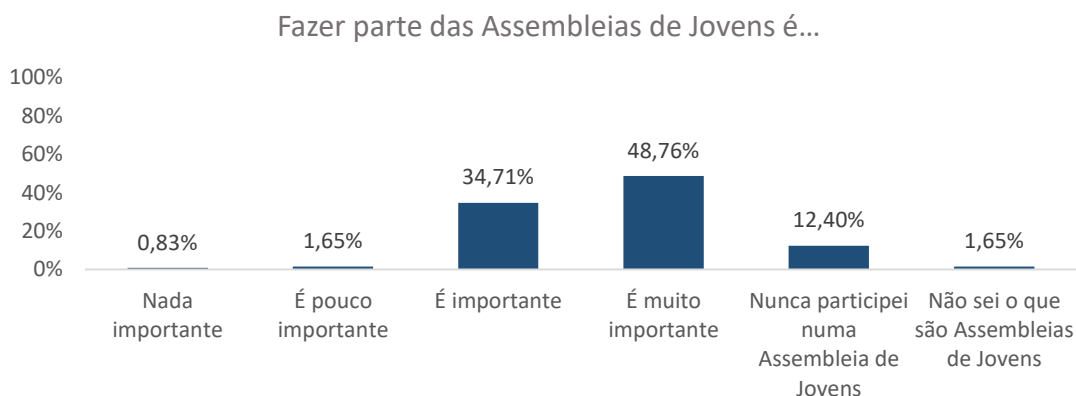


Gráfico 11. Distribuição do grau de importância que os jovens atribuem à Assembleia de jovens.

Quando questionados sobre o porquê de ser importante a sua participação nas AJ, os/as jovens referem-se sobretudo: aos aspetos estruturais do projeto em que participam juntamente com a equipas técnicas (por ex., proposta de atividades), a aspetos relacionais/clima do projeto, sendo disso exemplos, uma maior responsabilização e envolvimento e ter uma voz ativa, e o facto de potenciar o desenvolvimento de uma identidade social positiva, através da sua capacitação e empoderamento (Tabela 2).

Tabela 2: Razões pelas quais os jovens consideram as Assembleias de Jovens Importantes (por ordem decrescente de frequência)

Categoria	Sub-Categoria	Frequência	Citações
Aspetos estruturais do projeto	- Proposta/criação de novas atividades	31	"Damos ideias para fazer outras atividades" "Podemos ajustar as atividades do projeto a nós" "Sugerir atividades que sejam possíveis realizar"
	- Planeamento e avaliação do projeto	21	"avaliação dos resultados" "organização" "É onde todos dão a sua opinião do que se pode (...) melhorar" "Preparação de atividades"
	- Identificação e Resolução de problemas do projeto	9	"Identificar problemas e soluções dentro do projeto" "Porque é um momento em que se pode resolver os problemas"
	- Informações sobre o projeto	9	"(...) assim sabemos quais são os próximos passos que vamos dar com o projeto" "Para saber do que irá ser feito no projeto (...) " "Conhecer melhor as atividades" "Estar a par das novidades"
	- Levantamento de necessidades	4	"Para que o projeto saiba melhor as nossas necessidades para ir de encontro a estas" "A equipas técnicas ter noção de quais são as necessidades dos participantes"
	- Informações gerais	4	"Esclarecer dúvidas" "Recebemos outras informações importantes"
Aspetos relacionais/clima do projeto	- Ter uma voz ativa/ a oportunidade de partilhar opiniões/ideias, de uma forma geral	46	"Temos uma opinião e a mesma é ouvida." "Partilha de ideias" "ouvir a nossa opinião" "Representar os jovens"
	- Ajuda à equipas técnicas/projeto	8	"Ajuda os monitores e o coordenador" "Porque ajudamos o projeto a fazer mais coisas"
	- Momento de convívio/partilha	7	"pela partilha de atividades" "é uma forma de convívio" "partilha de experiências"
	- Tomadas de decisão [conjuntas]	6	"Obrigá-nos' a tomar decisões sobre o projeto" "Para haver concordância" "Somos nós a decidir as coisas"
	- Sentimento de envolvimento/integração no projeto	4	"porque me sinto mais envolvido no projeto" "Porque me sinto integrado no projeto e a minha opinião conta"

Categoria	Sub-Categoria	Frequência	Citações
	- Estabelecimento de relações entre os participantes	3	“Conhecer bem o grupo”
Identidade social positiva	Coesão grupal/sentimento de pertença	15	“A união” “Somos unidos como grupo”
	Debate de questões que consideram importantes	11	“Pelos temas que se debatem” “Debater assuntos importantes” “falar se sobre temas mais sérios”
	Defesa de direitos/ cumprimento deveres e causas relevantes	8	“(…) lutarmos pelos nossos direitos” “Batalhamos pelos direitos e pelo cumprimento dos deveres”
	Entreajuda	5	“Ajudamos uns aos outros” “Ter ajuda e ajudar os outros”
	Participar efetivamente da vida do projeto/bairro	3	“Pelo facto de os jovens poderem participar diretamente na vida social do bairro e do projeto”
	Discussão de questões pertinentes para o bairro/projeto	3	“Debater assuntos do projeto” “Podemos conversar sobre os problemas que vemos na comunidade”
	Inclusão	1	“Inclusão na sociedade”
Benefícios pessoais percebidos	Aprendizagens	9	“Jovens aprendem” “Ensina os jovens sobre democracia” “ter conhecimento” “Conhecimento de outras culturas”
	Regulação comportamental	3	“falamos sobre o nosso comportamento (...)” “A assembleia é boa porque assim os jovens sabem quais são os seus comportamentos tanto na escola com no projeto [e] sabem o que devem fazer para melhor[ar] (...)”
	Crescimento pessoal	2	“Para se envolverem num caminho para o futuro”
	Apoio Escolar	1	“Ajuda-nos com o nosso empenho escolar”
	Desenvolvimento de competências de empreendedorismo	1	“sentido de empreendedor”
	Desenvolvimento da capacidade de refletir	1	“Obriga-nos a pensar”
	Prémios	1	“(…) o projeto incentiva com alguns prémios”

Sobre as AJ, a grande maioria dos/as respondentes das equipas técnicas (76,4%) refere que estas são uma iniciativa importante para o funcionamento do projeto, concordando ou concordando muito (66,6%) com a regularidade com que as AJ são feitas.

Ainda sobre as AJ e a regulamentação existente, mais de metade dos/as respondentes das equipas técnicas (47.1%), em particular, considera que não é necessário haver maior regulamentação, sendo que alguns destes referem que a que existe é “suficiente” e “adequada”, “dando resposta às necessidades dos projetos”. Alguns/mas respondentes referem, ainda, que têm usado a da 5ª Geração. Os/as participantes que consideram que seria importante existir uma regulamentação (25.1%) referem que esta seria útil para que a execução fosse igual em todos os projetos e para haver um maior compromisso dos atores envolvidos. A maioria dos/das respondentes das entidades (60.6%) diz procurar participar nas Assembleias de Jovens.

2.1.7. Centros de Inclusão Digital (CID)

Os CID estão em funcionamento em 53.7% dos projetos da 7ª geração.

Quando questionados sobre a **importância dos CID na intervenção**, a maioria dos elementos das equipas técnicas concordaram (60.8%) que todos os projetos deveriam ter obrigatoriamente um CID discordando, no entanto, disso 16.1%. Ainda, 55.3% considera que o facto de os CID deixarem de estar associados a uma medida específica é positivo, apesar de existir uma falta de posicionamento sobre este ponto por parte de 28.3% dos inquiridos que responderam “nem concordo nem discordo” ou “não sei/ não tenho conhecimento”; apenas 9.4% discordam. No mesmo sentido, os/as respondentes consideram que o facto da inclusão digital abranger todas as medidas permite uma maior flexibilidade no tipo de respostas criadas pelo projeto (76.9%).

Referente a **se o novo modelo permite desenvolver mais atividades de carácter formativo**, a perceção dos/as inquiridos/as vai ao encontro da falta de posicionamento acima referida, uma vez que 28.6% responde “nem concordo nem discordo” ou “não sei/ não tenho conhecimento”. Ainda assim, não deixa de existir uma concordância

elevada com a afirmação apresentada (59.2%). Na percepção de **se o novo modelo permite realizar mais atividades relacionadas com o desenvolvimento de competências em várias áreas**, percebe-se uma clara concordância (72.5%).

Sobre o facto de não ter um elemento da equipa obrigatoriamente associado ao CID, 63.9% dos/as respondentes considera que isso permite uma maior flexibilidade no desempenho das funções da equipa. Discordam, no entanto, desta afirmação 13.3%.

Por fim, quando questionados/as sobre se **os CID poderiam ser implementados de outra forma**, não há consenso. Dos inquiridos, 14.1% discorda, 29% concorda, 40.4% não concorda nem discorda.

Considerando as propostas daqueles/as que concordaram (29%) que **os CID deveriam ser implementados de outra forma**, da análise dos resultados, resultaram foram obtidas sugestões que apontam para várias categorias, das quais se salientam as seguintes, por ordem decrescente de frequência (Tabela 3): **(1) Aspetos de planeamento e avaliação** (p. ex., Existência de um elemento exclusivamente afeto ao CID; Adaptar o CID e os seus objetivos e metodologias à realidade de cada projeto/características dos participantes); **(2) Formação e certificação** (p. ex. Formações certificadas adequadas às necessidades da população apoiada; Desvantagens da obrigatoriedade da certificação); e, **(3) Funcionamento, financiamento, espaços e recursos** (p ex., Financiamento para equipar todos os espaços de forma cabal; menor carga horária ou mais flexível; equipar todos os espaços de forma cabal; Criação de monitoria/mentoria jovem).

Tabela 3. Quadro-síntese da análise temática dos CID pelos elementos da equipa técnica

Categoria	Sub-Categoria	Citações
Aspetos de planeamento e avaliação	Existência de um elemento exclusivamente afeto ao CID	“Estes espaços devem ter um elemento afecto ao espaço e que se possa dedicar em exclusivo à dinamização do mesmo.” “Ter um técnico com formação específica na área das TIC era uma mais valia e permitia formações mais especializadas (...) Até porque não é fácil ter um dos outros técnicos a dinamizar ações mais formativas neste âmbito pela ausência de formação e motivação para o efeito, bem como necessidade de dar resposta a outro tipo de atividades prioritariamente.”
	Adaptar o CID e os seus objetivos e metodologias à realidade de cada projeto/características dos participantes	“As 20h semanais obrigatórias de CID, para a nossa população, nem sempre é fácil de potenciar. Pelo que embora considere crucial, deveria poder ser ajustado em função das características dos participantes.”
	CID não completamente integrado no projeto para maior flexibilidade	“Continua a ser preciso pensar o CID de forma não completamente integrada no projeto, na medida em que continua a ter regras de horário mínimo e de determinadas atividades a desenvolver que têm que ser continuamente justificadas e não permite a flexibilidade que podia ter se pudesse ser concebido de forma completamente integrada com as outras atividades.”
	CID móvel	“Talvez serem possíveis a sua deslocação, ou seja, “levar” o cid às pessoas.” “Não serem um espaço físico fixo, serem um CID móvel com computadores portáteis, iria, seguramente, aumentar o nº de participantes envolvidos.”
	Parcerias/coordenação com outras entidades e/ou comunidade	“Mais coordenados com a comunidade e outras entidades na área das tecnologias” “Os espaços CID deveriam ser implementados com mais e melhores parcerias, tanto ao nível local (responsabilidade de cada projeto), como a nível global (responsabilidade do Programa Escolhas).”
	Reintroduzir a medida IV – Inclusão Digital	“Acho que a Inclusão Digital deveria ser uma Medida do Programa Escolhas”
	Criação de plano de ação/referencial de conteúdos a desenvolver com os participantes	“Poderiam existir guias de planificação dos conteúdos a desenvolver com os participantes.” “Deveria existir um Plano de ação muito bem definido para a Capacitação e Inclusão Digital dos participantes dos Projetos Escolhas.”
	Abertura do CID a toda a comunidade	“Deveria ser algo aberto à Comunidade, não só aos participantes.”
	Existência de CID em todos os projetos	“Todos os projetos deveriam ter um espaço CID.”
	Estabelecimento de objetivos anuais relativamente ao CID	“Utilizar objetivos anuais relativamente ao CID”

Categoria	Sub-Categoria	Citações
	Avaliação periódica da implementação das sessões CID em cada projeto	“Deveria ser exigido uma avaliação periódica da implementação das sessões CID em cada projeto, tendo em conta que muitas das vezes as sessões dinamizadas não são programadas com o devido cuidado e com o objetivo de combater a baixa literacia digital.”
Formação e Certificação	Formações certificadas adequadas às necessidades da população apoiada	“As formações certificadas não estão de todo atualizadas para o nosso público alvo.” “Apostar em certificações no âmbito de cada medida e implementar formações mais técnicas que permitam aos jovens adquirir um know how mais robusto das TIC para o mercado de trabalho.”
	Desvantagens da obrigatoriedade da certificação	“(…) a carga de certificações previamente previstas não era razoável (…)” Considero que a obrigatoriedade na certificação acontece em quantidades exageradas, o que obriga a equipa a dedicar demasiado tempo a questões burocráticas que poderiam ser reduzidas ao reduzir a obrigatoriedade em toda a certificação.”
	Novas Necessidades formativas identificadas devido à pandemia	“A pandemia evidenciou que não basta encontrar-se resposta para as necessidades materiais, ter um equipamento ligado à Internet, não significa ter acesso à informação.”
	Outras necessidades formativas identificadas	“Mais na vertente do empreendedorismo e empregabilidade, até de cidadania ativa e voluntariado.”
	Possibilidade de formação/atividades online	“No futuro, seria interessante algumas das atividades decorrerem online.”
Funcionamento, financiamento, espaços e recursos	Financiamento para equipar todos os espaços de forma cabal	“(…) estar devidamente equipado (com PC’s; impressora e acesso à Internet).” “Sinto que alguns projetos, como foi o caso do nosso, não dispuseram de material informático suficiente face às necessidades acrescidas da pandemia e deveria vir a existir uma verba ligeiramente superior exclusiva para material de CID.”
	Menor carga horária ou mais flexível	“Poderia ter um menor número de horas obrigatórias.”
	Criação de monitoria/mentoria jovem	“Criação de uma monitoria jovem, onde os participantes possam ser responsáveis pela organização do espaço, bem como da monitoria de outros integrantes do projeto, como forma de dar ferramentas de empoderamento juvenil e fomento da inserção dos jovens em atividades com caráter formativo.”
Vantagens dos CID	“Os CID acabam sempre por trazer uma nova dinâmica, os mais velhos estão sempre interessados em aprender a mexer nas tecnologias e assim ficamos mais próximos não só dos jovens mas também dos seus pais o que facilitam muito mais a comunicação entre todos nos”	
CID não são uma mais-valia (universal)	“Não terem caráter universal para todos os projetos”	
Não mudaria nada	“Nada a acrescentar”	

2.1.8. Necessidades de formação identificadas

Sobre as **necessidades de formação identificadas**, são apontadas pela equipa técnica por ordem decrescente em termos da frequência com que é mencionada, formações sobre: **(1)** temáticas mais ligadas ao **enquadramento e funcionamento dos projetos** (p. ex. *Avaliação de projetos/de impacto; Contextos de risco/comunitário; Mediação no diálogo intercultural / interculturalidade/ Culturas ciganas e modelos de intervenção; Mediação e negociação de conflitos; Gestão de equipa e liderança*); **(2)** à própria **capacitação dos jovens** [p. ex. *Novas tecnologias e Competências digitais (incluindo os seus perigos); Competências interpessoais e sociais e emocionais; Áreas da inovação social, empreendedorismo, empregabilidade; Competências digitais (“perigos”)*]; **(3)** à **Capacitação dos/as técnicos/as em áreas prementes para a sua atuação com os participantes dos projetos - Componentes pedagógico-educacionais** (p. ex. *Necessidades Educativas Especiais, apoio ao estudo, estratégias de combate ao insucesso escolar; Gestão comportamental/emocional; Dinâmicas de educação não formal*); e, (4) vários elementos da equipa referiram-se à importância da **Capacitação dos Técnicos - Discussão de casos e partilha de experiências/boas práticas** (Tabela 4).

Tabela 4 – Necessidades de formação identificadas e citadas pelos elementos das equipas técnicas

Categoria	Sub-Categoria	Citações
Enquadramento e funcionamento dos projetos	Contextos de risco/comunitários	“(…) Estratégias de intervenção comunitária.” “Riscos na adolescência” “Relacionadas com a intervenção com crianças e jovens em risco” “Intervenção familiar e parentalidade”
	Mediação e negociação de conflitos	“Acho pertinente uma formação prática em mediação de conflitos” “Gestão de conflitos” “Mediação de conflitos”
	Mediação no diálogo intercultural / interculturalidade/ Culturas ciganas e modelos de intervenção	“Formação sobre a cultura cigana para o consórcio e a equipa.” “Diferentes modelos de intervenção (na prática) com a comunidade cigana.” “No diálogo intercultural” “Na comunicação intercultural”
	Gestão e Avaliação de projetos/Avaliação de impacto	“Avaliação e acompanhamento de projetos” “Avaliação de impacto de projetos” “Gestão de projetos”
	Gestão de equipa e liderança	“Liderança e motivação de equipas”
	Plataforma AGIL/AFINA	“Formação para inserção de dados em AGIL” “Formação da equipa técnica e entidades ao nível das plataformas AGIL e AFINA (...)”
	Autocuidados da Equipa	“Apoio emocional” “Gerir stress dos profissionais que trabalham em projetos sociais, (...)” “Formação para regulação e bem estar emocional das equipas técnicas.”
	Elaboração de relatórios de avaliação	“Redação de relatórios de resultados”
	Gestão de tempo	“Gestão de tempo”
	Formação comum a todos os elementos da equipa do projeto	“Para os técnicos, para além da formação obrigatória dos coordenadores existir alguma formação para os restantes elementos da equipa.” “Deveria haver uma formação inicial para os trabalhadores que trabalham pela primeira vez nos pe.”
Capacitação dos jovens	Novas tecnologias e Competências digitais (“incluindo os seus perigos”)	“(…) Perigos inerentes ao uso das TIC (...)” “Formação em TIC”

Categoria	Sub-Categoria	Citações
	Competências interpessoais e sociais e emocionais	“(…) Desenvolvimento pessoal (motivação, lidar com a frustração, etc)”
	Áreas da inovação social, empreendedorismo, empregabilidade	“Capacitação dos Jovens para o mercado de trabalho” “Empreendedorismo, empregabilidade”
	Competências básicas de Língua Portuguesa	“Alfabetização” “(…) leitura e interpretação, oralidade e aquisição de vocabulário (…)”
	Direitos Humanos e Cidadania	“Formação cívica, nomeadamente tudo o que diz respeito ao cumprimento de regras e normas da sociedade e responsabilidades laborais.” “Direitos e deveres dos cidadãos”
Capacitação dos/as técnicos/as em áreas prementes para a sua atuação com os participantes - Componentes pedagógico-educacionais	Necessidades Educativas Especiais, apoio ao estudo, estratégias de combate ao insucesso escolar	“lidar com crianças com necessidades educativas especiais” “(…) novas estratégias para combater o insucesso escolar”
	Gestão comportamental/emocional	“(…) regulação emocional e comportamental (e.g. relaxamento e mindfulness), ...” “Gestão emocional”
	Dinâmicas de educação não formal	“(…) a educação não formal” “Educação não-formal (dinâmicas)”
	Jovens NEET	“(…) capacitação de técnicos de intervenção com jovens neet,”
Capacitação dos Técnicos - Discussão de casos e partilha de experiências/boas práticas	“era bom haver momentos de partilhas de boas práticas entre projetos” “mais que formação, criação de momentos para troca de experiências entre os técnicos.”	
Capacitação dos/as técnicos/as em áreas prementes para a sua atuação com os participantes - Saúde	Primeiros Socorros e Suporte Básico de Vida	“Formação de primeiros socorros” “Os técnicos deviam ter formação em Primeiros Socorros e Suporte Básico de Vida”
Capacitação dos/as técnicos/as em áreas prementes para a sua atuação com os participantes – Direitos Humanos, do Ambiente e Cidadania	“Igualdade de oportunidades, igualdade de género” “Direitos Humanos”	

2.1.9. Análise SWOT

Foi pedido às equipas técnicas e às entidades para listarem as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças do Programa Escolhas. Apresenta-se de seguida uma descrição mais detalhada destes quatro pontos dando-se exemplos de citações retiradas dos questionários (a itálico).

Forças

Relativamente às forças do PE, **coordenadores/as** e entidades referem:

Consolidação e abrangência

- *Programa forte/coeso/único/com muitos anos de experiência;*
- *Abrangência (nacional).*

Missão e impactos

- *Missão/Promoção ou intervenção (do trabalho) com crianças e jovens;*
- *Inclusão social de crianças e jovens /promoção da igualdade;*
- *Trabalhar com minorias;*
- *Reforço da coesão social;*
- *Promoção da interculturalidade;*
- *Igualdade de oportunidades;*
- *Impactos.*

Características do PE (estrutura e funcionamento)

- *Intervenção de proximidade e sistémica;*
- *Adaptação do projeto às necessidades;*
- *Objetivos e público alvo bem definidos;*
- *Formações;*
- *Acompanhamento (regular);*
- *Desenho, estrutura e funcionamento do PE;*
- *Proximidade, disponibilidade da equipa central/relação de proximidade;*
- *Bons métodos de avaliação/rigor/reflexão sobre a intervenção e resultados;*
- *Monitorização regular;*

- *Financiamento dado aos projetos.*

Consórcio e Equipas

- *Dedicação da equipa ao projeto, relação com as famílias dos participantes;*
- *Trabalho colaborativo e cooperativo;*
- *Equipa Multidisciplinar com formação adequada às especificidades das atividades/sessões;*
- *Envolvimento de parceiros/consórcio envolvido e coeso.*

Os/as técnicos/as referem, ainda, como forças, não só a sua consolidação e áreas de intervenção, mas também as respostas oferecidas, o envolvimento dos/as jovens, a articulação nos microssistemas da criança (escola e família), e a heterogeneidade das equipas:

- *Apoio (ao estudo, à comunidade); capacitar, incentivar para a mudança positiva;*
- *Envolvimento das crianças e jovens;*
- *A heterogeneidade das equipas;*
- *Articulação escola e família.*

Os/as monitores/as referem também não só o reconhecimento e missão do PE, mas também:

- *Dar competências;*
- *Proximidade com a comunidade;*
- *Envolvência de todos os atores;*
- *Equipa.*

Os/as dinamizadores/as destacam como força: *ser a única resposta para crianças e jovens no bairro/ser muito importante na comunidade, gerar mudança de vida para jovens, bem como o respeito pela diversidade (cuidado com a cultura).*

Oportunidades

Os/as **coordenadores/as** destacam sobretudo como oportunidades, a intervenção do PE ocorrer em vários territórios, a criação de oportunidades, proporcionando *experiências únicas a crianças e jovens*; referem ainda o facto do PE *ter uma grande rede de projetos já implementada*, bem como o *trabalho em rede* que proporciona, segundo as entidades, novas metodologias de intervenção. As entidades mencionam também a oportunidade de *reforçar a coesão territorial* e a *integração de minorias*.

Os/as **técnicos/as** e **dinamizadores/as** destacam o facto do PE *dar oportunidades*; os/as **técnicos/as**, em concreto, referem como oportunidades *capacitar e empoderar, gerar mudança/projetos de vida, diminuir a delinquência*, constituindo-se o PE como uma *referência positiva*. As formações são referidas como oportunidades por **monitores/as** e **dinamizadores/as**. O *trabalho nas comunidades* e *em rede* são também mencionados como oportunidades do PE pelos/as monitores/as.

Fraquezas

Para os/as **coordenadores/as** e **entidades** são fraquezas do PE:

- *A AGIL (enquanto sobrecarga);*
- *A não renovação/ dependência de financiamentos europeus;*
- *Alguma rigidez da regulamentação e ações propostas;*
- *Burocracia;*
- *Demora nos pedidos de reembolso;*
- *Duração das gerações;*
- *Falta de recursos;*

Os/as **coordenadores/as** em particular destacam ainda:

- *A população-alvo (trabalhar com realidades muito instáveis);*
- *Relação com Parceiros/consórcio (má comunicação);*
- *Natureza do trabalho (trabalho desgastante).*

As **entidades** mencionam também o *pouco envolvimento das Juntas de Freguesia*, o facto de *alguns pedidos serem feitos com pouco tempo de execução*, a dificuldade em manter alguns participantes e em *ganhar a sua confiança*. Destaque, ainda, para as *plataformas serem pouco eficazes a espelhar a intervenção*.

Os/as **técnicos/as** destacam, ainda a *resistência das famílias* e a *falta de espaços*. Também os/as **dinamizadores/as** referem a *falta de integração dos pais*, para além da *duração* e da *burocracia* exigida.

Ameaças

As ameaças mencionadas pelos/as **coordenadores/as** e pelas **entidades** remetem para:

- *A duração e ameaça à continuidade*, que traz um isolamento das comunidades e a emergência de *mais carências*;
- *Limitações financeiras/falta de financiamento*;
- *Resistência à mudança por parte das comunidades, desconfiança, bem como a existência de conflitos nas comunidades*.

Os/as **coordenadores/as** referem ainda a exigência do trabalho, a *rotatividade das equipas* e o surgimento da *Covid-19*. Por sua vez, as entidades mencionam também a *pouca liquidez das instituições gestoras, parceiras do projeto, estereótipos e preconceitos*.

Os/as monitores/as referem a ameaça associada ao fim dos projetos (*a quebra no acompanhamento dos jovens*). Também os/as **técnicos/as** mencionam como ameaça a não só a duração como o financiamento do PE; destacam, ainda, a resistência das famílias, as localizações das formações (apenas em Lisboa/Porto) e a *falta de publicidade do projeto/dar a conhecer*.

Dinamizadores/as e técnicos/as referem limitações dos espaços (*o espaço não ser suficiente para o número de crianças/jovens*), sendo que os/as primeiros/as referem também a falta de valorização dos RH e o facto de um projeto estar num bairro novo.

3. Sugestões para gerações futuras

3.1. Propostas de áreas estratégicas ou medidas para a próxima geração

Apesar de entidades e equipas técnicas considerarem como adequadas as medidas existentes, quando questionadas sobre que outras áreas estratégicas e/ou medidas deveriam ser implementadas numa próxima geração, são mencionadas um conjunto diferenciado de novas medidas (Tabela 5). Não existindo umas mais expressivas do que outras (em termos da sua frequência), destacam-se as que são comuns: a inclusão digital; o apoio para a autonomia na vida adulta, reforçando a capacitação social; a promoção dos direitos da criança/humanos; a educação para a saúde (promoção de saúde e bem-estar englobando a prevenção de comportamentos de risco). Do lado das equipas técnicas e pela sua frequência, destaca-se como área estratégica/medida a dimensão familiar (educação parental/parentalidade positiva).

Tabela 5. Áreas estratégicas ou medidas sugeridas pelas entidades e equipas técnicas para uma próxima geração

Entidades	Equipas técnicas
Inclusão Digital (competências digitais)	<i>Inclusão Digital</i>
Medidas de aceitação do próximo Medidas mais acentuadas de combate ao racismo e ao conhecimento das culturas das minorias direcionadas para a sociedade maioritária como para as próprias minorias.	<i>Coesão grupal.</i> <i>Igualdade de género, valores de não discriminação e não violência</i>
Empregabilidade jovem (sustentabilidade ao emprego, combate ao abandono escolar efetivo)	<i>Formação e Emprego (financiamento de cursos de formação pessoal e educacional; formação adulto; Promoção do emprego e empregabilidade, e encaminhamento para o mercado de trabalho.</i>
Capacitação social	<i>Apoio para a autonomia da vida adulta (autoconhecimento e progresso pessoal, orientação Vocacional)</i> <i>Apoio social (legalização e obtenção de documentação)</i>
Promoção dos Direitos das Crianças e Jovens; “Direitos e Deveres cívicos - Promoção da Cidadania Ativa”	<i>Direitos humanos (debate para o Diálogo Intercultural)</i>
Promoção da Saúde (oral, alimentar, materno-infantil, planeamento familiar, saúde mental na infância); Combate aos comportamentos aditivos.	<i>Educação para a saúde e prevenção de riscos</i> <i>Desporto</i>
Reforço da intervenção no espaço escolar (implementação da Estratégia Nacional para a Cidadania).	
Promoção do talento apoiando os percursos académicos.	
Participação comunitária (ações que promovem o bem-estar perante as calamidades)	
	<i>Dimensão familiar (acompanhamento familiar)</i> <i>Educação parental/Parentalidade positiva/ formação parental</i>
	<i>Área emocional</i> <i>Ação climática/ecologia/natureza</i>
	<i>Área artística (cultura)</i>

Relativamente aos/às **jovens**, quando questionados/as sobre que medidas proporiam para gerações futuras (Tabela 6), globalmente consideram não ter nada a acrescentar, pelo facto de considerarem que as áreas existentes já são abrangentes: “Na minha

opinião, não acho que deveria ser incluída nenhuma outra área.”; “Não essas já são áreas bastante abrangentes”; “Acho que está bem assim”. Não obstante, a área da saúde, qualidade de vida e bem-estar foi mencionada por alguns dos/as jovens.

Tabela 6. Áreas estratégicas ou medidas sugeridas pela amostra de jovens

Categoria	Exemplos	Frequência Categoria
Nenhuma área a acrescentar	"Na minha opinião, não acho que deveria ser incluída nenhuma outra área." "Não essas já são áreas bastante abrangentes" "Acho que está bem assim." "Está tudo bem." "Acho que não." "Não" "Nada"	57
Saúde, bem-estar e qualidade de vida	"Área mais ligada ao desporto." "Desporto" "Área da saúde e de cuidado com os idosos." "Saúde, condições de vida melhores." "Saúde e nível de vida." "Condições de vida para a comunidade cigana."	8
Inclusão digital	"A parte das TIC devido ao vírus." "Os computadores porque há muitas crianças que não sabem mexer nos computadores."	3
Combate a vários tipos de preconceito e discriminação	"Apesar de o Programa Escolhas já tratar disso, continuaria a apostar no combate à discriminação, quer seja racial, quer seja de género, quer seja contra a comunidade LGBTQIA+. Continua a haver fora do Programa Escolhas e gostaria que se tomassem mais medidas em relação a esse tópico." "Era também para não haver tanto racismo." "Inclusão"	3
Educação, formação e qualificação	"Educação, formação e qualificação." "Envolver mais os jovens nas áreas das ciências e tecnologias."	2
Cultura	"(...) Artes" "Na área da dança." "Área artística e cultural, por exemplo, grupo de dança."	2
As mesmas áreas para todas as faixas etárias	"Todas deveriam ser porque todas as 3 áreas são importantes em cada faixa etária e ajudariam a comunidade." "Nas escolas do 3.º Ciclo porque os jovens mais velhos pois eles têm que dar o exemplo."	2
Necessidade de mudança de medidas, sem especificação	"Sim."	2
Não sei	"Não sei."	3
Outras	"Cativar as raparigas adolescentes para participar."	1

3.2. Outras sugestões

Todos os participantes foram questionados sobre que **sugestões gostavam de fazer para o Programa Escolhas (PE), pensando em gerações futuras.**

Globalmente destacam-se como sugestões dos/as **coordenadores/as** e das **entidades** os seguintes aspetos:

- *Uma maior duração (3 a 5 anos pelo menos);*
- *A uniformização dos indicadores de avaliação;*
- *A descentralização das deslocações para formações para Lisboa e Porto;*
- *A possibilidade de formação em avaliação de projetos;*
- *A agilização de procedimentos/diminuir o excesso de pedidos burocráticos;*
- *O reforço das equipas;*
- *O intercâmbio entre jovens de diferentes projetos;*
- *O reforço dos CID também pelas questões da Covid-19.*

Deste conjunto de recomendações a mais expressiva, na amostra das equipas técnicas, foi o alargamento da duração dos projetos, seguindo-se a importância da formação e o reforço de equipas.

As recomendações apontadas pelas entidades¹⁹ vão, ainda, no sentido de:

- *Aumentar os recursos financeiros;*
- *Simplificar processos (desburocratização, maior facilidade no reembolso financeiro);*
- *Considerar a inclusão digital;*
- *Disponibilizar formações direcionadas à equipas técnicas e representantes das entidades;*
- *Nos Projetos: evitar começar do zero, o ajuste do plano de ações às sugestões da equipa de acompanhamento não ser tão muito moroso; fazer um levantamento de todos os recursos atuais, evitando desperdícios; possibilidade de transição excedentes financeiros para o ano seguinte);*
- *Estabelecimento de parcerias estratégicas (p. ex., Segurança social, IEFP) com vista à sustentabilidade;*
- *Criar de uma Plataforma digital mais intuitiva;*
- *Ter um enfoque no “verdadeiro impacto social do PE”;*
- *Introduzir como medida a área da saúde;*
- *Fazer coincidir o início dos projetos com o início do ano letivo.*

¹⁹ Para uma análise detalhada dos resultados encontrados até à data na amostra das entidades e das equipas técnicas, sugere-se a leitura das tabelas 11 e 12 que se encontram no Anexo E e F.

Os/as **técnicos/as** sugerem, apesar de menos expressivo em termos de unidades encontradas²⁰:

- *Novas atividades e mais flexibilidade na implementação de atividades;*
- *Uma sala CID obrigatória;*
- *Duas medidas: uma para crianças e outra para as famílias;*
- *O PE fazer visitas mais regulares e ouvir mais as equipas;*
- *Um instrumento de avaliação mais dinâmico.*

Os/as **dinamizadores/as** sugerem, sobretudo, aumentar a idade da população-alvo para os 30 anos, bem como mais formações para os dinamizadores.

Os/as **monitores/as** sugerem, ainda, financiarem-se *os projetos que tenham bons resultados; mais ligações com cursos profissionais e empregos.*

Relativamente aos/às **jovens**, quando questionados sobre se mandassem o que fariam de diferente, as sugestões remetem para aspetos associados ao PE, mas também ao projeto onde participam (ver em Anexo A - Tabela 7).

²⁰ Unidades são as unidades de análise ou registo identificadas nas respostas abertas dos participantes e são habitualmente palavras ou frases.

4. Que avaliação fazem do projeto no qual estão envolvidos/as?

O estudo 1 contemplou também a avaliação dos projetos nos quais os/as respondentes estão integrados/fazem parte. Da parte das entidades e equipa técnica, procurou compreender-se qual a sua perceção sobre o/a:

- Alinhamento com o PE, estrutura e objetivos
- Funcionamento geral do projeto
- Avaliação das parcerias
- Concretização de objetivos, definidos por medida, objetivos e atividades e problemáticas às quais têm dado resposta
- Impactos percebidos
- Avaliação e monitorização
- Envolvimento dos/as participantes dos projetos e das entidades
- Nível de eficiência do projeto
- Fidelidade e adaptação
- Indicadores de qualidade da intervenção
- Sustentabilidade do projeto

Da parte dos/as jovens apresentam-se resultados sobre a avaliação global que estes/as fazem do projeto.

4.1. Alinhamento com o PE, estrutura e objetivos

Sobre o projeto no qual estão envolvidos/as, globalmente os/as participantes das equipas técnicas concordam que existe um **alinhamento do seu projeto com os objetivos do PE**. É também referido a existência de uma **estrutura inicial clara**, tendo por base **uma teoria da mudança**. Consideram **responder às necessidades existentes** nos territórios onde

atuam e dos seus participantes, **respeitando a diversidade cultural** dos mesmos (Gráfico 12²¹).

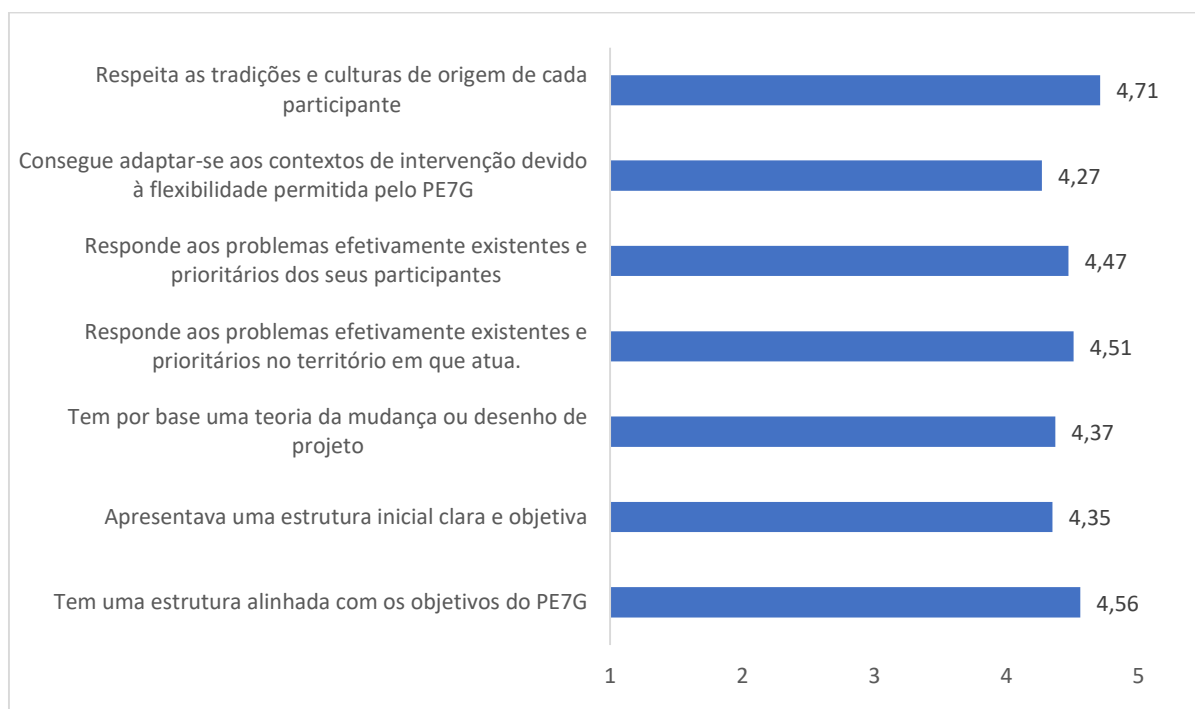


Gráfico 12. Percepção das equipas técnicas sobre o alinhamento, estrutura e objetivos dos seus projetos.

Esta percepção encontra-se alinhada com a das entidades. Mais concretamente, nestes houve concordância acima dos 90% para as afirmações sobre os vários aspetos caracterizadores do/s seu/s projeto/s tais como: tem uma estrutura inicial clara e objetiva (94.4%); tem uma teoria da mudança ou desenho de projeto adequada(o) aos objetivos do Programa Escolhas e da entidade (95.8%); consegue dar resposta aos problemas efetivamente existentes e prioritários no território em que atua (94.3%); tem uma estrutura alinhada com os objetivos do PE7G (94.3%); consegue adaptar-se aos contextos de intervenção devido à flexibilidade permitida pelo PE7G (91.6%); tem um desenho de projeto que se enquadra-se na visão (95.7%) e na missão (95.8%) da entidade contempla na sua estrutura o respeito pelas tradições e culturas de origem de cada participante (94.4%).

²¹ A Escala de resposta variava entre 1 = Não concordo, 2 = Concorde pouco, 3 = Não concordo nem discordo, 4 = Concorde, 5 = Concorde totalmente.

4.2. Funcionamento geral do projeto

Em termos de funcionamento, os/as participantes das equipas técnicas concordam com a afirmação de que **as funções na equipa estão bem definidas**, e que existe um **conforto quanto às dinâmicas de liderança existentes**, estando os/as mesmos/as satisfeitos/as com a **forma como a equipa trabalha** e, sobretudo, com as competências dos vários elementos para uma implementação eficaz do projeto. Concordam com o facto da **rotatividade na equipa poder trazer mais desvantagens** do que vantagens e encontram-se hesitantes quanto à afirmação de terem um número suficiente de elementos nas equipas que permita um bom funcionamento do projeto ($M = 3.23$, $DP = 1,23$) (Gráfico 13).

Por fim, 88.8% das entidades considera que existe um clima de colaboração entre os parceiros.

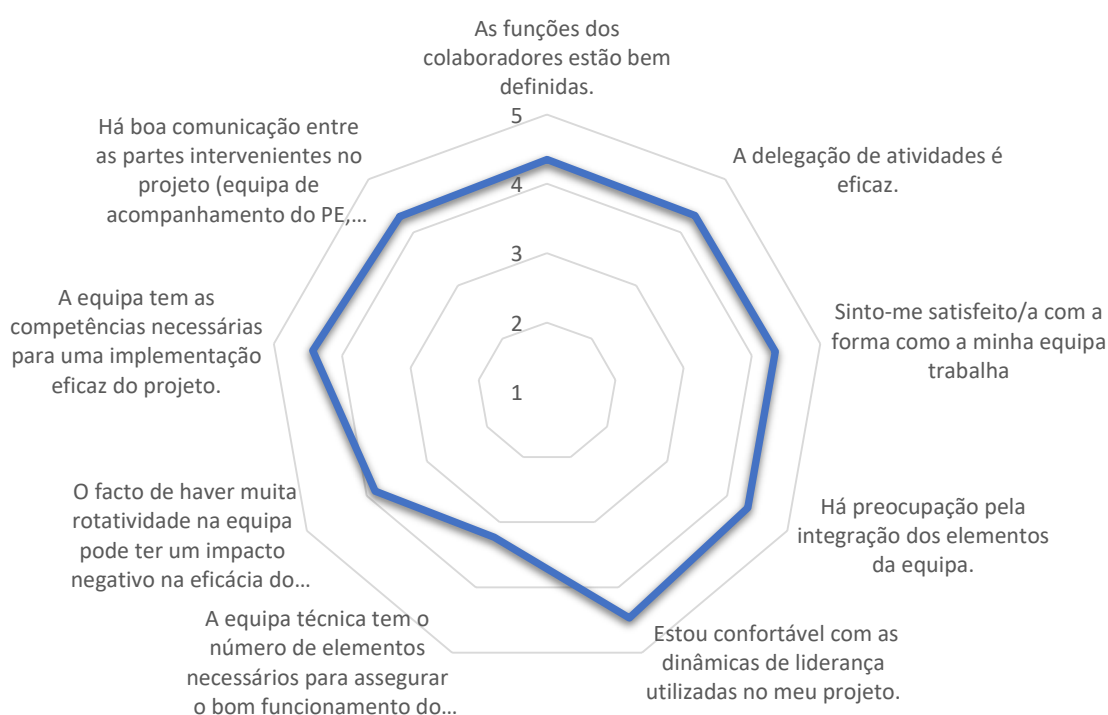


Gráfico 13. Percepção das equipas técnicas sobre o funcionamento geral dos seus projetos

4.3. Avaliação das parcerias

Relativamente às entidades parceiras, os/as participantes das equipas técnicas, fazem uma avaliação positiva, tal como se pode verificar pelo gráfico 14.

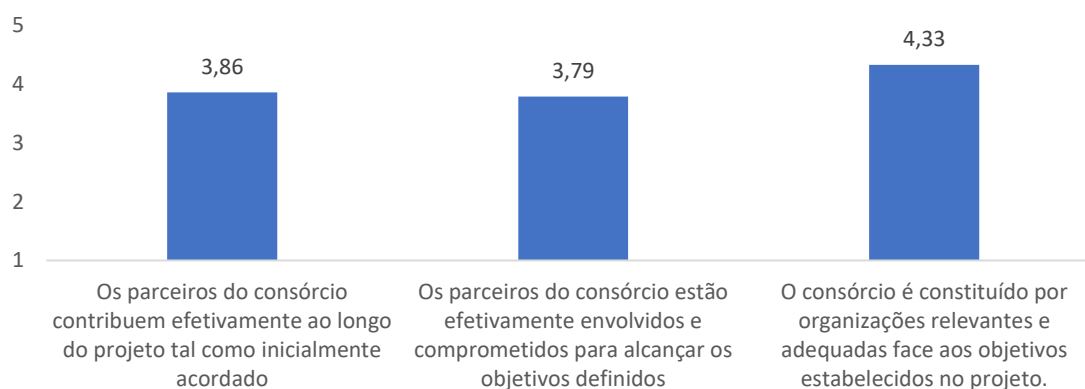


Gráfico 14. Avaliação das entidades parceiras pelas equipas técnicas

Também as entidades mencionam que os parceiros do consórcio contribuem efetivamente ao longo do projeto (84.5%), estão efetivamente envolvidos e comprometidos para alcançar os objetivos definidos (83.1%), são constituídos por organizações relevantes e adequadas face aos objetivos estabelecidos no projeto (98.6%) e ainda, referem que existe uma boa comunicação entre as partes intervenientes no projeto, i.e., equipa de acompanhamento do PE, equipa técnica, parceiros (94.3%).

4.4. Sistemas alvo de intervenção

Relativamente aos **sistemas que são alvo da intervenção** no projeto aos quais os/as participantes das equipas técnicas fazem parte, os/as mesmos/as referem que são sobretudo a **criança, o seu sistema familiar e a comunidade imediata** (Gráfico 15).

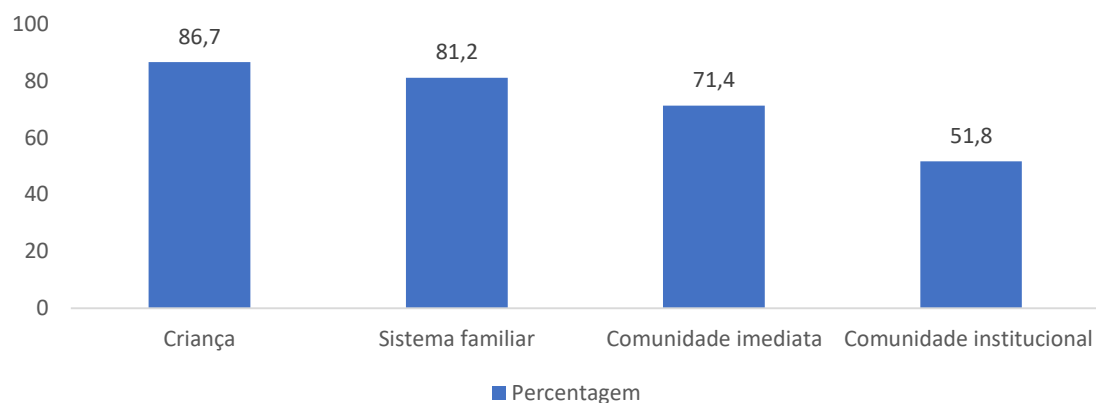


Gráfico 15. Percepção das equipas técnicas sobre quais os sistemas alvo de intervenção nos seus projetos

4.5. Concretização de objetivos, definidos por medida, objetivos e atividades e problemáticas às quais têm dado resposta

Na mesma linha dos resultados relativos aos sistemas alvo de intervenção, os elementos da equipas técnicas referem ter concretizado os objetivos da **Medida I** (*contribuir para o sucesso escolar, para a redução do absentismo e abandono escolar, bem como para a formação e qualificação profissional*) e da **Medida III** (*contribuir para o desenvolvimento de atividades de âmbito comunitário, lúdico e ou pedagógico, permitindo uma maior consciencialização sobre os direitos e deveres cívicos e comunitários*) “sempre” (Moda = 5, em ambos os casos; M = 4,35 e M = 4,45, respetivamente). Para a **Medida II** (*contribuir para a promoção do emprego e empregabilidade, favorecendo a transição para o mercado de trabalho, bem como apoiar iniciativas empreendedoras*), existe uma maior dispersão nas respostas (DP= 1.04), sendo que globalmente, os/as participantes referem que essa concretização ocorreu “muitas vezes” (Moda = 4; M = 3.77)²².

Esta percepção é partilhada pelas entidades: Para as Medidas I e III, respetivamente 91,6% e 86% das entidades, referem que os objetivos definidos nos seus projetos, são concretizados “muitas vezes” ou “sempre”. Por outro lado, para a Medida II, apenas 46,5% dos respondentes refere uma taxa de concretização de “muitas vezes” ou “sempre”, sendo que 14.1% refere que esses objetivos definidos são concretizados “às

²² A Escala de resposta variava entre 1 = Nunca, 2 = Raramente, 3 = Às vezes, 4 = Muitas vezes, 5 = Sempre.

vezes". O facto de a Medida II ter a menor percentagem deve-se ao facto de (talvez) ser a medida menos operacionalizada pelos projetos, tendo 38% de respostas como “não aplicável”.

De uma forma mais específica, os/as participantes das equipas técnicas são da opinião de que, globalmente, têm dado resposta a um conjunto diverso de problemáticas, sendo a mais frequentemente reportado o da *inclusão social de crianças e jovens provenientes de contextos sociais mais vulneráveis* (Gráfico 16).



Gráfico 16. Perceção das equipas técnicas sobre em que medida é dada resposta às diversas problemáticas

Considerando o ano de 2019 e o ano de 2020, as equipas técnicas reportam uma boa concretização de objetivos e das atividades propostas, em ambos os anos do projeto²³ (Gráfico 17).

²³ A escala de resposta variava entre 0% = não foram de todo concretizados a 100% = totalmente concretizados.

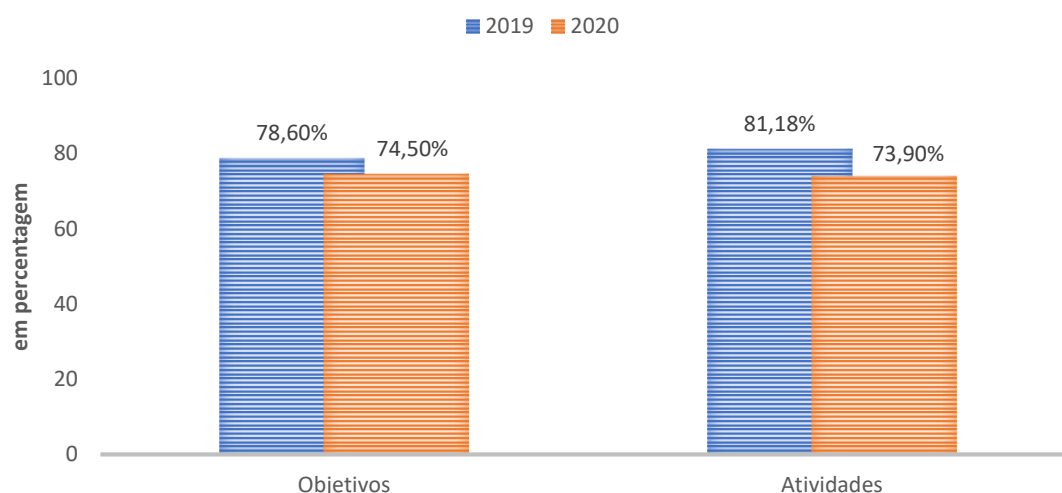


Gráfico 17. Percepção das equipes técnicas sobre a concretização de objetivos e atividades

A percepção das entidades sobre a concretização de objetivos e atividades é semelhante ao das equipes técnicas: objetivos e atividades em 2019, 79.88% e 83.55%, respectivamente; objetivos e atividades em 2020, 74.71% e 74.11%, respectivamente.

Globalmente os/as participantes das equipes técnicas consideram contribuir, através do seu projeto, para os objetivos do PE ($M = 4.27$, $DP = .77$).

4.6. Impactos percebidos

Considerando o trabalho desenvolvido, 81.2% dos elementos das equipes técnicas reportam impactos nos/as jovens ($M = 4.49$, $DP = .72$), *bons* ou *muito bons*, e 74.2% refere mudanças na comunidade/território onde o projeto está inserido ($M = 4,02$, $DP = .93$), *boas* ou *muito boas*.

São sobretudo referidos como impactos (pela frequência das respostas) nos/as jovens a **aquisição de competências escolares** (aumento da escolaridade, assiduidade, mudança nas aprendizagens) e consequente **aumento do sucesso escolar**; aquisição de **competências pessoais e sociais**; literacia tecnológica e maior acessibilidade; mudança de atitudes, nomeadamente uma maior valorização dada à escola. O **acesso a novas experiências e oportunidades** também é mencionado nas respostas abertas. É ainda referida a **formação vocacional/empregabilidade/empreendedorismo**. São, deste

modo, referidos impactos que se prendem com uma **maior inclusão social e igualdade de oportunidades**, indo ao encontro do que tinha já referido pelos mesmos.

4.7. Avaliação e Monitorização

À questão, **de que forma é conduzida a avaliação de resultados ou de impacto do seu projeto**, os/as respondentes das equipas técnicas referem, por um lado, a **periodicidade** da mesma, a **natureza da avaliação** (mais formal, com recurso a instrumentos, ou informal “conversando com a família”), o **tipo de instrumentos** utilizados para o efeito (de natureza quantitativa e qualitativa), bem como quem é envolvido no processo (por ex, **parceiros ou stakeholders**, como é o caso das escolas):

- *“A Avaliação é conduzida diariamente, e mais exigente em alturas de testes/exames.”*
- *“A avaliação é contínua/ de forma permanente e sistemática”*
- *“A avaliação de resultados é feita através de grelhas de avaliação.”*
- *“A avaliação de resultados ou de impacto do nosso projeto, é feita através do seguimento dos jovens e crianças no seu processo educativo e formativo, através de questionários enviados aos diretores de turma e monitores dos nossos ateliers e ainda de questionários enviados aos encarregados de educação, mensalmente.”*
- *“A avaliação dos resultados do projeto é feita pelos dados cedidos pelo consórcio, por exemplo, no que se refere a avaliação escolar e formativa é o agrupamento escolas que dá essa informação, e pelo trabalho de acompanhamento da equipas técnicas efetuado aos participantes.”*
- *“Avaliação de dados quantitativos e qualitativos.”*
- *“A partir do registo de presenças, da assiduidade às sessões, no registo nas grelhas de avaliação, das avaliações escolares, da articulação com os agentes educativos.”*
- *“Através do contacto com a família, amigos.”*
- *“Sendo um projeto já de longa continuidade, tem permitido que seja feita a monitorização dos percursos de vida dos participantes, a todos os níveis - escolar, formativo, profissional e familiar. Os resultados do impacto do projeto são*

observados de geração para geração e é feito o acompanhamento dos participantes, até no que toca ao seu funcionamento familiar e funcionamento da comunidade em que se inserem.”

Relativamente ao procedimento de monitorização, uma percentagem significativa de participantes das equipas técnicas refere o envolvimento dos/as jovens e dos parceiros, e o recurso a metodologias qualitativas e quantitativas (por ex., questionários de satisfação por atividade) (Gráfico 18).

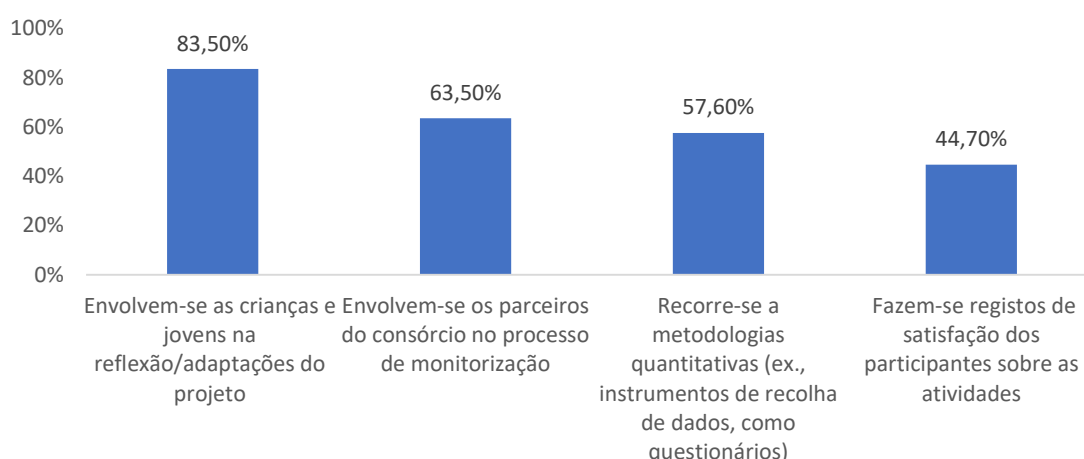


Gráfico 18. Perceção das equipas técnicas sobre o procedimento de monitorização nos seus projetos

Um número significativo de participantes das equipas técnicas (75.7%) concorda ou concorda muito com a afirmação de que para efeitos de monitorização e avaliação dos projetos, “a plataforma AGIL é fácil de usar”, concordando ou concordando muito com a afirmação de que os relatórios de avaliação são úteis para o funcionamento do projeto (75.7%).

Relativamente às entidades, **respeitante ao sistema de monitorização e avaliação**, as entidades concordam que a sua participação se desenrola através da sua colaboração na realização dos relatórios intercalares e anuais (84.5%) e na procura por participar nas Assembleias de Jovens (60.6%). Estas consideram, em 76.1%, que a forma como é realizada a avaliação de resultados e/ou de impacto é adequada, sendo o interesse da grande maioria continuar a seguir o percurso das crianças e jovens após o programa (88.7%). E, portanto, 90.1% refere que existe um envolvimento ativo nas diversas etapas/atividades do projeto.

4.8. Envolvimento dos/as participantes dos projetos e das entidades

Relativamente ao **envolvimento dos/as participantes dos projetos**, a amostra das equipas técnicas refere também que os/as participantes são envolvidos, sobretudo, nas atividades promovidas pelo projeto (31%), e apesar de em menor percentagem, na formulação das mesmas (27%) e no levantamento de necessidades (25%).

Estes resultados encontram-se alinhados com a perceção dos/as próprios/as jovens. No que diz respeito à autoavaliação do seu próprio **envolvimento no projeto**, os/as jovens apontam para uma média de 75.77 (DP = 21.76) em termos de envolvimento, numa escala que varia entre 0 (nada envolvido) e 100 (totalmente envolvido), tendo sido observado que os valores obtidos se situam entre 20 (mínimo) e 100 (máximo). Assim, de um modo geral, os respondentes consideram-se bastante/muito envolvidos no seu projeto Escolhas.

Ainda, e no que diz respeito às entidades, **em relação ao envolvimento das mesmas no/s seu/s projeto/s**, mais de 90% destas concordam que têm uma participação regular nas reuniões de acompanhamento do PE (94.4%) e do consórcio (93%), e ainda, procuram reunir com a equipa técnica de modo a estarem envolvidos durante todo o processo (90.1%). Concordam, também, que há uma preocupação em procurar por parcerias mais ativas de forma a dar resposta às necessidades que vão encontrando (90.2%) e em garantir o bem-estar dos colaboradores (92.9%).

4.9. Nível de eficiência do projeto

Relativamente à eficiência, a equipas técnicas concorda, em parte, com o facto de os recursos existentes (humanos e materiais) terem permitido atingir os resultados esperados (M = 3.82, DP = .98), tendo, em parte estes sido conseguidos no tempo estipulado para o efeito (M = 3.79, DP = .91) e sem custos acrescidos (M = 2.90, DP = 1.0).

Também 73.3% das entidades respondentes referem que os recursos existentes (humanos e materiais) permitiram atingir os resultados esperados e 71.8% considera que os resultados foram conseguidos no tempo estipulado para o efeito. A respeito da existência de custos acrescidos para atingir os resultados, mostram-se duas realidades distintas onde 47.9% diz que sim e 32.4% diz que não houve custos acrescidos.

4.10. Fidelidade/adaptação

Quando questionados/as sobre se ao longo do projeto houve necessidade de alterar o desenho inicial do projeto, 56.9% dos/as participantes das equipas técnicas referem que sim, por oposição a 22.7% que refere que não e 11.4% que refere que não ou que não tem conhecimento sobre tal.

Os motivos que estão na base da adaptação do desenho inicial prendem-se, sobretudo com a **necessidade de ajustar o desenho do projeto**, nomeadamente para **uma melhor definição de resultados, por terem sido pensados indicadores pouco ambiciosos/realistas, derivados de uma reformulação de objetivos ou da abrangência do projeto** (30.6%); 29.8% dos/as participantes da equipas técnicas refere a **necessidade de uma adequação das atividades** (ajustamento do plano de atividade) para **ir ao encontro dos interesses dos jovens** e 26.7%, para **garantir um maior número de participantes** (ex., alteração de horário). Segundo 24.3% dos intervenientes das equipas técnicas, houve **necessidade de adequação ao público e/ou contexto/território**. **Alterações derivadas de ajustamentos à equipa do projeto**, foram mencionadas por 14.1%. Apenas 4% refere que as adaptações se prenderam com a pandemia provocada pela COVID-19.

No que diz respeito às entidades, 38% referem não ter sido necessário fazer qualquer tipo de alteração, no entanto 35.2% mencionaram ter tido a necessidade de proceder a alterações no/s seu/s projeto/s. As alterações indicadas compreendem, por exemplo, os ajustes necessários perante as adversidades causadas pela pandemia Covid-19, a adequação das atividades, alterações de rubricas (para maior detalhe aceder ao Anexo D, Tabela 10).

4.11. Indicadores de qualidade da intervenção

Relativamente a variáveis associadas à **qualidade da intervenção** (Gráfico 19), uma percentagem importante de participantes da amostra das equipas técnicas refere serem conduzidas **discussões de equipa para planeamento das atividades**, bem como **reuniões de equipa com regularidade**. Também é referido por mais de metade da amostra que se procura ter os **recursos para a execução das atividades**, e que é feito um **acompanhamento adequado do PE ao projeto**.

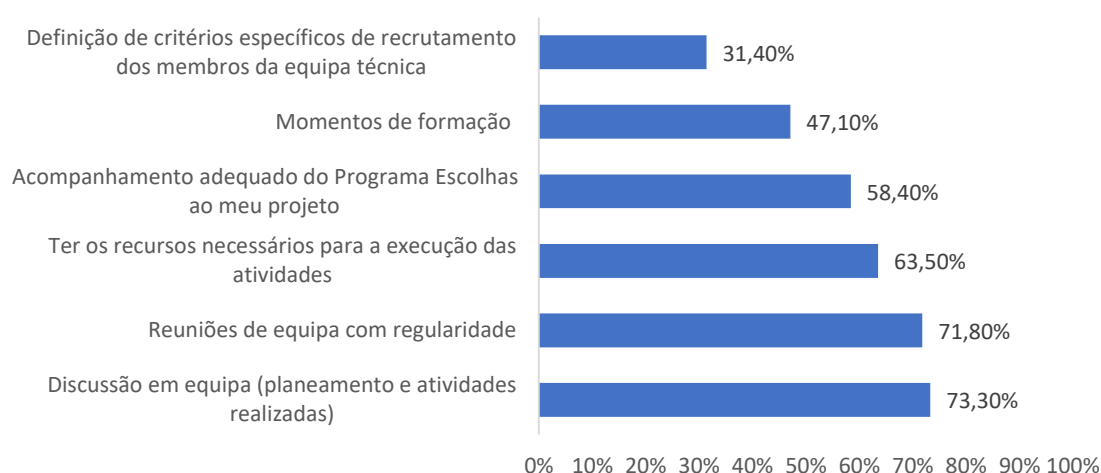


Gráfico 19. Perceção das equipas técnicas sobre os indicadores de qualidade nos seus projetos

No que diz respeito aos indicadores de qualidade existentes no/s projeto/s, mais de 70% das **entidades** mencionam existirem reuniões regulares com o/a coordenador/a da equipa (83,1%), momentos para reflexão sobre a forma como as atividades são dinamizadas (76,1%) e a participação da equipa em formação organizada pelo PE (74,6%). Menos referidos pelas entidades estão os indicadores como a definição de critérios específicos de recrutamento dos membros da equipa técnica (62.0%), a realização destes processos de recrutamento para a equipa técnica que tenham o apoio do consórcio sempre que pertinente (36.6%) e a participação da equipa em formações que sejam relevantes para uma colaboração positiva no projeto (45.1%). A existência **de todos** os indicadores de qualidade acima referidos no/s seu/s projeto/s é apenas contemplado por 20 em 71 entidades (28.2%).

4.12. Sustentabilidade do projeto

Apesar de cerca de 94.4% das entidades ter interesse em se envolver numa próxima geração do Programa Escolhas, quando questionadas sobre se **teriam interesse em dar continuidade à intervenção mesmo sem financiamento** do Programa, 62% diz que sim. No entanto, só 22.5% das entidades acredita que será possível fazê-lo. Na mesma linha, os elementos das equipas técnicas (45.5%), quando questionados sobre a possibilidade de continuidade dos projetos sem financiamento do Programa Escolhas (PE), refere que **não será possível dar continuidade à intervenção quando o financiamento do PE terminar**. Apenas 21.4% acredita ser possível perdurar sem financiamento, abstendo-se 27.9% ao responderem “não concordo, nem discordo” e “não sei”.

4.13. Avaliação global do projeto (jovens)

Considerando os/as **jovens**, quando questionados/as sobre **o que mais e menos gostavam no seu projeto**, no que respeita ao que mais gostam, os/as mesmos/as revelaram, com maior frequência, que eram as **atividades (em geral) e a disponibilidade da equipa técnica para apoiar o projeto (em geral)**. Por outro lado, no que se refere ao que menos gostam, destaca-se o facto os/as jovens referirem que não havia nada que não gostasse(m) ou que não teria(m) nada de menos positivo para apontar (Anexos B e C, respetivamente, Tabela 8 e 9).

5. Quais os resultados do Estudo 2?

5.1. Entrevistas aos coordenadores

Tabela 12. Caracterização dos projetos selecionados para o Estudo 2 e respetiva identificação dos/das coordenadores

Projeto	Características
Projeto 1/ Coordenador 1	Território de intervenção: Zona sul do país (rural) Historial: Intervenção desde a 3ª Geração Tipo de público com quem trabalha: quase exclusivamente comunidades ciganas
Projeto 2/ Coordenador 2	Território de intervenção: Zona Norte do país (urbano) Historial: Intervenção desde a 1ª Geração Tipo de público com que trabalham: maioritariamente crianças e jovens portuguesas e descendentes de imigrantes.
Projeto 3/ Coordenador 3	Território de intervenção: Zona centro do país (urbano) Historial: Intervenção desde a 4ª Geração Tipo de público com quem trabalha: quase exclusivamente com descendentes de imigrantes

Sobre quais as **diferenças, mudanças e evoluções no programa Escolhas ao longo do tempo**, contextualizada naquela que é a sua realidade, em termos das comunidades com as quais trabalha, mais concretamente com comunidades ciganas e num território rural, a **coordenadora 1** refere: “O programa Escolhas tem vindo a ser cada vez mais exigente, a nível de acompanhamento, o que é ótimo para nós também porque para além de não nos sentirmos abandonados, sentimos sempre um reforço por detrás, o que é ótimo (...) depois, no terreno (...) quando iniciei, não havia tantas mulheres a frequentar a escola, por exemplo (...) agora há mais mulheres que querem continuar, embora a pressão da família seja notória, hum, a nível de participação, por exemplo, nós quando queríamos fazer uma atividade no exterior, nós somos uma freguesia muito isolada, e então qualquer saída ao exterior era aqui um campo de batalha, nós estávamos constantemente a falar com as famílias, para eles permitirem que os mais novos pudessem ir connosco. Essas batalhas, também tendo em conta a convivência ao longo dos anos e a confiança que nós temos com os nossos participantes, hum... já nos permite que os pais tenham mais confiança que eles nos acompanhem e basta nós dizermos... ou mesmo com a escola, se por acaso eles forem com a escola a algum lado, se o Projeto Escolhas também for, e com

as referências que eles já têm dos técnicos, eles já conseguem ir, já conseguem frequentar mais, já não estão tão inibidos, já estão mais abertos a novas experiências, e isso... eu lembro-me quando nós iniciámos... quando eu iniciei, que não era bem assim, era uma comunidade muito fechada (...).

Refere, no entanto, que todos os bairros/freguesias são diferentes uns dos outros, pelo que o descrito acima só se aplica a um dos bairros com o qual trabalha, podendo não se aplicar a outros. Também a **coordenadora 2** refere, *“jovens das comunidades ciganas ficam mais sensibilizados”*, com a perceção de que algo está a mudar pela positiva.

Voltando à **coordenadora 1**, esta explica que falar da **evolução do Programa Escolhas** desde o início até ao presente é falar de diferentes realidades, e estas realidades são muito amplas, pelo que a própria evolução no campo é também ampla e *“depende das comunidades das quais estamos a falar”*. De modo geral, a coordenadora acredita que o tempo de existência do Escolhas permitiu, acima de tudo, **ganhar a confiança dos elementos destas comunidades**, para que os diferentes projetos possam atuar no dia-a-dia das pessoas (apoio informático, apoio escolar, apoio em assuntos burocráticos, entre outros).

A **coordenadora 2** perceciona todas as mudanças de forma *“muito positiva”*, acrescentando a sua visão desde antes de trabalhar diretamente com o PE; como referiu *“via o Escolhas como um projeto com muito mais rigor. E tinha bastante admiração por isso. Via que (...) havia recursos e mais rigor. Isso por um lado assustava um bocado, todo o trabalho burocrático, mas via-se rigor como um garante de que depois podemos defender-nos perante outros projetos e parceiros e entidades”*.

Pedi-se à **coordenadora 2** que avaliasse a sua **experiência e viagem pelo Programa Escolhas até hoje**, tendo esta respondido que para ela *“tem sido boa. Eu costumo dizer que o Escolhas além de mudar a vida dos meus miúdos (e eu estou aqui há 19 anos) mudou também a minha vida”*. Acrescenta: *“vim parar a (...) e conheci o Escolhas. E foi o Escolhas, mesmo o Escolhas, que me ensinou a importância de lutar pela diversidade e fazer a diferença na vida das pessoas. E a partir daí decidi dedicar a minha vida a isto. Se não fosse o Escolhas se calhar não conseguia ter aberto os meus olhos para esta importância. Da mesma forma que o Escolhas abre os olhos aos jovens, abre os olhos aos técnicos. E é*

aí que a gente consegue fazer esta entrega tão grande. Depois é isto que faz do Escolhas uma coisa tão especial, os jovens veem que nós conseguimos fazer esta entrega e querem eles também mudar. Nós somos uma referência. Eles acabam por ser referências, são agentes de mudança, é isto! O Escolhas é isto tudo, é a tal energia Escolhas, conseguem realmente fazer uma mudança muito muito grande na vida das pessoas. (...) O Agrupamento de Escolas, a PSP, a CPCJ, todos os nossos parceiros, principalmente o Vereador da Câmara (...) onde chega diz 'Há uma (...) antes do Escolhas e outra (...) depois do Escolhas'. "E eu sei, por ver e sentir que há noutros sítios isso, há um bairro antes de estar o Escolhas e há outro depois de cá estar o Escolhas".

O coordenador 3, por sua vez, considera que a **evolução do Programa Escolhas ao longo das gerações** tem sido “razoável” focando-se em aspetos que considera terem sido uma mais valia ou, antes, pelo contrário, aspetos que prejudicam o PE; explica: *“por uma simples razão: porque ... pensando ao longo dos anos da forma como foi pensado todas as gerações, sinto que houve um crescimento de processo burocráticos, associados ao programa e não só, por exemplo, esta última ... esta última geração sendo uma geração de apenas 2 anos, e possivelmente está ligado com as questões de financiamento Portugal 2020, acaba por ser demasiado curto para que nós consigamos fazer uma intervenção concisa, basicamente este modelo de 3 e 2 anos acaba por ... por nos limitar bastante na nossa intervenção visto que não conseguimos efetivamente ter grandes resultados concretos de mudança porque são muito curtas, ou seja, necessitaríamos de intervenções mais ... mais longas”. Este, sugere de seguida, que cinco anos seria o tempo de duração mais indicado, acrescentando que, por outro lado, vê com bons olhos o facto das medidas de intervenção terem sido reduzidas permitindo *“focalizar aqui nalguns problemas mais, mais chave, não é?”* e a *“junção da antiga medida quatro, (...) das TIC dentro das outras”*. A respeito desta alteração da medida quatro, realça que, devido à nova realidade criada pela pandemia, *“creio que se deveria dar um passo atrás no sentido de retomar essa medida”*.*

Quando questionada sobre os impactos que considera que advém do seu projeto em concreto, a **coordenadora 1** remete para **impactos sociais**: *“as mudanças são acima de tudo geracionais, não sendo de um dia para o outro”*. Dá o exemplo das mulheres e do adiamento dos casamentos, e de uma maior liberdade para com elas, que é algo que

demorou muito tempo a atingir. Dá ainda o exemplo de um tipo de objetivo que ainda não foi atingido e que tem sido difícil de gerir, que é relativo às questões de empregabilidade. Mais especificamente, por vezes surgem oportunidades de emprego para os participantes do projeto, no entanto, estes rejeitam, pois, dizem que “em casa ganham mais”. Apesar de tudo, indica que existem muitas diferenças, especialmente ao nível da abertura das comunidades para com estes projetos.

Quando questionada acerca dos **maiores impactos nos jovens e na comunidade** que considera que advém do projeto que coordena, a **coordenadora 2** refere que “os principais impactos que eu vejo são os próprios jovens a ter consciência que têm de quebrar ciclos que se mantinham ao nível familiar há muitos anos. Dizem ‘Eu não quero ser como os meus pais’, ‘Eu se tiver que sair de (...) saio, mas eu não o quero fazer, eu quero é mudar a comunidade’, ‘eu quero trabalhar’, ‘eu quero estudar’, ‘eu não preciso de ir para a faculdade’. Muitos querem, mas chegam ali ao 9º ano e dizem ‘Se calhar se não conseguir ir para a faculdade até não preciso de ir para a faculdade, mas pelo menos quero estudar e quero ter um trabalho honesto’”. **Um exemplo concreto**, “Tenho um grande exemplo aqui de um jovem cuja família toda a vida viveu de tráfico, (...) e ele estava com muita dificuldade em arranjar emprego. Ele é Cabo-Verdiano e é verdade, cada vez se fala mais nisto, ‘Há racismo em Portugal’ e não estava a ser fácil por ser Cabo-Verdiano. E ele chegou um dia em desespero total à minha beira e disse ‘(...) a última coisa que quero é ter de fazer aquilo que a minha família está a fazer’”. A **coordenadora 2** refere que “Estes são os impactos que me fazem mesmo abrir os olhos. Vale a pena apostar nestes miúdos”.

Na comunidade, os impactos que a **coordenadora 2** destaca, passam por “Vivermos (as diferenças de cada um) com naturalidade aqui no projeto”, refere que “não sabemos tudo, vamos aprendendo uns com os outros. É assim não somos todos iguais aqui no projeto, nem no bairro em si. Somos 20 nacionalidades diferentes, cada um comer as suas comidas, a vestir-se de formas diferentes. Temos, cores, pesos, maneiras de falar diferentes, amores diferentes que é uma coisa que também falamos com naturalidade. Nem todos gostamos de rapazes ou de raparigas, temos de crescer assim. E as coisas com mais ou menos tempo acabam por se tornar todas normais. E é isso que o Escolhas nos permite, que eu não vejo mais nenhum programa, mais nenhum nada, nenhuma escola,

não há nada no nosso país que nos permita isto, este crescimento conjunto com tanta vontade, com tanta diversidade”.

À questão de **porque é que acha que por vezes os jovens desistem de ser acompanhados pelos projetos**, a coordenadora 2 refere *“não os deixamos desistir. (...) os poucos que nos fogem nós vamos atrás deles. Nós não podemos deixá-los desistir porque são vidas que se perdem”*. No entanto, a coordenadora do Escolhe Vilar, admite que *“quando falha, eu percebo, não podemos salvá-los a todos, é uma realidade”* e atribui esta “falha” à família. Explica que *“aqui há tempos voltaram a haver guerras entre gangs de drogas”* e nestes momentos, mesmo *“se formos atrás deles, não adianta”*. Recorda que *“no início do ano estávamos a ter excelentes resultados com jovens NEET. Estávamos até a conseguir empregos e formações com eles. Com o confinamento, na verdade... houve confinamento para toda a gente, menos para a criminalidade... E pronto, já houve alguns que se foram perdendo. E houve aumento da violência...”*.

O coordenador 3, por sua vez refere que **aquilo que faz a diferença do Programa Escolhas na vida dos jovens e das comunidades**, passa pelo facto de *“o programa escolhas pelo seu reconhecimento enquanto política pública, é um programa essencial para as comunidades e para os territórios que realmente necessitam de intervenção ao nível das competências, do desenvolvimento de competências relacionado com os jovens”*. Menciona ainda que *“efetivamente tem um impacto muito elevado, não só nos últimos 20 anos, mas continua a ter enquanto programa de continuidade”*. Para exemplificar, ilustra com o projeto que o próprio coordena e que já é Escolhas desde a 1ª geração, contando que *“é notório no território, na comunidade as diferenças quando analisamos, por exemplo, a pequena delinquência, a pequena criminalidade, gravidezes na adolescência, os consumos ... tudo isto ... verifica-se efetivamente que houve uma grande redução e é fruto do trabalho, não só do Programa Escolhas mas aqui do nosso projeto enquanto participante do Programa Escolhas, mas também da própria entidade promotora e gestora, que tem feito um trabalho reconhecido e de mérito no território, na comunidade”*.

Quanto à questão sobre quais os **“ingredientes-chave”** para que o projeto corra da melhor forma e tenha sucesso, a coordenadora 1 responde que **“sem dúvida que o tempo**

de convivência é essencial”, referindo que a abertura crescente que existe por parte destas comunidades apenas existe devido a uma presença diária destes projetos durante anos e anos, o que leva, gradualmente, ao **aumento do nível de confiança**. Refere, ainda, a importância das ajudas e do apoio das Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia, assim como todos os restantes parceiros dos projetos, uma vez que fornecem vários recursos essenciais para que o projeto possa atingir os seus objetivos. A coordenadora dá também o exemplo de recentemente, face a uma concentração de casos positivos de COVID-19 na comunidade alvo deste projeto, terem comunicado diariamente com os participantes infetados para fornecer apoio social, mas sempre comunicando e trocando informações com centros de saúde e outros meios que pudessem ajudar aquelas pessoas da maneira mais holística possível.

Para o **coordenador 3**, ao abordar os “ingredientes mágicos” que levam a resultado positivos, foca-se no seu projeto: *“são a nossa **informalidade**, portanto o facto de nós conseguirmos falar a linguagem da comunidade e dos jovens, mesmo estando em estruturas altamente burocratizadas e que nos exigem um trabalho dantesco, quase, de recolha de dados (...) A **flexibilidade** também, o facto de aqui o PE nos dar uma elevada liberdade de metodologias de intervenção e da própria filosofia de intervenção e o desenho de projeto. O facto de termos o **financiamento**, é ... acho que é extremamente importante, (...) é essencial. (...) a própria **identidade Escolhas**, se bem que com todos os eventos que surgem, com o **festival Escolhas** nos anos anteriores, o **barco Escolhas**, com o **comboio Escolhas**, toda esta **proximidade** que permite aos jovens realmente ter contacto, porque é muito importante nós percebermos isto, estamos em territórios, e falo muito do território no qual coordeno, que acaba por ser um gueto, altamente estigmatizado, altamente segregado, é importante perceber a importância destes projetos na abertura de poder levar estes jovens a conhecer e também o processo contrário de permitir às pessoas fora destas comunidades conhecerem também, e muitas vezes mudarem aqui a sua perceção e a sua ideia em relação às populações e territórios”*.

Focando-se apenas **no projeto atual**, a coordenadora 1 considera como **principais impactos o trabalho com as escolas**, com as quais colaboram em algumas atividades, a partir das quais têm um feedback muito positivo, já que parece que motivam os alunos e

existem melhorias ao nível dos resultados escolares. Este feedback advém não só por parte dos docentes, mas também do diretor da escola que identifica o projeto como uma mais-valia.

É identificada ainda a grande importância das “saídas para fora” com o projeto. *“São freguesias muito isoladas que só têm... que não têm nada. Não é só têm, é não têm nada (...) e então, poder levar estes miúdos para fora... o ano passado optámos por ir ao Jardim Zoológico também. Sei que são experiências que nunca vão esquecer e que lhes ficam na memória e os marcam, hum... tudo o que é atividades de exterior, eles adoram.”.*

Abordando os **impactos mais significativos do projeto** nos jovens e na comunidade, no que se refere à 7ª geração, o coordenador 3 refere que *“apesar desta geração ter sido muito curta, nós verificamos um impacto gritante do nosso trabalho na comunidade”.* Salienta que *“ao nível daquilo que são as nossas medidas, (...) quando pensamos as problemáticas (...) portanto a questão do insucesso escolar, principalmente (...) nas faixas etárias mais elevadas, (...) os alunos do secundário, (...) a questão do desemprego juvenil e o terceiro da diminuição dos comportamentos desviantes na comunidade. Efetivamente, através do nosso projeto verificámos que os resultados foram ... foram bastante bons e que o nosso trabalho conseguiu realmente ajudar aqui os jovens, nestes problemas que existiam”.* O coordenador continua e retrata que ao **nível do sucesso escolar**, *“(…), este ano por exemplo, acompanhámos mais de 85 participantes e verificámos 5 retenções, (...) temos uma taxa de sucesso escolar elevadíssima (...) estamos a falar de escolas com bastantes jovens que vão para caminhos desviantes e que acabam por ter grandes taxas de abandono e retenção”;* Já ao **nível do desemprego juvenil**, este refere que *“(…) no primeiro ano nós verificámos que realmente havia bastante facilidade, devido também à conjuntura que nos permitia também encontrar empregos e fazer encaminhamentos para jovens”.* No entanto, após a pandemia, conta que *“nós sabemos que a realidade se inverteu e realmente temos tido alguma dificuldade neste aspeto”;* por fim, em relação à diminuição dos **comportamentos desviantes**, diz que *“nós tivemos uma aposta clara, ao contrário do projeto da geração anterior, que focávamos muito na questão do sucesso escolar, este aqui, a medida 3 foi realmente a nossa medida chavão, portanto, pegar nela e trabalhar aqui muito esta questão”.* Este realça que *“os resultados são visíveis e o*

próprio feedback dos jovens relativamente à nossa intervenção nesta área tem sido bastante positiva”, e que têm verificado no território, nos últimos anos, uma maior segurança nas ruas, onde diminuíram comportamentos, como por exemplo, os atos vandalismo, grafitis contra a polícia, narrativas de ódio contra as populações do bairro. Por outro lado, nas palavras do participante, verifica-se “(...) jovens com uma muito maior abertura para questões relacionadas, por exemplo, com a LGBTI, a questão do racismo (...)” aproveitando para mencionar, em relação ao racismo, que “é algo que voltou agora à nossa agenda e que temos trabalhado bastante sobre este assunto e que os jovens têm realmente ... têm feito inclusivamente eventos contra a discriminação racial”

O **coordenador 3** conclui que *“quando nós pensamos, quer na nossa intervenção, quer no impacto que temos junto dos jovens e da comunidade é claramente positivo e além disso é altamente reconhecido pelos parceiros, quer da comunidade, quer pelo consórcio. Somos essenciais e mais do que nunca, neste momento, somos altamente essenciais”*.

De forma a ilustrar o alcance que os impactos nos jovens podem ter, o participante partilha a história de dois jovens que passaram pelo Escolhas e que têm patente em cada uma das suas vidas o sucesso que alcançaram. Começa por partilhar que *“nós temos vários jovens que se conseguiram superar perante todas as adversidades que advêm do contexto e das próprias categorizações que já transporta (...) temos sempre um caso que é sonante que é o [Nome], antigo jogador do [clube] e jogador atual do [clube], que foi um dos nossos jovens durante muitos anos, claro que não nesta geração, mas que conseguiu efetivamente ter sucesso na área, no campo desportivo. Temos também a [Nome], atleta (...), que foi nossa participante, também, noutras gerações”*. O participante alerta que têm, além destes casos mais mediáticos, têm *“(...) todos os casos de sucesso que nós celebramos com o mesmo afinho ou até mais, de jovens que conseguiram completar o ensino superior, jovens que estão neste momento a entrar para o ensino superior, jovens que se destacam na culinária, por exemplo temos um dos casos”*. Recorda, também, o caso que uma antiga dinamizadora comunitária que atualmente é agente da PSP *“que conseguiu também fazer um percurso de sucesso e tudo isto, efetivamente, graças, não apenas a nós, mas tivemos, com certeza, um grande papel aqui, pelo menos, no suporte até os jovens conseguirem chegar a estes pontos”*.

Quanto ao **envolvimento dos participantes**, a **coordenadora 1** do projeto faz questão de distinguir as freguesias com as quais trabalha quanto ao seu nível de envolvimento. Por outro lado, num dos territórios de intervenção, *“Conseguimos envolver as famílias num total”*. Refere ainda que em um dos territórios existe muito mais envolvimento do público masculino, enquanto que em outro dos territórios existe um envolvimento igual entre homens e mulheres. Nomeadamente, a [Nome] faz questão de referir que um dos cuidados que tiveram aquando do planeamento do projeto foi a criação de uma atividade especificamente dirigida somente para mulheres. A coordenadora 1 volta, por esta altura, a referir que **a evolução se observa de geração em geração**.

Quando questionada sobre de que modo se pode **aumentar o envolvimento** das comunidades neste tipo de projetos e respetivas atividades, a **coordenadora 1** remete para a identificação de necessidades da própria comunidade; *“devemos ir ao encontro daquilo que eles procuram. Se nós fizermos atividades que, embora muito bonitas para nós, não forem apelativas para os jovens ou às crianças, não vale a pena nós fazermos. Nós primeiro temos que ir ao encontro, e fazer um “pré” ... um apanhado daquilo que... que eles gostam, não é? (...) é ir ao encontro aquilo que os participantes procuram, aquilo que eles desejam, aquilo que eles gostavam de fazer.”*.

Quanto ao **envolvimento dos participantes nas diversas atividades**, a **coordenadora 2** refere que no projeto que coordena, *“é fabuloso, eles gostam muito. Estão sempre a propor novas atividades. Se temos um dia em que as coisas têm de ser um bocadinho mais calmas, já é um dia de ‘Ai que seca, não se faz nada!’ porque aqui eles são muito ativos, estão sempre prontos a fazer seja o que for. São jovens que também não têm grandes respostas”*. E por isso mesmo *“agarram tudo. Gostam também de atividades de voluntariado, de ajudar. Foram criados connosco. Lá está, nós acompanhamo-los desde os 6 anos, quando começam a escola primária e depois quando chegam ao 12º ano e vão para a faculdade e/ou começam a trabalhar, temos que os deixar voar. Mas eles acabam por (...) andar sempre por aqui. E perguntam em que podem ajudar”*.

Sobre **o envolvimento dos jovens no projeto**, o **coordenador 3** separa-o em três pontos temporais diferentes: *“pré-pandemia”, “durante-pandemia e “pós-pandemia”* como lhes chama. Este explicita que em relação à **pré-pandemia** *“nós conseguimos, efetivamente,*

ter uma boa envolvimento e uma boa adesão por parte dos jovens. Conseguimos, inclusivamente, trazer os jovens da comunidade cigana, que em projetos anteriores não tínhamos tanta facilidade no envolvimento e conseguimos (...). Portanto nós fizemos atividades em que tínhamos como objetivo entrosar aqui os jovens da comunidade cigana com os jovens afrodescendentes, utilizávamos a música como metodologia de intervenção e deu bons resultados efetivamente. Verificámos também uma boa envolvimento dos jovens mais velhos, portanto, aqui na faixa etária entre os 18 e os 25, através de atividades direcionadas muito para esta tipologia de jovens, que pelas suas características acabam por ser os que ficam em maior risco de inatividade, mesmo características NEET, não é?”.

No que diz respeito ao período **durante-pandemia** refere uma alteração da metodologia de intervenção para o formato online, o que criou algumas “complicações” em termos das formas de envolvimento uma vez que “temos crianças e jovens que não tinham computador, internet, telemóvel, alguns nem mesmo televisão (...)”. No entanto, o participante explica que conseguiram envolver jovens a partir dos 14 anos, pois “os que são mais jovens do que isto (...) para além de não terem acesso ... não ter os materiais de acesso aos recursos para poderem ir à internet, muitas vezes necessitam de ter alguém que lhes ajude a poder aceder aos meios (...)”

No período **pós-pandemia**, ainda sem terem retomado as atividades presenciais, verificaram uma grande envolvimento por parte das crianças porque “os pais acabam por necessitar mais do nosso apoio porque têm os seus trabalhos, têm os seus afazeres, então acabam por nos deixar à responsabilidade os seus educandos” explica o participante. Por outro lado, verificaram que os jovens mais velhos, têm feito “o processo contrário (...) em que se foi perdendo (durante a pandemia), (...) algumas rotinas e alguns vínculos importantes à estrutura do projeto e à própria entidade promotora e gestora” conta. Este crê que com o retorno ao ano letivo, esses mesmos jovens voltem, mas espera que “com estas dificuldades provenientes da pandemia que se verifique um crescimento de comportamentos desviantes”.

Sobre os maiores **desafios** desde projeto em particular, a **coordenadora 1** refere que não existe muita dificuldade em trazer participantes para o projeto, já que se trata de freguesias com pouco recursos pelo que são o “único” escape dos jovens em questão.

Quando questionada sobre quais os **desafios sentidos relativamente à coordenação** do projeto, a **coordenadora 2** remete para a constituição de uma boa equipa de trabalho *“empenhada e consolidada”*. Refere que ao longo dos anos houve várias alterações na equipa porque nem toda a gente *“veste a camisola Escolhas”* e sente esse como um fator determinante. Como estratégia, na 5ª Geração, foi *“buscar dois jovens que passaram pelo projeto e foram capacitados”*, hoje são colaboradores *“empenhados e orgulhosos do projeto”*. Vê o envolvimento de jovens da comunidade na equipa como *“um dos segredos do sucesso”*. Estes colaboradores são vistos como exemplos de possibilidades reais para os jovens que frequentam o projeto, perguntando, como a [Nome] cita *“O que é que temos que fazer para poder vir trabalhar no projeto?”*. Um dos jovens quando era mais novo costumava dizer *“Quando for grande quero ser coordenador comunitário!”*. Entre outros exemplos como *“O que eu queria era trabalhar num projeto destes, porque aqui é que eu me sinto realizado, aqui é que eu sou feliz!”*.

Sobre o que pode estar na **origem da falha nos processos de envolvimento**, o **coordenador 3** aponta que *“o que falha é que são normalmente 50 participantes diretos, 50 mundo diferentes, 50 educações diferentes, 50 formas de ver o mundo diferentes (...)”*, entre outros motivos, como por exemplo, a tolerância dos jovens às restrições do projeto, a falta de identificação com as atividades, a falta de identificação com a forma de intervir da equipa, o facto de, simplesmente não gostarem do projeto, das equipas técnicas, das pessoas, dos seus pares.

No âmbito da temática **dos maiores desafios sentidos**, o **coordenador 3** começa por referir o **período de duração do PE**, argumentando que *“2 anos são demasiado curtos para uma intervenção que visa resultados concretos de mudança”*. De seguida, menciona as **questões laborais**, contando que *“equipas que vivem diariamente em situações de alta precaridade laboral, com salários baixos e que leva também a que as equipas, muitas das vezes, não tenham as competências necessárias para realizar uma boa intervenção (...)”* e prossegue *“(...) nós trabalhamos todos com um sentido de missão muito grande (...) temos uma grande responsabilidade sobre os ombros e o que leva a um desgaste muito grande da equipa”*. Depois, a **elevada burocratização**, que o participante diz que acaba por ser *“um empecilho muitas vezes à nossa intervenção”*; as dificuldades com os **espaços**, onde

o facto de não terem espaços diferenciados dificulta, pois *“(...) devido ao elevado barulho, devido à mobilidade grande de jovens no espaço a andar de um lado para o outro, que acaba por ser difícil, muitas vezes, nós conseguirmos realizar da forma que nós desejaríamos as nossas atividades”* clarifica este; Também as **questões financeiras** são apontadas como *“um dos pontos que tem um grande impacto”* e o **tecido empresarial**, que o participante denota como tendo, possivelmente, um *“(...) papel mais preponderante naquilo que respeita a apoios, principalmente financeiros e para encaminhamento a empregos, também seria essencial”*, somando, ainda, que faltam muitos meios para que consigam trabalhar mais efetivamente.

No domínio do seu projeto, o **coordenador 3** sente que falta uma **maior autonomia relativamente à entidade promotora gestora**, pois se por um lado têm os recursos e meios necessário, por outro acabam por não ter a autonomia desejada de intervenção. Neste sentido, o mesmo explica que *“nós, enquanto projeto, temos uma filosofia de intervenção (...) a entidade promotora e gestora muitas vezes tem uma filosofia mais de serviço, de apoio, mais numa lógica de assistencialismo à própria comunidade. Muitas vezes estas duas visões acabam por chocar (...)”*. Termina, sugerindo que este último ponto seja trabalhado numa próxima geração.

Relativamente às parcerias, a **coordenadora 2** avalia-as como *“ótimas”* referindo ter *“uma excelente relação com todos”*. Dá exemplos de proximidade com a *“diretora da Escola”* e *“com a Câmara”*, que facilitam os *“processos de resolução de diversos assuntos”* rapidamente. Devido à criminalidade presente no território, a *“proximidade com a PSP”* é de grande importância e para que esta seja possível são realizadas diversas atividades com a PSP. Desde *“jogos de futebol”* e *“jogos de matrecos e bilhar”*, até a PSP *“ensinar-lhes técnicas de autodefesa”*. Irene acrescenta que com o passar dos anos *“a PSP entra pelo projeto adentro e joga com eles (...) e vai pela rua fora e cumprimenta-os já, têm essa relação aqui no bairro”*. Destaca também a *“parceria informal com a unidade da saúde familiar (...) que basta ligar para a diretora do centro de saúde e as coisas resolvem-se em 5 minutos”*. Refere, ainda que as **parcerias resultam muito bem** devido a estar no território *“há muito tempo”* e por *“conhecer muito bem, quer a população, quer as entidades”*. Muitas vezes *“não é possível ir mais além, (...) fazer mais, devido a questões*

institucionais” e porque alguns parceiros também estão muito “sobrecarregados de trabalho” que os impossibilita de apoiar de outras formas. E mesmo assim diz que “neste momento, não gostaria de alterar nada relativo às parcerias”.

No que concerne às **parcerias estabelecidas e o impacto real das mesmas na continuidade do projeto**, o **coordenador 3** reitera o verdadeiro apoio do consórcio, principalmente, em termos de recursos financeiros e materiais. Sobre o que seria importante, o mesmo começa por mencionar que *“seria importante nós termos um apoio cada vez maior da comunidade e da sociedade civil, não só ao nível que envolve as entidades do próprio consórcio, mas ao nível informal com tudo aquilo que é envolvente”*. E para completar adiciona que *“se todos tivermos apoio destas comunidades, todos ganhamos, (...) portanto ganha o projeto, ganha a comunidade, ganham os jovens (...)”*. Faz referência à importância que teria envolver entidades na área da saúde, pois este acha que *“é extremamente importante neste momento perante a pandemia que temos, ter envolvida nos consórcios, entidades que nos permitam ter conhecimento e ter formação na área da segurança e higiene e das questões de saúde também”*. Refere, ainda, que também seria importante as forças de segurança pública serem cada vez mais envolvidas, dando ênfase a projetos como o que coordena, devido *“à ideia não muito positiva relativamente à polícia, e muitas vezes, da polícia relativamente aos territórios”*. Acrescenta, que o envolvimento de multinacionais (supermercados, hipermercados) presentes nos territórios poderia ter um papel de ajuda ao nível dos apoios alimentares.

Em termos do projeto em si, o **coordenador 3** comenta que *“seria importante nós conseguirmos **comunicar** de uma forma mais preponderante aquilo que é o projeto e aquilo que é o PE”*. Além disso, ainda relativamente ao projeto, este diz que seria extremamente importante *“ter os **consórcios mais envolvidos** ainda naquilo que diz respeito à nossa própria intervenção e não só a questões de apoio a recursos financeiros e materiais (...) termos mais **parcerias de ação** nos nossos projetos” e “(...) termos as **empresas envolvidas** connosco para conseguirmos ainda mais encaminhar jovens para as questões da empregabilidade”*.

Relativamente a questões de **racismo, discriminação, e igualdade de género**, a coordenadora transmite uma *“revolta constante”*, já que a proximidade com estas

comunidades a faz sentir um pouco “na pele deles”. Destaca-se, ainda, a sua opinião de que esta situação se está a agravar: *“Agora, eu acho que isto é só a ponta do iceberg, eu acho que a situação se está apenas a agravar (...) se há 3/4 anos não era tão falada, agora o facto de se falar cada vez mais, eu acho que isto está a agravar cada vez mais porque... se por um lado, quem sofre de racismo se tenta defender, hum... quem acha que tem direito de (?) esse racismo, acha que também deve insistir. E o facto de estarmos aqui constantemente a batalhar no assunto, faz com que exista cada vez mais um foco, e uma barreira, entre as duas comunidades (...).”* Opina que, a seu ver, o segredo é que as pessoas possam conhecer as duas realidades para que exista empatia e compreensão.

A **coordenadora 1** revela que, com os acontecimentos recentes e “ascensão da importância dada a temática do racismo”, tem vindo a haver mais revolta por parte dos participantes no projeto. Recentemente deu como uma situação em [local], tendo a situação da pandemia piorado a situação já que existiu uma associação da comunidade cigana aos casos positivos de COVID-19, o que complicou a perceção social desta comunidade, de forma injusta. Ademais, a **coordenadora 1** refere que, de um modo geral, conseguem mudar os comportamentos associados a estas questões do racismo, intervindo, por exemplo, quando começam a existir trocas de comentários de ódio nas redes sociais. Apesar de tudo, embora reconheça que os participantes destas freguesias se sintam muito alvos de racismo e discriminação, considera que estas freguesias em particular permitem que eles estejam bem envolvidos na sociedade. Ou seja, o racismo nas freguesias em questão não é muito acentuado, sendo este fenómeno particularmente notório através das redes sociais.

Sobre a mesma temática, a **coordenadora 2** refere que no projeto têm atividades interculturais em que os jovens participam desde que são mais novos e relembra a presença de jovens de 20 nacionalidades diferentes que vão sendo exploradas nas atividades. Assim conseguem mostrar, de forma natural, que *“somos todos diferentes”*. A mesma refere que uma das primeiras atividades realizadas com recém-chegados ao projeto são no âmbito das questões das origens raciais e étnicas, mais concretamente da cor da pele. Todos os temas sensíveis vão sendo falados diariamente e abordados com naturalidade, de onde advém muitas vezes sessões planeadas para se ir desconstruindo

mitos e ideias menos corretas e construindo uma ideia mais inclusiva das diferenças de cada um. Destas sessões surgem campanhas de alerta *“sobre a violência de género, contra o racismo, pela promoção da igualdade de género”*, em que os jovens do projeto andam pelo centro da cidade a distribuir panfletos e fazem *“posts online”*. A entrevistada termina este tema referindo que relativamente ao trabalho realizado no âmbito destas questões *“todo o peso que dermos, é pouco”*.

Sobre se faria sentido dar **mais peso a aspetos como o racismo, radicalização, igualdade de género, ou outras formas de discriminação em razão da origem étnica, cor, nacionalidade, ascendência, território de origem ou religião**, o **coordenador 3** responde de imediato que *“sem dúvida que sim”*. Refere que têm de conseguir trabalhar em todas as 3 medidas e que não se podem virar apenas para a medida que trabalha todos os aspetos mencionados, mas que *“é extremamente essencial, no momento em que vivemos, tocar em todos estes aspetos”*. No que diz respeito à forma e como trabalham esta temática, o **coordenador 3** revela que têm atividades exclusivamente destinadas para esta matéria, como por exemplo, um grupo de jovens semanal, onde são feitas dinâmicas e debates sobre todas estas questões. Este relata que trabalham essencialmente as questões do racismo, através de metodologias de intervenção, mas também, as questões étnicas e de território, as questões do diálogo (inter-religioso) e as questões de género (LGBTI). Salienta, ainda, que *“temos de trabalhar o racismo a este micro nível (no bairro) numa fase inicial, e só posteriormente levar para um nível macro, ou seja, (...) junto da comunidade, contruindo aqui, verdadeiramente, pontes entre os diferentes grupos (...)”*.

Relativamente ao diálogo inter-religioso, o participante refere que se focam muito *“em visitas a outros templos (...) levámos os jovens aqui a conhecer outras realidades”* uma vez que *“quando falamos em preconceitos, a base que está nesta realidade do preconceito é o desconhecimento”* afirma. E por este motivo, levam os jovens a conhecer e a contactar com as todas as áreas. O participante revela algumas das ações que tomaram para o efeito, tais como, *“trouxemos pessoas de comunidades pertencentes a organizações LGBTI que deram o seu testemunho, demos formações na área do racismo, (...) Trouxemos jovens que são líderes em movimentos contra o racismo”*. Desta forma, o coordenador 3

sintetiza que *“aquilo que foi a nossa verdadeira estratégia de intervenção foi personalizar e humanizar estes problemas”*.

Em referência à existência de **adoção e/ou alteração de condutas e comportamentos** por parte dos jovens, relacionadas com as **questões da radicalização**, a resposta do **coordenador 3** é afirmativa, destacando que se apresenta de duas formas contrárias. Por um lado, os jovens que partem de narrativas altamente violentas, com discursos de ódio, quer seja contra outros grupos étnicos ou contra a polícia, e que *“ao longo de todo o processo foram mudando a sua visão das coisas e foram efetivamente sendo trabalhadas e foram trabalhando, eles próprios estas questões”*. Por outro lado, jovens apoiados na cultura “hip hop”, são levados para a ideação de gangue, de guetização e, deste modo, *“cresce esta simbologia e estas categorizações associadas aos guetos”* diz.

No caso da religião, na questão da radicalização, o **coordenador 3** refere que no projeto não tem problemas nesse aspeto, assegura o participante, pelo facto de a população ser muito homogénea, onde são todos cristãos e a maioria é católica, não gerando conflitos.

Na parte final das entrevistas, os/as coordenadores foram questionados sobre quais as suas **sugestões para o Programa Escolhas da 8ª geração**. A **coordenadora 1** sugere: *“Eu acho que o programa Escolhas está muito bem estruturado, hum..., e os objetivos que estão (...) é o que realmente faz sentido. **A nível de objetivos e a nível de metas, não há grande necessidade de alterar**. Hum.... Aquilo que faz sentido é, por exemplo, aumentar... por exemplo, **dois anos de intervenção não é nada**. Nós não fazemos nada em dois anos. E querermos que haja impacto social em dois anos... isso não existe (...) Mas **o aumentar as gerações faz todo o sentido**, hum... o aumentar por exemplo a equipa técnica também, ter mais recursos humanos, muitas vezes faz-nos falta, porque não conseguimos estar em todo o lado, e então estarmos numa freguesia, ou estar direccionados nas escolas, ou estarmos num espaço implica que não estejamos num outro espaço, e então precisamos de... **precisávamos de mais recursos humanos competentes, que realmente estejam mais sensibilizados, para a problemática**, hum... Não creio que haja necessidade de grandes mudanças efetivas, a não ser o tempo de gerações e os recursos humanos necessários”*.

A **coordenadora 1** acrescenta que no Programa Escolhas, os técnicos se sentem muito bem acompanhados e orientados, tendo um bom suporte – *“Este acompanhamento é muito importante para nós que estamos no terreno, e por vezes podemos sentir-nos um pouco sem saber o que fazer.”* Refere ainda que existe uma certa liberdade de projeto para projeto para que os técnicos sejam autónomos para *“ajustar as atividades, para ver o que faz sentido... nós temos autonomia para conseguir adaptar o projeto às necessidades dos participantes, e isto para nós é ótimo”*. Considera, assim, esta **flexibilidade** muito significativa, já que cada bairro é um bairro, e cada realidade é uma realidade, pelo que é necessário saber e poder adaptar.

Na entrevista à **coordenadora 2**, esta refere que *“a única coisa que gostaria de mudar no Programa Escolhas, se pudesse, era as candidaturas”*. Refere-se ao momento das candidaturas como sendo de *“uma agonia terrível”*. Num mundo ideal, gostaria *“que o Escolhas existisse para sempre”*, sabendo que isso não é possível. A mesma apresenta o seu agrado relativo à *“margem de manobra”* que sentiu nesta 7ª Geração, *“quer ao nível do CID, quer de todas as medidas”*. Por isso **sugere apenas que para uma próxima geração** haja uma adaptação das atividades, tendo em consideração a pandemia que se atravessa.

O **coordenador 3** propõe diversas alterações para a próxima geração Escolhas: ***“diminuir as questões burocráticas”*** referindo que *“perdemos demasiado tempo com estas questões”*, mesmo que compreenda que são essenciais e necessárias, diz que *“acabam por ter aqui algum peso na nossa intervenção”*. ***“Aumentar o período dos projetos”*** de modo *“a ter mudanças mais notórias e mais solidificadas. “Retomar a medida IV”*, neste momento *“é essencial nós trabalharmos as competências digitais”*. Em quarto lugar, ***“ter uma medida direcionada para as questões da saúde”***. ***“Melhorar condições laborais das equipas”***, uma vez que *“(…) necessitamos com urgência de ter equipas de continuidade, (...) que fiquem nos territórios, que criem confiança, laços fortes para poder fazer a diferença”*. ***“Mais financiamento”***, para ser possível *“(…) conseguir ter mais meios para trabalhar”*. ***“Mais formação ao nível das equipas”***, na área das tecnologias da informação, para fazer frente a *“uma realidade em que precisamos de utilizar as redes sociais, ter conhecimento nas áreas do design (...)”*. Sugere também um ***“refresh ou um rebranding”*** relativamente à identidade projeto, na medida em exista uma *match* da

linguagem do Programa Escolhas e a linguagem dos jovens. Uma outra sugestão remete para **“mais impacto ainda ao nível da sociedade civil”**, de forma a **“ser muito mais reconhecidos lá ‘fora’ (...)** nós fazemos um trabalho de excelência, o próprio programa, é um programa de excelência baseado numa política pública altamente inovadora, altamente reconhecida e há pouco reconhecimento (...)”**”. Ainda, um maior reconhecimento das equipas técnicas,** pois julga que **“(...) são pouco reconhecidas no nosso trabalho, não só ao nível do programa, mas ao nível dos parceiros como já tinha referido”**. Também **adaptar ainda mais os horários e o desenho do projeto às necessidades. “Retomarmos a filosofia que foi a génese deste o princípio do Programa Escolhas”**, isto é, **“trabalhar ainda mais na rua, conseguirmos trabalhar mais ao nível das artes, (...) forma de estar mais informal, (...) conseguirmos ter esta proximidade, linguagem cada vez mais jovem. (...) É muito importante os jovens conseguirem adotar esta identidade Escolhas e daqui a 10 anos dizerem ‘eu fiz parte deste programa’, ‘eu cresci neste programa’ (...)**”**”. Finalmente, “capacitar e permitir aos projetos construir identidades das próprias entidades”**.

Ao nível do Programa Escolhas, o **coordenador 3** apresenta, também, algumas recomendações, tais como: **“outros meios de comunicação, por exemplo o Instagram”**; **“mais momentos de partilha entre projetos”**; regresso da figura de dinamizador comunitário **“especialmente neste momento”**; **“parcerias ao nível de cooperativas de artes, por exemplo; arte urbana é algo que tem um grande impacto com os jovens”**.

À questão **“O que representa o Programas Escolhas?”**, a **coordenadora 1** responde que, para as comunidades com que intervém, são muito representativos no acompanhamento e reforço do dia-a-dia, representando um pilar com o qual os participantes podem contar sem haver necessariamente um distanciamento formal. **(“pilar para a comunidade, estando este pilar assente nas relações pessoais”)**.

Pediui-se à **coordenadora 1** que **avaliasse a sua experiência em todo o Programa Escolhas** até hoje, tendo este respondido que **“É muito gratificante... embora aquela gestão emocional nos esgote às vezes um pouco, não a nível físico... nós não vamos para casa cansados a nível físico, nós vamos quase a nível emocional. Agora, se me disserem, gostas do que fazes? Eu adoro o que faço, adoro o público com quem trabalho, hum... nós**

sentimo-nos bem-vindas (...) na comunidade cigana, e sempre fomos respeitados, sempre tivemos a porta aberta, e... e isso dá-nos força, dá-nos alento. E, além do mais, saber que estas pessoas precisam de nós e que nós podemos contribuir para facilitar... com muito pouco, nós conseguimos facilitar a vida destas pessoas, com coisas que, dentro do projeto ou fora do projeto, há coisas que não cabem na medida do projeto (...). São coisas muito pequeninas para nós, mas que para esta comunidade fazem toda a diferença.” A **coordenadora 1** termina a entrevista referindo que **“estes são os programas que fazem diferenças efetivas no dia-a-dia das pessoas, e que é preciso humanismo nos técnicos para trabalhem neste tipo de projetos. Sem humanismo, mais valeria não estarem lá”**.

Quando questionada sobre **“o que representa o Programas Escolhas para si”**, a **coordenadora 2** respondeu que está *“imensamente grata do fundo do coração, porque foram as únicas pessoas que deram oportunidade a estes miúdos de mudar de vida. E eles mudaram mesmo a vida deles. Eu vejo milagres. Verdadeiros milagres. E por isso é que eu vesti a camisola do Escolhas. E enquanto puder visto, porque vi milagres graças ao Escolhas”*. Quanto aos jovens, o Programa Escolhas representa uma *“mudança de vida radical (...) É o tal antes e o depois do Escolhas”*.

Com base na sua experiência, o **coordenador 3** partilhou o que representa o Escolhas para si, verbalizando **“Missão, Escolhas é missão. Escolhas é ... aquele diamantezinho que está lá enfiado na gruta ainda e precisa ser mostrado a toda a gente, porque o Escolhas é das políticas públicas (...) com verdadeiro impacto no nosso país, (...) é também aquele megafone que toca na ferida** e que nos momentos mais difíceis leva a que certos grupos, que acabam por ter menos visibilidade, consigam falar e consigam dizer ‘estou aqui’, ‘eu tenho os direitos também’, (...) e vamos todos dialogar e vamos construir juntos, porque isto aqui (...) não é só uma sociedade do eles e do nós, é uma sociedade de todos. **É inclusão também, é empoderamento, é capacitação ... é voz, é força, é irreverência.** E depois é o contrário também, é burocratização... Mas essencialmente é isto, e temos que valorizar muito porque nós que estamos nas equipas e que acabamos por estar muitos anos disto e acabamos por ficar um pouco cansados ... deste mundo, temos que ver efetivamente aquilo que é importante, e importante aqui são os resultados. E quando nós olhamos e vemos comunidades e os jovens com resultados, a conseguirem sair de

reprodução dos ciclos da pobreza, portanto significa que nós estamos cá e que nós temos que ser reconhecidos.”

Na reta final da entrevista, a **coordenadora 2** apenas referiu “os miúdos têm um orgulho no Escolhas que é terrível!”. Para finalizar, o **coordenador 3** descreve o que é o **Escolhas para os jovens**, dizendo que “talvez uma catapulta para o futuro... uma ponte sempre direccionada para o futuro (...) é acima de tudo, capacitação, empoderamento, oportunidade e futuro”.

5.2. Entrevistas aos Jovens

Território 1

Projeto	Características
Projeto 1	Território de intervenção: Zona sul do país (rural) Historial: Intervenção desde a 3ª Geração Tipo de público com quem trabalha: quase exclusivamente comunidades ciganas

O **Participante 1** é um homem de 28 anos que participa do projeto Escolhas desde cerca de 2007. Ao falar sobre a sua **experiência e o impacto com estes projetos**, o participante diz-nos que “*Epá, isto para mim tem sido muito bom... tem sido muito bom. Tenho aprendido muita coisa, tenho tido muitas experiências novas, hum... (...) tipo, conseguiram mudar muitas... às vezes culturas, a minha cultura é uma cultura muito difícil de... de aceitar, que, tipo, os casamentos, tradições, muitas coisas conseguiram mudar. Por exemplo, na nossa etnia, casa-se muito cedo (...) e houve muita ajuda, muito apoio, e conseguimos ultrapassar essas coisas (...), conseguimos, disfrutas mais do tempo e (...) tipo, a nossa etnia cigana gosta de ter muito filhos, e eles conseguem ouvir a nossa mente e compreender-nos a razão e a verdade, que não é com o ter muitos filhos ou muitas filhas que lhes conseguem dar uma educação (...) é muita coisa, muita coisa...*”.

Quanto a **este projeto em particular**, o participante refere o contributo que tem sido para poder aprender e **avançar a sua educação**, mencionando até um site que lhe disponibilizaram que se chama “bichinho do saber”, com o qual tem aprendido muito. Menciona ainda que, durante a pandemia, o projeto ajudou muito o seu filho a fazer atividades apesar de as aulas presenciais estarem suspensas, permitindo que os seus filhos continuassem a aprender.

O participante acrescenta que sem dúvida que este projeto já está a **ajudar a vida dos seus filhos**, sendo que os mesmos têm muito carinho pelas técnicas e aprendem muito com elas.

Para si, acrescenta ainda que por vezes precisa de ajuda para os seus estudos evangélicos, sendo que as técnicas do projeto disponibilizam para o ajudar de diferentes formas, nomeadamente com ajuda informativo e emprestando recursos materiais.

Quando questionado sobre as **assembleias de jovens (AJ)**, o participante diz que já participou nestes eventos e considera *“muito divertido, gostamos muito, aprendemos muita coisa e... nos envolvemos. (...) é muito importante, aprendemos, sabemos o que vamos fazer, fazemos muita coisa.”*

Sobre a interação com outros jovens nas AJ, o participante diz-nos que *“Primeiramente, **há união**, há união... conhecemos pessoas novas, aprendemos uns com os outros porque... nem todas as pessoas têm a mesma forma, e conseguimos aprender e conseguimos saber que há pessoas com outros tipos de forma (...) e tentamos compreender e tentamos compreender cada feitio e cada maneira da pessoa e **a respeitar cada feitio e cada maneira de cada pessoa.**”*

Sobre o seu próprio papel no Programa Escolhas, o participante **considera que é ouvido** e que se sente à vontade para partilhar.

Sobre **algumas melhorias a existir**, o participante reconhece que existem algumas coisas que anda podem melhorar: *“Por exemplo... e eu, estou a conseguir, estou a conseguir... tentar melhorar o português.”* Sobre a **discriminação**, o participante concorda que se pode investir mais na área do racismo e da discriminação, explicando **que o projeto é**

importante para aprender a lidar com o racismo no dia-a-dia. O participante explica: *“Ajuda-me a enfrentar essas coisas e ajuda-me a ultrapassar essas coisas, porque... com isso eu consigo entender (...) eu consigo perceber que pessoas que são racistas, pessoas que trabalham com racismo, que são racistas, eu consigo ver. eu consigo entender que eles não conseguem compreender nem conseguem saber respeitar os demais (...) que eles não têm uma capacidade de poderem respeitar os demais. É aquilo que nós conseguimos aprender e é aquilo que nós sabemos.”* Acrescenta que o programa lhe permitiu compreender que *“Uma pessoa racista para mim é uma pessoa que não tem educação”,* e que *“(...) por eles não conseguirem respeitar, isso não importa, eu consigo respeitar a deles.”*

Acerca do **nível de aderência da sua comunidade**, o participante refere **que é fácil que as pessoas participem nas atividades** desenvolvidas pelo projeto, explicando que *“quem não participou ainda, ou seja, (...) quem diga que não consiga, para mim, é como aquelas pessoas como nós dizemos ‘gostas deste comer?’, e ela diz ‘não, não gosto’, mas nunca provou, como é que ela vai saber se gosta?! (risos)”*.

Durante a entrevista, foi ainda questionado sobre como achava que se pode **obter mais pessoas e maior participação** nas atividades dos projetos; o mesmo referiu que *“será com atividades (...) depois quando as pessoas estão cá dentro vamos conseguindo perceber, passo a passo, ganhamos confiança delas (...)”*.

Por fim, à pergunta o que representa o programas Escolhas para si, o mesmo refere *“não tenho palavras para poder explicar (...) é muita coisa, é muita coisa... não tenho palavras para poder explicar (...) não há palavras para poder explicar o quão bom e o quão necessitado é isto para nós”*.

A **participante 2**, é uma mulher de 24 anos e mãe de 3 filhos (1, 4, e 9 anos), frequenta o Escolhas desde muito pequena, tendo realizado todo o seu percurso escolar e posterior vida adulta acompanhada pelo Programa Escolhas. Explica que, com o programa Escolhas *“Tenho-me desenvolvido muito, mesmo como mulher, nós mulheres... como é que hei de explicar... só os homens é que podem, só os homens é que devem, e as mulheres sempre ficam para trás (...) e este programa tem-nos ajudado muito.”* Perguntei ainda à

participante como acha que teria sido a sua vida sem a existência do programa escolhas, ao qual me respondeu que *“não tinha vivido tanta coisa como tenho vivido até aqui... não tinha conseguido muita coisa (...) já pude viajar, passear com o programa Escolhas... o meu marido até já participou neste programa, já trabalhou...”*. Conta-me que com o Escolhas, já teve a **oportunidade de ir ao Jardim Zoológico, ao oceanário, à praia, reconhecendo que tal não teria sido possível sem a participação neste programa.** *“Nunca me passava pela cabeça ir... e por causa do Escolhas já fui.”*

Após questionar sobre se existe um momento mais marcante com o Escolhas que quisesse destacar, a entrevistada responde-me que *“são todos marcantes!”*. Explica que *“O Escolhas é tipo uma segunda mãe. Elas (referindo-se às técnicas) estão cá para tudo, para tudo mesmo!”*.

Sobre este projeto em particular, a entrevistada explica que é diferente dos outros por terem **mais atividades**, uma vez que os outros só participavam através da escola (*“e tinham... só com livros, biblioteca, e com estes não... com isto nós temos mais experiências, hum... temos mais... aventuramo-nos mais aqui, tipo fazemos receitas, muita coisa, nós, até já tenho feito fraldinhas aqui para a minha bebé!”*).

Pegando no assunto da família, perguntei à entrevistada como sentia que a participação no Escolhas **influenciava o seu papel como mãe, e a sua família**. Referiu que *“muito acompanhada, elas ajudaram-me muito, tipo, alguma dificuldade que tenho ligo logo para a [nome]... ela sabe que é verdade... e eu pergunto, está sempre cá para me ajudar em qualquer tipo de coisa, a saber ser mãe e até a cozinhar, receitas... até tenho... a [nome], é madrinha da minha bebé!...”*.

Sobre **o seu papel** no Programa Escolhas, **exprime que se sente muito ouvida** – *“sim, muitas vezes as coisas que eu digo ficam feitas! Às vezes até dou ideias, e essas ideias até... Sou sempre ouvida!”*

Sobre **possíveis investimentos** para o Programa Escolhas, a participante considera que **não há nada a acrescentar...** *“Eu não sinto falta de nada. Até os meus filhos estão a ser educados pela (?), pelo projeto”*. Dá ainda o exemplo de um dos seus filhos que já sabe mexer muito bem nos computadores e telemóveis graças ao seu envolvimento do

projeto. Acrescenta que, se precisarem de alguma coisa, que podem dizer à equipa técnica, e têm as ajudam que precisam. Exprime que tem tudo o que precisa, fazendo o pedido “Só não nos tirem é o programa!”.

No que fiz respeito a identificar o **ponto mais forte do projeto**, a entrevistada diz-me que **são as pessoas, explicitando que o que faz destas pessoas especiais “é a atenção que elas nos dão, o carinho, a ajuda (...)”**.

Tal como o primeiro participante, esta participante refere que os **membros da sua comunidade gostam e aceitam o projeto, não havendo falta de aderência**. Ainda assim, como forma de obter mais participantes, considera que deve ser o projeto a ir ter com as pessoas e não o inverso – e.g., as técnicas irem a casa das pessoas apresentar as atividades. Destaca, no entanto, que na sua aldeia/vila todas as mulheres participam, tendo até acrescentado, rindo, que a sua avó participou no projeto antes de ir para o lar.

Desafiada a descrever **o que representa, numa frase, o programa Escolhas para si**, a participante diz-nos que *“O Programa Escolhas é... é... é metade da minha vida, do meu coração”*.

Território 2

Projeto	Características
Projeto 2	Território de intervenção: Zona Norte do país (urbano) Historial: Intervenção desde a 1ª Geração Tipo de público com que trabalham: maioritariamente crianças e jovens portuguesas e descendentes de imigrantes.

Participante 1

O participante 1 é um jovem do género masculino de 21 anos que participa do projeto Escolhas desde cerca do ano de 2006. O participante 1 emigrou para Inglaterra e está neste momento a terminar o equivalente ao 12º ano, tendo perspetivas de ir para a faculdade no próximo ano letivo. Ao mesmo tempo está a trabalhar no restaurante Tailandês para sustento.

Ao falar sobre a sua **experiência e viagem pelo Escolhas**, o participante diz-nos que *“Foi bom, porque onde o projeto está situado, em (...), é muito violento, e assim é muito bom: para as pessoas que têm esses problemas; para as pessoas que não têm possibilidades de sair fora por causa dos pais. Então o projeto ajuda-nos muito, tipo a irmos para fora, divertirmo-nos todos juntos”*. Recorda atividades que fazia desde o início, *“jogávamos à bola, pintávamos paredes, (...) foi bom”*.

Se fosse um filme, o jovem descreveria este projeto como sendo de ação e justifica dizendo que *“viajamos muito e aconteceu muita coisa”*, até os castigos, hoje são vistos *“como uma lição, porque sempre aprendemos”*. Vivendo através da expressão *“por um pagam todos”* que diz estar incutida no projeto, aprendeu também a força da união.

Quanto a **este projeto em particular**, o participante refere que na sua vida este *“fez muita diferença em parte da minha educação. O projeto ajudava sempre nos trabalhos de casa e com o conhecimento geral, (...) a maior parte das coisas que aprendi, foi tudo no projeto”*, era o local onde tinha acesso ao computador e onde podia explorar e aprender.

Ao participar no projeto, o jovem diz que teve a oportunidade *“de ajudar as pessoas que precisam através de voluntariado”*, que de outra forma não conseguiria tê-lo feito.

Recorda como um dos momentos mais marcantes da sua vida, a segurança e estabilidade que o projeto lhe proporcionou através de ajuda em alimentação, numa altura difícil para a família e sublinha: *“o projeto (...) é muito bom para nós e para outras famílias também”*.

Volta a referir a importância e oportunidade das saídas *“mesmo dentro de Portugal”*, como uma forma de aprendizagem cultural e social, que de outra forma não seria possível, pois as famílias não conseguem providenciar esse tipo de atividades aos filhos. Fala de um envolvimento constante dos jovens nas atividades, principalmente por parte *“dos mais velhos”* de forma *“a ajudar a Dr.ª [nome-coordenadora]”* a manter tudo organizado. Está muito presente a passagem de hábitos ao longo dos anos e de gerações, como o participante refere *“cresci a ver os mais velhos a fazer o mesmo, então quando vi os mais novos quis fazer o mesmo para ajudar os mais novos”*.

Com orgulho, o jovem refere o seu envolvimento num vídeo de divulgação (na televisão e posteriormente divulgado na plataforma YouTube) para uma maratona solidária, como um momento alto da sua dinamização e participação em atividades do projeto. Apesar de não ter participado, conta a possibilidade dos seus irmãos e outros jovens terem ido à Assembleia da República e terem podido participar na mesma, como um momento significativo para os jovens e para o projeto, que demonstra que os jovens no [projeto] são realmente ouvidos. Reforça esta ideia contando que (os técnicos do projeto) lhes davam um leque de escolhas que iam a voto e ganhava a maioria e ainda muitas vezes a equipa fazia surpresas aos jovens porque sabiam o que eles gostavam.

Quando questionado sobre **como a sua vida teria sido diferente caso não tivesse participado no projeto**, o participante mais uma vez reforça que *“no bairro onde nós crescemos era um pouco violento”* e por isso poderia haver consequências negativas na sua forma de estar e ver o Mundo, *“nunca se sabe o que poderia acontecer”* caso não existisse o projeto. Dá o exemplo de algumas pessoas que não tiveram a mesma oportunidade que ele e que se tornaram violentas e escolheram caminhos diferentes porque não sabiam que havia outras oportunidades. E ainda refere ainda amigos que mais tarde entraram no projeto e conseguiram mudar de vida e mudar a forma de pensar.

Em momentos de decisões difíceis *“falava sempre com a (...) [coordenadora] e a minha mãe também”*! Ainda relembra que o *“irmão veio da Guiné e o projeto ajudou-o muito, porque ele não falava muito bem Português”* e no projeto conseguia *“socializar e aprender Português”*. Tanto ele como todos os irmãos frequentavam o projeto o que era uma grande ajuda para a mãe, porque sabia que eles estavam bem e tinha tempo para cuidar das coisas da casa enquanto eles eram acompanhados nos trabalhos de casa e outras atividades.

Ainda hoje, passados 5 anos de ter saído de Portugal, o participante se sente acompanhado pelo projeto, *“pela (...) [coordenadora]”* e continua a dar a sua opinião e sente que é ouvido, assim como sempre que vem a Portugal, faz uma visita ao Projeto.

Quando questionado sobre as **Assembleias de Jovens** o participante diz que já participou nestas iniciativas, mas não desenvolve.

Quanto às áreas que os jovens sugeriram no inquérito anterior (estudo 1) que se poderia investir numa próxima geração, o participante concorda com o reforço destas. Explicitando que relativamente à *“cultura, é sempre bom saber de onde é que tu vens e saber (...) o que é que os outros passaram, (...) porque nem todos tivemos o mesmo percurso para chegar onde chegámos”*, e que na área da educação é especialmente importante porque os *“jovens deixam a escola muito cedo e (...) não deviam, (...) porque depois encontrar trabalho em Portugal é muito difícil”*.

Apesar de sentir e saber que o tema da discriminação é importante de ser abordado, porque há pessoas que passam por isso enquanto outras *“nem têm noção do que é que se passa (...) então fica complicado”* e mesmo os *“mais novos”* também têm de ser ouvidos e educados, diz que *“discriminação, nunca senti no projeto (...), sempre me senti confortável, todos sempre foram amigos comigo. Este tema era falado”*.

No Projeto, diz que a *“organização”* é o ponto mais forte, que permite que os *“mais novos, respeitem muito a Irene”* e a ouçam, até os mais velhos. Como ponto de melhoria diz que a **equipa deveria ter mais pessoas**, para conseguirem dar resposta a tantos pedidos e tantos miúdos, principalmente com os trabalhos da escola, porque todos querem e precisam de ajuda. Se pudesse, gostaria de **mudar o projeto para um espaço maior**, mas ficando em [local]!

O jovem define o seu percurso pessoal pelo projeto como “divertido”!

Relativamente ao Programa Escolhas, sente que o *“facto de terem vários projetos em Portugal é muito bom e o facto de fazerem reuniões (...) para se saber como é que os outros projetos funcionam também é bom”*. Desta forma sente que estão *“unidos de uma forma separada, porque estamos a trabalhar para o mesmo e estamos juntos”*.

Por fim, quando questionado sobre, numa frase, **o que representa o Programa Escolhas** para si, o mesmo referiu-se a este como sendo ***“bom, que ajuda as pessoas. Todas as pessoas têm as suas dificuldades e aqui parece que têm sempre solução (...) e isso é bom para a comunidade do Escolhas. Eles deviam continuar a fazer isso e não parar, porque há muitas pessoas que precisam de ajuda”***. Diz que se deveria fazer *“mais publicidade”* porque há outras pessoas *“que precisam, mas que não sabem que o Programa Escolhas existe”*.

Participante 2

A participante 2 é uma jovem do género feminino de 20 anos que participa no projeto Escolhas desde o ano de 2007, na 3ª Geração. A participante 2 candidatou-se à faculdade para este ano letivo. Trabalha no LIDL como forma de sustento.

A participante conta o seu percurso de crescimento **através da viagem pelo Escolhas**, contando *“Eu cresci aqui mesmo! Vinha da escola e fazia os trabalhos de casa e depois ia brincar com os meus amigos. Fiz aqui imensos amigos (...) que fizeram grande parte da minha infância. Com o apoio dos monitores eu tinha a certeza de que os trabalhos estavam feitos, estavam corrigidos”*. Recorda que quando era mais nova as atividades passavam por *“jogar matrecos, ver televisão, (...) pintar e desenhar”*. Todos estes momentos faziam com que estivesse sempre presente, *“adorava estar aqui”*! Agora que trabalha e que brevemente irá para a faculdade não conseguirá passar tantas vezes no projeto, no entanto vai *“tentar aparecer sempre que posso”*.

“O emprego que eu tive foi também com a ajuda deles, a fazer o currículo. Foi o meu primeiro emprego e consegui ficar”

“Nas férias então, nós vínhamos para cá sempre, eu e as minhas colegas e ainda hoje os meninos que ainda andam cá. Maior parte das vezes tínhamos imensos passeios, íamos à praia, todos juntos, tínhamos os acampamentos onde tínhamos sempre muito cuidado e atividades, tínhamos sempre imensas atividades. Nós fazíamos sempre tudo de forma a que toda gente se conseguisse divertir ao máximo. Eu apesar de agora já não andar cá tantas vezes, passei aqui os melhores momentos da minha vida, especialmente da minha infância”.

A participante fala do momento em que foi “*presidente do concelho de jovens*” e participava nos momentos conjuntos com jovens de outros projetos, principalmente nas “*reuniões com os presidentes das várias cidades de Portugal*”, o que também lhe permitiu “*conhecer alguns sítios novos*”, o que teve grande impacto porque adora “*conhecer sítios novos e coisas novas*”. Como presidente do Concelho de Jovens “*representava os jovens do meu projeto e da zona onde eu moro*” e em grupo “*discutíamos soluções para problemas*” comuns a todos os projetos ou em Portugal no geral.

Contando a sua **passagem pelo [projeto], como se fosse um filme**, a jovem resume “*Eu nascia, andava no infantário e quando fizesse 6/7 anos vinha para cá (foi nessa altura que eu conheci a [nome] – coordenadora do projeto – e conheci o [nome] (técnico da equipa). Foi desde essa altura, quando fui para escola primária. Aqui comecei a conhecer muita gente, inclusive pessoas que já moravam à minha beira e também vieram para aqui. Mas comecei a conhecer muita gente, comecei a fazer novos amigos. Depois tínhamos as alturas em que estávamos todos e tínhamos sempre alguma atividade para fazer – ou tínhamos Karaoke, ou tínhamos dança, ou tínhamos outra atividade. Isto quando não era a época das aulas, se não era, chegar aqui fazer os trabalhos de casa – e não saímos daqui sem ter os trabalhos de casa feitos e corrigidos – que eu acho muito bem que seja assim. E eles (equipa do projeto) ajudavam-nos sempre, sempre da melhor forma. E pronto, eu cresci aqui, não há muita coisa que eu possa, neste assunto, diferenciar porque a realidade é mesmo essa. Eu tive um período da minha vida – foram alguns anos consecutivos – que eu passava a minha vida aqui. Era na minha escola e era aqui. E em casa, eu levantava-me de manhã, às vezes vinha, às vezes até almoçava cá, eu às vezes trazia o almoço aqui e comia cá. E pronto e foi isso, com os anos acabou por haver evoluções. Acabamos por*

ter mais divertimentos, acabamos por ter mais pessoas, acabamos por ter mais eventos, em participar em mais eventos. E é isto que eu posso dizer”.

Como mudança de vida, pelo facto de ter participado neste projeto, a participante identifica como mais marcante o período que atravessou à cerca de “*um ano, um ano e tal*” em que teve “*de recorrer a ajuda psicossocial, porque andava numa fase mais stressada (...) e tive mesmo que recorrer à ajuda dela [nome coordenadora], porque eu já estava a chegar a um ponto em que não sabia mesmo o que havia de fazer. E tudo o que ela me disse, o acompanhamento que ela me deu, todas as palavras que foram ditas, tudo me ajudou de uma forma incrível. Porque eu hoje não digo que não estaria bem, provavelmente estaria, mas a ajuda que ela me deu nessa altura foi fundamental porque eu não sabia mesmo a quem é que eu iria recorrer. Isso foi uma das coisas, para além daquilo que eu já disse – de eu ter crescido aqui, de eu ter crescido com os meus amigos – isso foi uma fase menos boa, mas que acabou também por fazer grande parte da minha vida, no que toca a frequentar aqui o projeto”.*

Quando questionada sobre **como a sua vida teria sido diferente caso não tivesse participado no [nome projeto]**, a jovem diz que “*tinha sido diferente, sem dúvida! Agora, muito provavelmente não tinha sido diferente para melhor. Não estou a dizer que o meu percurso de vida seria mau, não é isso. Mas tendo em conta tudo o que eu passei aqui, acho que não ia ser melhor”.*

Relativamente aos jovens que frequentam o projeto, no geral, a participante acredita que as suas vidas também foram e são melhores “*sem dúvida. Especialmente, aqueles jovens que têm problemas e que não têm forma de os resolver assim mais rápido*”. Explica que “*a zona onde nós estamos, não é a zona mais agradável, digamos assim. Mas se não existisse o projeto, muitos destes meninos que andam cá, provavelmente andavam na rua a fazer asneiras, não iam para casa, os pais andavam sempre preocupados. O facto de haver o projeto, isto é uma coisa muito boa especialmente para esses meninos, para toda a gente, mas especialmente para eles porque assim têm um sítio para estarem, que sabem que não vão fazer asneiras e se fizerem asneiras sabem que vão ter alguém que os ajude, que os aconselhe, para eles não voltarem a fazer a mesma coisa e para crescerem enquanto pessoas. E acima de tudo, um sítio onde eles possam também conviver com mais*

peessoas. Porque muitas das vezes, os meninos pequeninos também não têm muita noção do quão importante é nós desenvolvermo-nos com pessoas ao nosso lado. O ser humano precisa de se desenvolver com pessoas ao lado, porque se não, não se vai desenvolver direito. E é muitas das vezes isso que os meninos não sabem, não têm noção e acabam por se calhar deixar um bocadinho isso de parte. E aqui no projeto isso é impensável fazer – deixar alguma coisa de parte é impensável. Por isso é que acho que isso foi uma das melhores decisões – terem aberto o projeto, especialmente na zona onde é”.

Quanto aos momentos mais marcantes, para a jovem “tudo acaba por ser marcante, de certa forma, de formas diferentes. Mas talvez, mesmo aquelas alturas em que nós não estamos mesmo num ambiente de projeto, num ambiente em que não temos de nos portar bem, se bem que nós sempre nos portamos bem em qualquer ocasião. Mas naqueles momentos em que nós vamos por exemplo em passeio e estamos lá todos mais unidos de uma forma mais livre, digamos assim. Nós aqui estamos livres, mas temos regras a cumprir. Nós queremos que isto corra da melhor forma, como é óbvio, e também temos de ensinar os meninos como é que se devem comportar. Eu acho que o que é mais marcante é mesmo aqueles momentos em que nós estamos sempre todos juntos, sempre todos contentes, muito mais livres. É nesses momentos que nós conseguimos perceber o quanto gostamos disto e o quanto queremos estar aqui, rodeados uns dos outros. Eu acho que é isso”.

Quando questionada sobre as **assembleias de jovens** a participante diz que tinham e têm “esse tipo de reuniões imensas vezes” e descreve-os como momentos de tomada de decisões e explica como aconteciam: “Nós reuníamo-nos e nós falávamos de certos assuntos ou de certos problemas ou alguma coisa que nós achássemos que devia ser mudado, ou que se não devia ser mudado, devia ser melhorado. (...) Fazíamos isso num contexto (...) geral ou para a zona onde nós vivíamos”. Entende estes, como momentos importantes porque “aqui não está só uma pessoa, aqui estão várias e para além de estarem várias pessoas, estão muitas de idades diferentes, muitas faixas etárias diferentes. E nós estamos a lidar com meninos muito pequeninos, mas também estamos a lidar com pessoas assim um bocado mais adultas, ou seja, há imensos gostos diferentes. Há muitos conflitos, não é conflitos no mau sentido, mas há gostos que nem toda a gente partilha e isso é importante para nós percebermos o que é que cada um quer e tentar

encontrar uma solução que possa satisfazer o que toda a gente – e as opiniões que eles dão. Como é óbvio, nós não vamos conseguir satisfazer toda a gente. Porque nós muitos e somos todos muito diferentes e temos todos opiniões diferentes, mas podemos sempre tentar arranjar uma solução que toda a gente goste e que os faça estarem satisfeito com aquilo que eles querem”.

A entrevistada vê **o papel dos jovens no [nome projeto] de uma forma muito partilhada e mútua de aprendizagem**, acredita que *“não somos só nós (jovens mais velhos) que ensinamos os pequeninos, eles também nos ensinam muita coisa. Muitas das vezes chegam da escola e contam-nos o que aprenderam – muitas das vezes há coisas que eu também não sabia –, lá está, da mesma forma que eles têm de crescer connosco, nós também temos de crescer com eles. Porque nós ao fazê-los crescer, de alguma forma também estamos a aprender a lidar com pessoas que são completamente diferentes de nós e isso acaba por nos dar uma capacidade muito mais integrativa – não sei se isto existe esta palavra – mas acaba por nos dar uma capacidade de integrar melhor as pessoas. Porque nós temos pessoas de raças diferentes, temos pessoas de tamanhos diferentes, pessoas de idades diferentes, temos sempre que ser abrangentes para todo o tipo de pessoas que por cá passam. Não é? Porque nós não podemos discriminar ninguém. Então isso é uma das coisas que nos ajuda, porque nós ao lidarmos com os mais pequenos, vamos ganhando capacidades para – para além de lidarmos com pessoas novas que nos possam surgir – vamos também acabar por aprender em termos pessoais, parecendo que não – eu vou dizer isto a brincar – mas parecendo que não, eu quando for mãe já vou ter algumas bases para alguma coisa. Acaba por ser isso, nós ajudamo-los a eles a crescer e eles também nos ajudam a nós a crescer, mas só que de formas completamente diferentes”.*

A participante diz com orgulho que **a opinião dos jovens é ouvida no [nome projeto]** e dá exemplos de como acontece, por norma. *“Por exemplo, às vezes dão-nos a escolher. Na altura do Versão, nem sempre dá para fazer tudo, como é óbvio, nem sempre dá para levar toda a gente. Muitas vezes os monitores pedem-nos a opinião ‘Vocês preferem ir aqui, preferem fazer isto ou preferem fazer aquilo ou preferem não fazer nenhum e fazemos uma coisa melhor daqui a uns dias...’ e cada um diz aquilo que prefere. Lá está, as opiniões, há sempre opiniões diferentes, mas também nós não podemos... Nunca vai*

haver aquela opinião que toda a gente partilha porque isso é impossível como é óbvio, nós somos pessoas, cada um de nós sabe aquilo que gosta. Mas eles tentam sempre, quando uma decisão não dá para ser tomada por eles sozinhos, os monitores entre si, eles pedem-nos a nós a nossa opinião. E é como eu disse há bocado, é consoante a nossa opinião, eles tentam arranjar a solução que seja mais plausível para que nós nos sintamos felizes”.

Os jovens gostam de estar envolvidos nestas decisões, *“muitas das vezes eles nem nos pedem opinião, nós simplesmente achamos que, como fazemos parte, também queremos dar a nossa opinião e queremos que eles nos oiçam. (...) Muitos dos nossos miúdos se calhar vêm de ambientes que não são assim os mais adequados, **mas pelo menos eles aqui sabem que têm sempre uma voz que podem usar e que pode fazer a diferença,** e por muito pequenina que seja, pelo menos aqui eles sabem que eles podem dar a opinião deles, que ninguém os vai julgar, que ninguém lhes vai apontar o dedo se eles disserem alguma coisa que não lhes faça tanto sentido, ou que nós não concordemos. É que muitas vezes esses ambientes são de tal forma impactantes na vida deles que é por isso que muitas das vezes as pessoas não se desenvolvem da forma que é suposto. Eles precisam disto, eles precisam de saber que estão em casa, precisam de sentir que têm pessoas ao lado deles, não só amigos da idade deles, mas também pessoas mais velhas. Que eles um dia que apareçam com algum problema, possam falar e possam confiar para ajudá-los. Por isso é que eu acho que é muito importante que eles queiram participar em todo o tipo de eventos e reuniões e o que haja. Porque assim é da forma que eles vão percebendo que aqui podem dar a opinião e aqui têm – além de terem imensos direitos, também acaba por ser um – dever deles, que é dar a opinião deles. Que nós não estamos aqui sozinhos, estamos a lidar com eles também. Fazem parte do grupo, fazem parte da família”.*

Quanto às áreas que os jovens sugeriram no inquérito anterior (estudo 1) que se poderia investir numa próxima geração, o participante concorda com o reforço destas e que deveria *“haver mais intervenção nesses aspetos”*. Principalmente, *“na parte da inclusão digital e no combate ao preconceito e discriminação, isso são coisas que o Escolhas consegue completamente a 100% mudar ou melhorar ou arranjar medidas que facilitem a chegada a esses objetivos. Por isso, eu acho que sim, que devemos investir nesse tipo de medidas”*. Refere que no projeto, já tentam implementar *“essas medidas (...), tentamos sensibilizar toda a gente, especialmente os mais pequenos que são os mais pequenos que*

estão a aprender ainda. Há coisas que muitas vezes eles ouvem e ouvem mal e não devem dizer. Principalmente sobre pessoas de outra raça, de uma etnia diferente... Nós tentamos sempre sensibilizar ao máximo a integração das culturas, em si, tentamos sempre fazer atividades que tenham a ver não só com Portugal, mas também tentamos trazer os outros países aqui dentro que é para toda a gente ter um bocadinho de noção de como é que funcionam as outras culturas. Não deve haver nenhuma luta entre elas, temos de estar sempre todos unidos”.

A participante reforça o quão os jovens são ouvidos, sendo que as atividades que acontecem são do seu agrado na maioria, como revela: *“Nós aqui neste caso específico, no meu projeto, temos várias atividades como a dança, o futebol, às vezes fazemos torneios, até aqui mesmo dentro do projeto. Temos também a batucada, que também é uma coisa que é das coisas mais populares aqui dentro, e muitas das vezes eles vão tocar pelas ruas e em alguns eventos e algumas festinhas. Eles aqui parecem adorar tudo, eu por acaso já vi as meninas a dançar, já vi os jogos de futebol, já vi a batucada, eles adoram aquilo. Eles adoram mesmo aquilo, não há dúvida nenhuma, poucas desistências há e quando há é por um problema maior, não é mesmo por não quererem estar lá. Outras vezes, podem ter outra coisa que ocupe aquele tempo, aquele horário, mas fora isso, nota-se mesmo que eles adoram aquilo”.*

Quanto ao que funciona bem no [nome projeto], a jovem identificou **“a atenção que os monitores nos dão, a atenção em todos os sentidos!”** tanto na parte de ajudar os jovens nos seus pontos de melhoria, como no apoio escolar constante e paciência exímia. “Aqui sabemos que há momentos para tudo. Nunca nos dizem que sim demasiado, e nunca nos dizem não demasiado. É tudo de uma forma saudável. (...) É neste aspeto que eu penso que o projeto, não só, funciona bem, como nos ajuda também a nível pessoal”.

Relativamente **aos pontos a melhorar do projeto**, a entrevistada diz que *“não significa que funcione mal, mas há sempre pontos a melhorar”* e prende-se no facto das crianças e jovens do projeto terem históricos de vida e vivências complicadas que influenciam a dinâmica do projeto, mas que *“faz parte (...) e temos de aprender a lidar com isso. (...) tudo funciona bem. Umas coisas funcionam melhor do que outras. Também não pode ser tudo perfeito, porque isso nem sequer existe”.*

No que ao Programa Escolhas diz respeito, a jovem recorda que **os momentos que identifica como Programa Escolhas** são os “eventos” nos quais participou, como as “assembleias de jovens” a nível Nacional e **descreve estas “experiências” de forma positiva**, dizendo que “*nunca tive nada de mal a apontar. Sempre nos acolheram da melhor forma, a mim. Eu estou a falar de mim e dos meus colegas de outros projetos também. Sempre fizeram tudo para ver se estava tudo a correr bem, se precisávamos de alguma coisa, como é que estão a correr as coisas no projeto, o que é que é preciso mudar, o que é que é preciso melhorar*”. Conclui esta afirmação dizendo que nem ela, nem os seus colegas têm “nada a apontar”.

Refere que como mudança que faria, caso fosse possível, seria “*abrir mais projetos, por mais zonas. Eu acho que isso era o melhor a fazer. Mas mudar, eu não mudava nada. Mas se desse para acrescentar mais projetos noutras zonas*” e explica que acredita que há “*cidades pequeninas não têm as ajudas que outras têm e se calhar é isso que lhes falta. Por isso não é que mudasse alguma coisa, mas acrescentava mais projetos que ajudassem pessoas dessa zona que precisassem*”.

Por fim, pedi à participante que me explicasse, numa frase, **o que representa o Programa Escolhas** para si, e referiu “**O Programa Escolhas é crescer!**”

Território 3

Projeto	Características
Projeto 3	Território de intervenção: Zona centro do país (urbano) Historial: Intervenção desde a 4ª Geração Tipo de público com quem trabalha: quase exclusivamente com descendentes de imigrantes

Participante 1

A participante 1 é uma jovem de 19 anos que participa no projeto “*há muitos anos*” apontando, com alguma incerteza, o ano de 2013 (5ª geração) como o ano de entrada no seu projeto, tornando-se monitora deste no presente ano, 2020.

Quando questionada sobre **como tem sido a experiência no Escolhas**, a entrevistada conta que *“(...) no início eu estava mais à parte de tudo, ainda estou, só que agora já nem tanto. Agora não tenho tido tanto tempo, mas ... sim, sempre que preparamos atividades eu tento arranjar um pouco de tempo, que é para ajudar na organização”,* relembrando também que *“(...) no início tinha pessoas mais velhas assim jovens mesmo ... ainda era muito nova, tinha assim um bocadinho de medo de participar, mas fazia as atividades... e também as minhas irmãs estavam no mesmo grupo que eu e deram-me mais força, organizávamos festivais, organizávamos muita coisa”.*

No que diz respeito a **mudanças** que existiram na jovem ou na sua vida devido à frequência no projeto, explica que *“não sei, se calhar mais nova, era mais tímida, e isso acabou por ajudar mais ... a interagir com as pessoas”,* destaca um momento que considera ter sido importante, explicando que *“(...) foi uma das atividades que nós preparamos que eu achava que ia correr muito mal ... sim, não estávamos assim muito organizados e tínhamos muitas coisas para fazer e eramos poucos havia ... opiniões diferentes, mas, sim, correu melhor do que o que eu estava à espera.”*

A jovem considera que **caso não tivesse passado pelo Programa escolhas/no seu projeto** a diferença seria ao nível da sua timidez, revelando que *“não sei... talvez o facto de ser um pouco tímida... quer dizer, agora já não sou tanto, era quando era mais nova ou assim... talvez isso”.*

Colocando o foco no seu projeto e nos jovens que o frequentam, questionou-se se **haveria algo no projeto que contribuía para fazer a diferença na vida dos jovens**, e esta, menciona dois aspetos *“acho que é os desafios ... o trabalho em grupo”.*

No que se refere às **assembleias de jovens**, a entrevistada concorda que as assembleias de jovens são muito importantes pois *“(...) é mais debate, acho que é bom, mesmo com opiniões diferentes acho que é importante”,* sentindo que as opiniões dos jovens são ouvidas, enfatiza que *“eu acho que a opinião dos jovens é a mais importante, obviamente.”*

Após a questão de se **existem outras áreas de relevo para se investir numa próxima geração**, a jovem sugere que seria importante novas áreas e novas ideias, exemplificando *“desporto acho não tanto, na minha opinião, a saúde se calhar”*.

Em relação ao que a jovem achava que funcionava bem no projeto, esta diz que *“não sei ... por exemplo, nós no início acabamos sempre por, como já tinha referido, temos sempre opiniões diferentes e acaba por deixar ... o grupo acaba por não ficar bem, mas depois juntamo-nos todos e conseguimos sempre fazer as coisas bem, com vontade”*, por outro lado, quando questionada sobre aquilo que funciona menos bem, a participante numa primeira instância responde *“acho que nada ...”*, no entanto prossegue dizendo que *“acho que podíamos explorar outras faixas etárias, não sei se é só jovens, por acaso nunca perguntei se é mesmo só jovens, não sei... (que faixa etária?) “os adultos, se calhar” (o que isso iria beneficiar o projeto?) “então, a experiência de vida, se calhar”*.

No tópico referente às atividades e ao **envolvimento dos jovens** nessas mesmas atividades, na opinião da entrevistada os jovens estão envolvidos, contando que *“às vezes ... às vezes gostam de participar, acho que depende do interesse da atividade”* (que atividades gostam mais?) *“coisas assim que impliquem desporto ... dança ...”*. Sugere, ainda, que se conseguiria que se envolvessem mais jovens caso existissem *“hummm ... novas atividades se calhar... atividades diferentes”*. Fazendo a ponte com o passado, perguntei se no tempo em que era participante haviam atividades de que não gostava tanto ou se gostariam de ter outras atividades que não tinham, a entrevistada relembra que na altura em que era participante, *“(...) mesmo que não gostássemos da atividade procurávamos tirar as coisas boas disso, mas aqui, ou pelo menos esta geração, é mais complicada”* (porque é que achas que é mais complicada?) *“não sei explicar o porquê, mas ... sinto que é ... e vejo, vejo que é mais difícil”*. Para compreender o porquê, reformulei a pergunta para que a jovem se baseasse na sua experiência enquanto ex-participante e monitora e daquilo que conhece, e esta responde que *“os jovens ... não é que não gostam, mas se calhar é repetir sempre as mesmas atividades, não sei”*.

Em jeito de conclusão, foi pedido que descrevesse numa frase **o que é o Escolha para si**, ao que jovem escolheu fazê-lo usando quatro palavras-chaves *“Evolução ... transformação ... vontade ... experiência...”* justificando a sua escolha dizendo que

“evolução é ... sim, é ... evoluir..., no início, como já tinha dito ao menos aqui, acho que nós tínhamos mais, eramos mais, tínhamos mais vontade... acabou por evoluir só que agora não sei, ... os jovens estão mais distantes, mas houve uma pequena evolução, pelo menos antes houve, agora já não.”

Participante 2

A participante 2 é do gênero feminino, tem 29 anos e é mãe de uma menina; atualmente é monitora no projeto, já tendo passado pelo papel de dinamizadora comunitária, começou a frequentar como participante do Programa Escolhas em 2004 (2ª geração). Contou que a sua passagem pelo Escolhas enquanto participante foi *“uma experiência enriquecedora, porque aprendi muita coisa, cresci imenso como jovem, como mulher, como participante, como uma pessoa que mora num bairro também. Consegui ter oportunidades que se calhar que não conseguiria ter”*, adicionando que conseguiu fazer muitas atividades que nunca pensou fazer e que além disso ainda conseguiu passar a trabalhar no projeto.

Sobre o que mudou na vida da jovem, resultado da sua passagem pelo projeto, esta partilha que no início não queria entrar nem na associação nem no projeto. Só que depois, devido à forma como foi abordada e pela explicação que lhe deram sobre o que era o projeto, do que teria de fazer e das atividades que tinha diz que *“(...) comecei a interessar-me por estar aqui no projeto”*. Descrevendo as atividades como *“muito giras, muito enriquecedoras, muito apelativas”*, revela que desde então se interessou mais, ia às atividades e participava no clube de jovens. Sente que perdeu alguns medos e que ganhou mais à vontade para falar, pois diz que antes era muito tímida e que quando começou a participar nos clubes de jovens começou *“a ter o poder da fala”* diz. A jovem exemplifica que passou a conseguir falar em público mais à vontade, que foi ganhando algumas qualidades e/ou evidenciando mais as qualidades que já tinha. Manifesta com ênfase que entrar no projeto *“foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, depois da minha filha, foi a melhor coisa que aconteceu, porque nem toda a gente tem as oportunidades que o projeto Escolhas dá, e basta fazer boas escolhas que vamos pelo bom caminho...”*. Lembra, também, que aprendeu muita coisa com a associação, com o Escolhas, com os

colegas e com a sua equipa, acrescentado que *“(...) nunca me esqueço que eu comecei aqui como participante, e pronto, fiz a escolha de estar com eles ... e foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida”* reitera.

Ainda em referência ao tópico das mudanças sentidas na sua vida, foi desafiada a relatar qual/is o/s momento/s mais marcante/s que guarda da passagem pelo Escolhas. Prontamente, responde que tem dois momentos que a conseguem marcar para sempre. Um dos momentos dá-se quando começou a intervir mais nos clubes de jovens e o outro, foi quando era dinamizadora, em que teve a oportunidade de ir a Cabo Verde através do Escolhas, no programa “Mais Vidas”. Sobre este último, acha que foi a coisa mais marcante da sua vida, contando que apesar de ter nascido em Portugal, Cabo Verde é o país de origem dos seus pais e que o sente como se também fosse o dela, mesmo não tendo nacionalidade cabo-verdiana. Descreveu a experiência como muito gira e muito interessante, mostrando-se muito agradecida por o Escolhas lhes dar, a ela e outros jovens, esta oportunidade. Com enfoque na viagem a Cabo Verde, especifica a oportunidade que teve de poder falar com pessoas que se calhar não poderia falar, exemplificando que *“(...) quando vou a Cabo Verde não consigo falar com o Primeiro Ministro assim do nada, mas com esta oportunidade nós podemos falar com ele diretamente e fazer chegar algumas preocupações que nós temos (...)”* contando, ainda, uma experiência semelhante, desta vez tida em Portugal, em que esteve com o embaixador de Cabo Verde. Termina de recordar esta experiência dizendo *“foi das melhores experiências que eu tive ... por causa do Escolhas”*.

Acaba, ainda, por lembrar um outro momento que a marcou enquanto ainda era participante Escolhas *“nunca na vida tinha conseguido ir ao Rock in Rio e foi uma coisa que me marcou”*.

Quanto ao que seria diferente no seu percurso de vida se não tivesse passado pelo Programa Escolhas/projeto, a jovem responde com o reverso da medalha, expressando aquilo que o programa lhe permitiu para que a sua vida fosse diferente. Contou que, o Programa Escolhas a ajudou a conhecer e a entrar na sociedade o mais rápido possível *“porque consegui ter os meus documentos, consegui conhecer vários sítios, estar com várias pessoas, ter experiências que uma pessoa que está num bairro demora a ter”*.

Evidencia que por causa do Escolhas e do apoio que teve, conseguiu acabar o 12º ano, equiparando o Escolhas como se fosse “(...) *uma alavanca que faz com que nós cheguemos mais rápido onde nós queremos*”.

Quando lhe é perguntado se considera que há algo no projeto que contribui para fazer a diferença na vida dos jovens, a entrevistada elege as pessoas “*acho que as pessoas fazem toda a diferença, acho que ser Escolhas, ter projetos Escolhas é fazer uma boa escolha e uma boa equipa*”. Esta defende que “*uma boa equipa faz toda a diferença para que as coisas continuem como estavam ou sejam melhores*”, e exemplifica usando a sua própria experiência “*eu agora estou num projeto, não desfazendo, não desprezando as outras gerações, esta (a 7ª geração) acho que é a melhor geração, porque nós crescemos imenso, os nossos jovens também cresceram imenso, e a equipa em si (...)*”. Destaca o facto de a proximidade para com a comunidade ser, agora, “*muito maior*”, não deixando de reforçar a diferença que faz uma boa equipa, elencando a “*abordagem da equipa para os participantes, (...), a forma como nós trabalhamos, a forma como nós vemos o projeto, acho que isso é uma boa base para que as coisas sejam ... sejam de qualidade*”.

A propósito das assembleias de jovens, a entrevistada concorda que “*as assembleias de jovens são importantes porque os jovens são importantes, são fundamentais... como toda a gente diz e eu concordo plenamente, o futuro são as crianças e os jovens (...)*”, e toma como exemplo o seu próprio projeto onde “*a nossa essência são eles (os jovens) e basta eles quererem que nós conseguimos fazer tudo de uma forma diferente*”. Recorda no seu passado, enquanto participante, os aspetos que conseguiu desenvolver através da participação nas assembleias de jovens e conta que “*eu no início era muito acanhada, muito reservada (...) eu consegui, por exemplo, abordar/falar numa assembleia, eu participava em clubes de jovens de 30 pessoas quase (...)*”.

No que se refere ao **papel dos jovens no projeto**, a jovem diz que “*o papel dos jovens é ... não sei ... é pegar num conhecimento que nós já lhes demos e fazer uso disso da melhor forma possível, quer seja pessoal, quer seja profissional. Acho que é a melhor coisa que eles fazem*”. Por sua vez, no que diz respeito à forma como se sentem apoiados pelo projeto, esta refere que “*sim, sentem imenso. Desde o início foi assim e agora também continua. Agora, ainda continua esse sentimento de necessidade de estar connosco, de*

estar aqui, de precisar de apoio e vir sem problema nenhum, e conseguir esse apoio. E mesmo, por exemplo, os que já embora daqui do bairro, sempre voltam à casa porque (...) sentiram-se bem aqui, conseguiram alcançar objetivos que se não houvesse escolhas não conseguiam tão cedo, ou nem conseguiriam esses objetivos. Conseguir é complicado. Eu sinto que sim, que ainda há jovens que estão ligados a nós, ainda que estivessem noutras gerações, nunca o vão esquecer (...)".

Acerca de quais as áreas em que se podia investir numa próxima geração, a entrevistada salienta em primeira instância que *"a próxima geração deve-se preparar para preparar os jovens para estarem mais abertos para uma sociedade, que é, tem diversidade de todos os tipos de etnia e eu acho que os jovens devem ser preparados em vez de haver o preconceito, haver primeiro o diálogo, haver primeiro o entendimento e tentar perceber ou tentar chegar no próximo sem medo, sem reações agressivas, sem violência"*.

Relativamente à **inclusão digital**, esta menciona que os jovens gostam e que *"desde a primeira geração eles já sabem o que é os computadores, já sabem mexer na tecnologia, acho que o futuro já é a tecnologia. Então, se calhar, por exemplo, nós já tínhamos (...), aproveitar os computadores, as redes sociais e continuar a trabalhar essa parte do preconceito, da discriminação, essas coisas..."*. Acrescenta, ainda, que se devem trabalhar também outras áreas como *"a saúde, porque neste momento nós estamos numa pandemia em que por vezes surgem novos casos em alguns países ou algumas zonas porque os jovens também são responsáveis pela subida de casos, por exemplo"*.

Complementando a ideia anteriormente salientada de que se devem preparar os jovens para a sociedade, a jovem considera que *"nós devemos continuar a educar os jovens para uma nova forma de ver o próximo, (...) acho que o diálogo é a melhor coisa que há e antes do diálogo, perceber o outro e ver porque é que aqueles olham daquela forma, porque é que ele fala daquela forma, porque ele age daquela forma"*. Conclui dizendo que *"toda a sociedade tem de ser educada ou formada para perceber primeiro o próximo, antes de agir da pior forma possível. Eu acho que é isso, os jovens, é isso, os jovens têm de ser formados para perceber e receber o próximo."*

Sobre o que funciona bem projeto/Programa Escolhas, a jovem reitera o que mencionou acima, de que *“mais uma vez, continuo a dizer que é a equipa. Acho que a equipa (...) se for apelativa, se for cativante, souber abordar, souber criar, souber trabalhar com os jovens e com a comunidade, as coisas são sempre muito melhores”*. Nesta 7ª geração, a entrevistada realça que estão a fazer coisas que antes não faziam que é *“abordar toda a comunidade, envolver toda a comunidade, não envolver só alguns, o público-alvo tem de ser a comunidade toda”*. Demonstrando alguma preocupação para o facto de se não houver uma próxima geração que *“as coisas podem mudar imenso e talvez pela negativa, esse é que é o problema”*.

Questionada sobre o que mudaria no projeto/Programa Escolhas, esta começa por dizer que manteria as mesmas equipas pois quando se muda de equipa e/ou o projeto os jovens *“ficam estranhos, não percebem nada e afastam-se, também”*. A entrevistada refere que *“se fosse eu a mandar (não em termos do programa escolhas, mas falando num patamar maior) diria ‘olha eu prefiro que haja, aliás, tem de haver sempre uma fatia do bolo grande para investir no programa escolhas, nas comunidades, sejam em Portugal ou em qualquer país’”*. Esta acredita que se devia investir sempre no Escolhas porque *“o Escolhas faz com que coisas ... é como se fosse magia. Imagina um sítio negro e chega o Escolhas ... há luz, há luz em todo o lado (...) porque o Escolhas é isto, o Escolhas é chegar a sítios que são vulneráveis em vários aspetos da sociedade... e chega o Escolhas e mostra que há ali qualidade, digamos assim”*. E continua afirmando que *“o Escolhas mostra caminhos positivos, caminhos diferentes, não tens que ir para a violência, não tens que ir para a má vida, essas coisas assim. E sim, tens aqui uma porta, chama-se Escolhas, entra porque há oportunidades, há tudo ali”*.

No âmbito do envolvimento e participação dos jovens nas atividades, a jovem considera que sim, que os jovens estão envolvidos e participam referindo que *“em todas as gerações eles (os jovens) tiveram sempre muitos envolvidos com muita vontade de trabalhar, muita vontade de aprender, de conhecer mais”*. Sobre como aumentar esse mesmo envolvimento dos jovens, esta acredita que o segredo é *“aquele ‘je ne sais quoi’, que eu costumo dizer à minha equipa, que nós temos, não sabemos explicar o que é...é um íman, é qualquer coisa assim, (...), é a base do projeto, é saber quais são as necessidades,*

levantá-las, se for preciso com os jovens. Nós muitas vezes chegamos e dizemos ‘olha vamos fazer um diagnóstico, vocês têm de vir aqui, que necessidades é que o bairro tem e vamos trabalhar nelas’. Eu acho que é isso, é pegar na massa e trabalhar. É pegar num diamante bruto e lapidar até ... até sair algo fixe” diz.

Para terminar, ficou a tarefa árdua de dizer numa frase, aquilo que o Escolhas era para a entrevistada, ao que respondeu que “*acho que Escolhas para mim é tanta coisa (risos). Bem, para mim como jovem, como mulher, para mim o Escolhas é oportunidades, é abrir portas, é conhecer-me a mim própria e mostrar ao mundo quem é que eu sou, de que é que eu sou capaz*”. E justifica esta escolha de palavras “*pelo meu historial, porque eu sinto que não me conhecia. (...) Sou capaz de fazer muita coisa, sou capaz de conseguir fazer um festival sozinha, sou capaz de fazer uma atividade grande, com a minha equipa. Consigo contribuir, dar alguma coisa para a equipa fazer uma coisa fixe*”. “*Tenho...tenho, tenho porque como eu estava a dizer, hoje em dia digo que eu não me conheço, porque eu não sabia que tinha capacidade para tanta coisa, graças também há oportunidade que eu tive de entrar no projeto escolhas e subir até ao patamar de também fazer algo pelos jovens e comunidade. Há uns 10 anos atrás eu não diria que sou capaz de fazer o que faço hoje e afinal não é assim, afinal consigo*”.

6. Conclusões e recomendações

O objetivo da presente avaliação externa do E7G consistiu em aceder às perceções dos diferentes integrantes dos projetos da E7G – não só, equipas técnicas (coordenadores/as, técnicos/as, monitores/as, dinamizadores/as) e entidades gestoras e/ou promotoras, como também os/as jovens, reforçando-se a cultura de participação ativa e colaborativa do próprio programa. Esta perspetiva é particularmente relevante nos programas e projetos de intervenção comunitária, que serão tão mais eficazes quanto os seus atores mais diretos – especificamente os elementos da(s) população/ões-alvo - participarem ativa e efetivamente de todos os momentos de desenho, implementação e avaliação: a) da **avaliação das suas próprias necessidades** - incluindo os fatores de proteção, equilíbrio e de risco existentes nas suas comunidades, e a forma de potenciar os dois primeiros e reduzir os últimos; b) da **discussão e co-construção de respostas aos desafios** que enfrentam nas suas comunidades, e quais os que carecem de intervenção prioritária; c) **avaliação formativa (contínua) e avaliação somatória (pelo menos pré e pós intervenção)**; d) **análise e discussão de resultados**; e, e) (re) desenho do projeto de acordo com a análise realizada e da eventual candidatura subsequente .

Globalmente a avaliação que os/as respondentes fazem do Programa, no seu todo, é bastante positiva, sendo-lhe reconhecidas um conjunto de forças e oportunidades, que se encontram ancoradas no facto de este ser um programa consolidado, i.e., com uma forte presença temporal e territorial. A sua capacidade para gerar mudança nos indivíduos e nas comunidades destaca-se quer na análise dos resultados do estudo 1, quer na análise das entrevistas efetuadas no âmbito do estudo 2. Os projetos Escolhas têm sido, em muitos casos, a única resposta em territórios isolados e estigmatizados.

O Programa Escolhas tem sido motor de um conjunto de mecanismos que visam o desenvolvimento positivo dos indivíduos, particularmente quando o foco se centra nas crianças e jovens: os projetos constituem-se como *contextos securizantes*, promotores de *interações sociais positivas*, e de *redes de apoio* cruciais para um desenvolvimento saudável. Os projetos providenciam *oportunidades de pertença*, tendo em conta o seu

papel no combate às desigualdades (sociais e territoriais) e aos estereótipos e preconceitos, muitas vezes associados a um conjunto de territórios e comunidades. As iniciativas que visam a *promoção de competências e habilidades específicas*, bem como o esforço por um *trabalho articulado com os sistemas mais significativos da criança* (família e escola), devem ser destacados²⁴.

Não obstante os pontos positivos aqui descritos, importa também tecer um conjunto de recomendações que possam informar a próxima geração.

Ainda neste sentido, e no que se refere ao desenho, implementação e avaliação do próprio Programa Escolhas, parece-nos especialmente pertinente que o PE desenvolva de forma mais explícita e estruturada uma Teoria da Mudança²⁵ enquanto modelo lógico geral. É particularmente importante que esta esteja suportada em definições conceptuais claras e em evidências científicas, em suma, por modelos teóricos relevantes e transversais no que se refere às áreas estratégicas e objetivos definidos, sem prejuízo da salvaguarda das idiosincrasias contextuais e culturais de cada território/área de intervenção, de forma a garantir a sua validade ecológica, algo para o qual são fundamentais os relatórios de avaliação interna produzidos pelos vários projetos Escolhas, assim como os relatórios de avaliação externa. A Teoria da Mudança permite ainda delinear práticas que sigam uma estrutura SAFE (Sequenciais, Ativas, Focadas e Explicitas)²⁶ tendo em conta que são estas que em estudos de meta-análise se destacam como gerando impactos significativos.

Resumidamente, um dos principais *outcomes* será o *empoderamento* das crianças, jovens, famílias e comunidades.

Consideramos igualmente fundamental que, de acordo com as linhas orientadoras de boas práticas de desenho, implementação e avaliação de programas/ projetos, a par da definição do modelo lógico do PE, a que aludimos acima, o plano de avaliação interna/externa seja delineado *a priori*, e que inclua a indicação dos momentos de

²⁴ Eccles, J & Gootman, J. A. (Ed.) (2002). *Community Programmes to Promote Youth Development*. Washington: Academic Press.

²⁵ *Theory of Change* – TOC no original em inglês

²⁶ Para mais detalhes consultar, por exemplo, Durlak et al (2011). The Impact of Enhancing Students' Social and Emotional Learning: A Meta-Analysis of School-Based Universal Interventions. *Child Development*, 82 (1), 405–432

avaliação formativa/contínua (avaliação interna), bem como os de avaliação somatória (avaliação externa), devendo ambas estar articuladas entre si, quer em termos de *timing*, quer de indicadores (-chave) de resultado a avaliar.

Relativamente às avaliações externas do PE que têm sido conduzidas, apesar destas permitirem medir a eficácia, pertinência e eficiência desta medida, tal como referido na Resolução do Conselho de Ministros n.º 151/2018, sugere-se que se possa considerar a inclusão de uma verdadeira avaliação de impacto, com medidas de pré e pós intervenção, com jovens de projetos Escolhas e jovens que não pertençam ao Escolhas (grupo de comparação), acrescentando à análise crítica não apenas considerações sobre se o programa funciona, mas porque é que funciona, reforçando a ideia de que o Programa Escolhas se constitui como um programa *evidence-based*.

Uma avaliação rigorosa implica necessariamente uma monitorização focada em aspetos chave: a dosagem (i.e., quanto é que a criança/jovem recebe da intervenção) e a qualidade dessa intervenção; estes são dois dos mecanismos fundamentais que ajudam a explicar os impactos positivos esperados. Por isso, importa criar, ou reforçar indicadores intermédios já existentes que visem monitorizar de uma forma uniformizada os diferentes projetos Escolhas e comparar a sua forma de atuação, ainda que se possam registar as devidas adaptações ao plano inicial²⁷.

Tendo em conta a longevidade do PE, que conta já com 20 anos de atividade, seria ainda importante não “perder” a cadeia de valor acumulado ao longo do tempo, sobretudo no que se refere aqueles que serão os indicadores-chave transversais a todas as gerações, e que permitem alimentar o conjunto de evidências ao nível do efetivo impacto das áreas estratégicas e respetivas medidas junto dos seus destinatários, e uma visão macro dos resultados. Neste sentido, sugerimos a criação de uma grelha geral de indicadores-chave a avaliar intergerações (por tipo de *stakeholder*/respondente) e o respetivo banco de instrumentos-base (p.e. questionários/perguntas-base para questionários, guiões de entrevista/*focus-group*), a ser utilizada pelas entidades independentes que venham a ser responsáveis pela realização da avaliação externa do PE, de modo a conseguir-se uma

²⁷ Para mais detalhes consultar por exemplo Durlak (2015). The Impact of Enhancing Students' Social and Emotional Learning: A Meta-Analysis of School-Based Universal Interventions. *Prevention Science*, 16:1123–1127.

linha temporal longitudinal, a qual permitirá uma efetiva comparabilidade de resultados intergerações Escolhas.

O tipo de enquadramento aqui proposto permite integrar de forma coerente os fatores/variáveis-chave transversais que, de forma mais significativa e global, conduziram a um impacto positivo na população-alvo, à luz do devido enquadramento teórico, e dos objetivos definidos, integrando assim a experiência acumulada ao longo das várias gerações, e potenciando efetivamente a avaliação de impacto futura, e a definição precisa das políticas públicas relevantes. Por outro lado, ao perceber-se o que funciona, como, e porquê, possibilitar-se-á também racionalizar recursos, canalizando-os para os recursos e atividades mais eficazes na produção da mudança desejada, contribuindo para a sustentabilidade dos projetos no médio e longo-prazo, “o” aspeto crítico mais referenciado nas sucessivas avaliações externas realizadas, incluindo a presente.

Após análise dos resultados obtidos nos questionários já descritos, podemos concluir que, de uma forma geral, e de acordo com todos os participantes nele envolvidos, a **avaliação global do PE é francamente positiva**, tendo sido destacadas várias das suas virtudes, e a importância e impacto positivo subjetivo sentido pelos/as próprios/as jovens, destinatários finais do programa a par das crianças e famílias.

Para além disso, foi igualmente **evidente a existência de um forte “Identidade Escolhas”**, transversal aos vários atores, especialmente equipas técnicas e jovens.

Ainda assim, todos os participantes indicaram vários aspetos pertinentes enquanto sugestões para uma próxima geração Escolhas, os quais expressam as necessidades, ameaças e oportunidades identificadas, os quais sistematizaremos de seguida.

De uma forma geral, no que respeita a **aspetos relacionados com a estruturação do próprio Programa Escolhas**, as seguintes recomendações foram sentidas como carecendo de alteração mais urgente numa futura geração do PE.

Duração e financiamento

- Duração das gerações com intervalo mínimo de 3 a 5 anos;

- Aumento do financiamento e reembolsos num menor curto de tempo;
- Maior apoio na divulgação e publicidade dos projetos por parte do consórcio e próprio PE – maior financiamento para comunicação;
- Aumento de recursos humanos e materiais;
- Inclusão de equipamentos (espaços sede) no financiamento;
- Mais momentos de partilha entre projetos;
- Simplificação de processos (desburocratização, maior facilidade no reembolso financeiro).

Sustentabilidade

- Envolvimento de parcerias estratégicas (segurança social, IEPF...) com vista à sustentabilidade.
- Levantamento de todos os recursos atuais de modo a evitar desperdícios, e avaliar a possibilidade de transição de eventuais excedentes financeiros para o ano seguinte;

Áreas estratégicas/ Medidas a incluir na próxima geração

- Maior destaque do apoio às famílias nas áreas estratégicas e/ou medidas;
- Reforço de meios que promovam a inclusão digital, sobretudo dadas as circunstâncias atuais associadas à pandemia por COVID-19;
- Medidas de promoção da saúde, bem-estar e qualidade de vida;
- Medidas de combate a vários tipos de preconceito e discriminação (tendo-se destacado as questões da etnia, da orientação sexual, e de género).
- Delineamento de regulamentação de Assembleias de Jovens para uma execução mais eficaz e uniforme, apesar das devidas adaptações aos territórios onde os projetos se inserem, e contribuir para um maior compromisso dos atores envolvidos;
- Estruturar o cronograma das candidaturas, avaliação e divulgação dos respetivos resultados, de modo a que o início dos projetos coincida com o início do ano letivo;

- Envolver elementos das equipas técnicas no desenvolvimento da regulamentação do PE na próxima geração;
- Formações direcionadas à equipas técnicas e representantes das entidades.

Avaliação dos Projetos Escolhas/PE

- Plataforma digital AGIL mais intuitiva;
- Recurso a metodologias de avaliação quantitativas e qualitativas.

Relativamente aos aspetos relacionados com a **estruturação de cada Projeto Escolhas**, destacamos as seguintes recomendações:

- Garantir o acompanhamento das crianças, jovens e famílias após a cessação da geração e ainda mais, se o projeto não continuar a ser financiado;
- Tanto quanto possível, ajustamento dos espaços físicos do projeto às reais necessidades em termos, sobretudo, do número e características dos participantes;
- Maior flexibilidade no tempo para preparar e dinamizar atividades – flexibilizar a definição dos horários;
- Maior variedade de atividades e possibilidade de não haver tantas atividades “fixas” de modo a ir acompanhando os interesses e motivações de crianças e jovens;
- Mais atividades no âmbito da prática desportiva, e de caráter cultural e artístico;
- Maior envolvimento e participação dos parceiros de consórcio em momentos de decisão importantes do projeto – melhorar a comunicação intra-consórcio;
- Intercâmbios entre jovens de diferentes projetos Escolhas.

Tendo em consideração as nossas recomendações iniciais relativamente ao desenho e avaliação de programas de intervenção comunitária, bem como as próprias recomendações que emergiram dos atores principais do PE “no terreno”, consideramos pertinente acrescentar alguns comentários finais.

Apesar de ser já bastante notória a participação das populações-alvo do PE na construção dos projetos desenvolvidos nas suas comunidades, consideramos ser importante ir-se mais longe no seu envolvimento, sobretudo numa lógica do seu empoderamento que, juntamente com medidas específicas para avaliação da sustentabilidade dos projetos junto das entidades e equipas técnicas, os leve a desenvolver ferramentas e estratégias pessoais que promovam progressivamente a sua independência face ao padrão assistencialista que tende ainda a prevalecer na sociedade, ainda que tal tenha vindo a esbater-se.

Para isso, tal como **para avaliar os resultados e o impacto de um programa, é preciso tempo** – estudos de meta-análise têm evidenciado que muitos dos *outcomes* não são imediatos em intervenções comunitárias. Assim, na mesma linha das recomendações dos participantes deste estudo, somos igualmente da opinião que uma geração Escolhas deveria ter mais anos, devendo a sua estruturação permitir uma avaliação contínua dos seus indicadores-chave.

No que mais especificamente diz respeito à **formação** das equipas técnicas e do consórcio de uma forma geral, consideramos que, inclusivamente do ponto de vista da qualidade do programa e respetivos projetos, seria pertinente um bloco de formações-base, que percorra a definição conceptual dos conceitos-chave, de modo a garantir que pessoas com enquadramentos profissionais e pessoais tão diferentes, usem efetivamente a mesma linguagem comum, e a compreendam. Será igualmente importante tal como indicado pelas próprias equipas técnicas, formação em avaliação de projetos; neste âmbito consideramos igualmente importante que se debruce sobre Teoria da Mudança, pela relevância em intervenção comunitária, entre outros aspetos. No mesmo sentido do já anteriormente referido relativamente às populações-alvo, também as mesmas devem ter acesso a estes momentos de “formação”, ainda que de forma não tão formal, enquanto membros da equipa que concebe o projeto.

Foi também evidente a preocupação dos vários atores com as questões da **saúde, bem-estar e qualidade de vida**, algo que, sendo uma área pertinente em qualquer altura, nos parece especialmente significativo em época durante/pós COVID-19, tendo em conta que o período de isolamento implicou menos exercício físico de um modo geral, e alimentação eventualmente desequilibrada, para dar apenas alguns exemplos. Parece-nos por isso pertinente que a promoção da saúde de um modo geral, é uma área estratégica pertinente, e de efeitos potencialmente transversais às outras, longe de serem extemporâneos, pelo que igualmente relevantes ultrapassada a pandemia.

Ainda neste sentido, e tal como evidenciado pelas próprias equipas, entidades e jovens, a necessidade da utilização de TIC aumentou também significativa e necessariamente durante os últimos meses no contexto da pandemia por COVID-19, pelo que se, por um lado é importante, por questões de Direitos Humanos e da Criança, que as crianças e jovens tenham acesso a este tipo de equipamentos de modo a acompanharem o ensino à distância, caso volte a ser implementado, deverão igualmente aprender a utilizá-los e a reconhecer os perigos associados à sua utilização, no sentido de prevenir a adição a jogos ou à *internet*, bem com cibercrimes de vária ordem, sobretudo *ciberbullying* e abuso sexual, a que estarão mais sujeitas, sobretudo se desacompanhadas de supervisão parental. Finalmente, também as famílias deverão ser informadas acerca destas questões, bem como sobre o modo como podem orientar os seus filhos no sentido de os proteger.

ANEXOS

ANEXO A - Tabela 7. Sugestões dos/as jovens para o PE e para o projeto no qual participam (por ordem decrescente de frequência)

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Aspetos estruturais do projeto (36)	Duração do projeto (14)	“Aumentava a duração das gerações.” “Continuava com os projetos para durarem mais tempo.” “Acho que está bem assim, mas é pouco tempo.” “Acabava com os projetos de 3 em 3 anos e punha com mais tempo.”
	Nunca fechar o projeto/Renovação sem necessidade de candidatura (13)	“Nunca terminar o projeto” “O projeto não terminar e ficar tantos meses sem estar com as crianças e jovens” “Acabava com as candidaturas!” “O projeto durar para sempre, para ajudar mais gente como me ajudam a mim” “Eu punha o projeto sem candidaturas (...)” “Escolhia os projetos realmente bons e acabava com as gerações. (...) estes projetos fazem mesmo falta e quem manda devia fazer com que o escolhas não precisasse de ser renovado!” “Deviam ser renovados automaticamente!” “Faria com que existisse sempre um projeto neste bairro para os meus filhos terem acesso ao que eu tive”
	Incerteza e angústia após o término do projeto/geração (3)	“É uma angústia muito grande e faz-nos mal. (...) Já temos tantos problemas e ter de viver 3 a 6 meses com esta angústia é muito.” “(…) porque desde pequenina que na altura das candidaturas e das aprovações ficávamos todos muito ansiosos” “(…) porque de geração para geração nós ficamos ansiosos pela resposta do Programa Escolhas”
	Aquisição de bens para usufruto dos participantes do projeto (3)	“Comprava uma carrinha só para o projeto, para podermos ir a mais atividades fora.” “mais computadores, transporte” “(…) adiqueria um espaço para futebol e patinagem”
	Espaço/instalações (1)	“Colocaria uns acentos a frente do projeto, melhorava a casa de banho, arranjava a impressoras (...)”
	N.º participantes (1)	“Não teria tantos participantes.”
	Preparação dos jovens para assumirem maiores responsabilidades no projeto (1)	“Incluiria os jovens nas decisões significativas e/ou abriria vagas de estágio para que os jovens podessem aprender com os superiores dos projetos e mais tarde poderem ser os mesmos a realizar os trabalhos que são realizados pelos seus superiores (...)”
Aspetos associados às atividades do projeto (48)	Número/variedade/ duração das atividades (11)	“Mais atividades ao ar livre” “Idas ao Zoomarine ids as piscinas praias ect.” “Mais viagens” “Mais acantonamentos por ano” “Talvez mais atividades de voluntariado, desde limpeza de matas a recolha de alimentos, bem como criação de campanhas de ajuda aos animais.” “Mudava algumas atividades” “Visitas fora da ilha da Madeira (...)” “(…) [conhecer] outros sítios.” “prolongava o tempo das colónias de férias e fazia com mais frequência” “atividades náuticas”
	Atividades culturais (4)	“Mais visitas para termos mais cultura.” “Mais atividades com dança” “(…) e dançávamos mais”

		"[mais atividades ligadas] às artes"
	Atividades desportivas (12)	"Mais atividades ligadas ao desporto" "(...) e desporto"
	Atividades formativas (11)	"Promover ações de formação" "Criava formação específica para os jovens"
	Atividades interculturais (5)	"Trazer pessoas para poder conhecer mais um pouco sobre a vida das pessoas da etnia cigana." "Criava mais atividades culturais para promover a partilha de várias culturas" "Conhecer novas pessoas e culturas." "conviver com pessoas sem serem de etnia. Haver mais atividades de partilha cultural, atividades com pessoas sem etnia." "conhecer mais pessoas"
Aspetos associados ao Programa Escolhas (29)	Intercâmbios e momentos de partilha com outros Projetos Escolhas (10)	"(...) mais intercâmbios entre jovens de outros projetos." "mais intercâmbios" "Tentaria organizar mais atividades em que a junção de todos os projetos (refiro-me a crianças e jovens) fosse algo mais vivido." "Criava mais festas como o festival Escolhas, onde os podemos conhecer outros projetos"
	Reforço financeiro dos projetos de uma forma geral/ou com diferentes objetivos) (7)	"Ajudar mais com apoio financeiro, pois, de vez enquanto Crianças/Jovens querem fazer mais atividades e nem sempre tem o suficiente" "daria mais dinheiro ao projeto para eles poderem oferecer mais tipos de atividades" "Dava mais dinheiro aos projetos"
	Alargamento do PE a todos os bairros (6)	"Cada bairro deveria ter um projeto escolhas, porque todos os jovens deviam ter as mesmas oportunidades que o projeto me deu" "Espero que o programa escolhas cresça ainda mais e ajude muitos mais bairros, porque desde que o projeto está na minha urbanização ajudou não só as crianças, mas também as famílias e a comunidade" "Ajudava todos os bairros"
	Comboio Escolhas (1)	"[haver] comboio escolhas"
	Experiências no estrangeiro (1)	"(...) oportunidade dos jovens irem para fora de Portugal"
	Alargar a faixa etária dos participantes (1)	"Envolver mais os jovens com mais de 20 anos no projeto."
	Parceria pro saúde mental (1)	"Integraria uma parceria onde fosse possível os imigrantes terem apoio psicológico gratuito e de mais rápido acesso"
	Conhecer a realidade <i>in loco</i> (1)	"O simples facto de 'ir' ao local e conhecer as diferentes realidades, falar com a população e valorizá-los, é fazê-los sentir parte da solução e não do problema."
	Menos burocracias (1)	"Menos burocracias"
Vontade de implementar mudanças no projeto, sem especificação (4)	"Sim" "Apoiava a equipa" "Ajudar sempre os projetos" "Usava o poder para ajudar mais o projeto que me fez homem (...)"	
Não mudaria nada (23)	"Creio que não mudaria nada (...)" "Nada de mais" "Nada"	
Nada/Não sabe (2)	"Sinceramente não sei."	
"Idiossincrasias avulsas" (2)	"Apesar de me ter tornado uma pessoa mais responsável graças ao meu projeto, não queria ter a responsabilidade de mandar numa organização tão grande como o Programa Escolhas, logo escolheria alguém mil vezes mais responsável do que eu para liderar o Programa Escolhas." "Tudo ou nada. Depende do que pudesse e tivesse de ser feito."	

ANEXO B - Tabela 8. Categoria, subcategoria e citações sobre as respostas dos jovens à pergunta: *o que tens gostado MAIS no projeto?*

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Aspetos estruturais do projeto (77)	Projeto (de um modo geral) (21)	"De tudo em geral." "Gosto de tudo."
	Atividades (de um modo geral) (56)	"Das atividades." "Possibilidade de conhecer locais." "Computadores."
Aspetos relacionais/clima do projeto (66)	Disponibilidade da equipa técnica para apoiar (24)	"A disponibilidade dos técnicos." "Do acompanhamento e ajuda que me tem dado."
	Relação com a equipa técnica (14)	"(...) relação com as técnicas (...)" "A forma como interagem com os jovens (...)"
	Equipa técnica/projeto como família/lar (10)	"É a minha casa, a minha família." "De me sentir em casa." "São como uma família."
	Amizades/convívio (18)	"Amizade." "Convívio." "(...) fazer novas amizades." "Conviver com os meus amigos."
Identidade social positiva (20)	Sentimento de união/espírito de equipa (7)	"União" "Trabalho de grupo." "Desenvolvimento do espírito de equipa."
	Possibilidade de apoiar as crianças/jovens/comunidade (4)	"Poder ajudar as crianças e jovens."
	Inclusão/integração (4)	"Inclusão." "Integração." "(...) de me sentir incluída (...)"
	Partilha (5)	"Partilha."
Benefícios pessoais percebidos (16)	Crescimento pessoal (8)	"Ensinar-me a ser uma mulher independente e lutar por aquilo que acredito sem desistir de mim e dos meus direitos." "(...) é importante para o crescimento de cada um." "[ajudou-me] a lutar pelos meus objetivos. Sempre me ajudou a percorrer pelo caminho certo." "Oportunidade de sermos nós próprios."
	Aprendizagens (6)	"As formações." "Ajudaram a aprender português (...)" "Aprendizagens"
	Mais (igualdade de) oportunidades (2)	"Igualdade de oportunidades."

ANEXO C - Tabela 9. Categoria, subcategoria e citações sobre as respostas dos jovens à pergunta: o que tens gostado MENOS no projeto?

Categoria	Subcategoria	Exemplos
Aspetos estruturais do projeto (92)	Não há nada de que não goste/nada a apontar de menos positivo. (59)	"Não há nada que eu não goste no meu projeto." "Gosto de tudo no meu projeto." "Nada." "O projeto atende as minhas necessidades."
	Incerteza e angústia após o término do projeto/geração (8)	"A angústia de poder fechar a cada 3 anos." "Ficar em dúvida, saber se vai continuar aberto ou não (após três anos)." "Não gosto daquele tempo quando acaba, é um mambo muito difícil para lidar." "O projeto terminar e não saber se regressa."
	Espaço/instalações (6)	"do espaço" "das instalações" "O facto do espaço ser muito pequeno para o numero de pessoas que o frequenta." "Não poder almoçar cá."
	Duração do projeto (4)	"A duração do projeto." "Ter de ser renovado de 3 em 3 anos." "As renovações."
	Período de funcionamento do projeto (4)	"Não estar aberto de manhã nem ao fim de semana." "O pouco tempo que temos por dia para usufruir dos espaços." "Falta de aproveitamento."
	Restrições nas atividades/fecho do projeto devido à pandemia COVID-19 (4)	"Das novas regras devido ao covid e por não se puder fazer tantas atividades como anteriormente." "Não gostei da situação do projeto estar fechado devido a covid 19."
	Falta de recursos (4)	"falta de verbas" "Termos poucos computadores." "Não ter o seu próprio campo de futebol."
	Funcionamento do projeto (1)	"Já não ter a dinâmica de antigamente"
	N.º elevado de participantes (2)	"Tem muitos participantes."
Aspetos relacionais/clima do projeto (1)	Comunicação no projeto (1)	"Por vezes a falta de comunicação."
Aspetos associados às atividades (9)	Número/variedade/ duração das atividades (3)	"Antigamente havia muito mais atividades do que hoje em dia." "Falta de variações de atividades." "Gostava de ter mais atividades ao ar livre" "quando as atividades são muito demoradas"
	Atividades não adequadas aos interesses de todos (3)	"as atividades que existem são muito para as crianças e jovens mais novos, para a minha idade não há muitas" "desporto"
	Atividades formativas (3)	"Atividades formativas." "Tenho gostado menos das atividades mais formativas."
"Idiossincrasias avulsas" (5)	"Não gosto de um sujeito que tem sempre estado na porta, e que está sempre a fazer barulho." "As intrigas da M. e do n." "Pontuações."? "da escola"	

ANEXO D - Tabela 10. *Categorias, subcategorias e citações das entidades relativamente a alterações que foram feitas no(s) seu(s) projeto(s)*

Categoria	Subcategorias	Citações
Alterações na execução física	Horários (1)	<i>"(...) horários."</i>
	Espaços (1)	<i>"Aumento da capacidade dos espaços"</i>
	Alterações devido ao Covid-19 (7)	<i>"Alteração da Execução Física decorrente da Pandemia Covid-19"</i> <i>"COVID-19"</i> <i>"Devido à pandemia houve que adequar as actividades à situação de calamidade"</i> <i>"Pequenas adequações e situação COVID"</i> <i>"reestruturar as instalações, atividades e respostas ao público alvo face a pandemia COVID"</i> <i>"Sim, devido à situação de pandemia e a alterações de estratégia os Agrupamentos das Escolas parceiras"</i> <i>"Sim, foi necessário proceder-se à ajustes na execução física, devido ao impacto provocado pela pandemia"</i>
	Plano de ação (3)	<i>"adequabilidade do plano de ação"</i> <i>"Pequenas alterações (...) na execução física"</i> <i>"(...)na parte física pedido de alteração para incluir para além da medida 3 a medida 1"</i>
	Atividades (6)	<i>"adequação de atividades (...)"</i> <i>"Ajustamento nas atividades"</i> <i>"Alterações nas atividades propostas de forma a dar resposta às necessidades do território e dos participantes" (2)</i> <i>"Ao nível do redesenho de atividades (...)"</i> <i>"Das actividades (...)"</i>
Alterações financeiras	Verbas/Orçamento (6)	<i>"(...) orçamento" (2)</i> <i>"Adequação das verbas às necessidades do projeto"</i> <i>"Despesas de formação, deslocações, combustíveis, para aquisição de material afeto ao desenvolvimento das atividades do projeto."</i> <i>"na parte financeira alterações entre rubricas (...)"</i> <i>"Pequenas alterações no orçamento e na execução física"</i>
	Rubricas (5)	<i>"Alterações dentro de rubricas"</i> <i>"(...) alterações entre rubricas financeiras do projeto."</i> <i>"(...) alteração de rubricas para implementação do plano proposto"</i> <i>"pequenos ajustamentos de rubricas adaptando aos gastos reais"</i> <i>"Transição de verba entre rubricas."</i>

ANEXO D - Tabela 11. *Categorias, subcategorias e citações das entidades relativas às sugestões dadas para o PE e para o projeto no qual participam.*

Categorias	Subcategorias	Citações
Aspetos estruturais do projeto (31)	Duração do projeto (27)	<i>"A duração do projeto"</i> <i>"Alterava o prazo de implementação (...)"</i> <i>"Aumentava a duração da geração." (20)</i> <i>"Aumento da duração do Projeto (3 anos)"(4)</i> <i>"Alargamento dos anos de intervenção para 5 anos"(2)</i> <i>"rotatividade na intervenção"</i>
	Faixa etária (4)	<i>"A faixa etária abarcar população mais nova"</i> <i>"a continuidade da aposta em faixas etárias adolescentes / jovens"</i> <i>"diminuição da faixa etária."</i> <i>"Estreitar o escalão etário do público alvo (...)"</i>
Aspetos associados às atividades do projeto (10)	Sistema de recompensas	<i>"Encontrar sistemas de recompensas para projetos com resultados importantes alcançados ou extrapolados."</i> <i>"Maior diversidade de atividades (...)"</i>
	Diversidade de atividades (10)	<i>"(...) sair mais do contexto de bairro (...)"</i> <i>"Evitar o encerramento dos projetos"</i> <i>"Evitar começar do zero."</i> <i>"Perdemos imenso tempo no início do projeto para ajustar o plano de ação às sugestões da equipa de acompanhamento. (...) deveria existir um período para que todas estas questões ficassem definidas e arrumadas."</i> <i>"Participação dos projetos nas aulas de cidadania nos agrupamentos Parceiros"</i> <i>"Crédito dos projetos enquanto agentes mediadores nas comunidades"</i> <i>"Uma maior abertura na exploração dos temas a trabalhar (tema mensal)"</i> <i>"Maior definição do trabalho das equipas em contexto escolar"</i>
Aspetos associados ao Programa Escolhas (65)	Plataformas digitais (3)	<i>"Melhorar a rede de comunicação digital (AGIL e AFINA)"</i> <i>"Registos na AGIL"</i> <i>"Criação de plataforma digital mais intuitiva."</i>
	Áreas Estratégicas e Medidas (11)	<i>(...) continuar com o objetivo de diminuir o abandono e absentismo escolar e aumentar o sucesso escolar e educativo</i> <i>"Priorizar uma Medida"</i> <i>"Incluir a inclusão digital face aos tempos que correm."(3)</i> <i>"Maior peso na intervenção no espaço escola e com a restante comunidade"</i> <i>"Uma vez que um eixo muito importante do PE é o das questões da inclusão escolar, fazer coincidir o início dos projetos com o início do ano letivo"</i> <i>"Introduzir abordagem na área da Saúde num trabalho de articulação e maior proximidade"</i> <i>"Adequar as ações com vista à empregabilidade"</i> <i>"realidades multiculturais - insistência em intencionalidade de inclusão. Atenção aos maus tratos, violência familiar, violência no namoro..."</i> <i>"Articular as ações e apoios com vista a dotar à promoção da habitação em condições mínimas para uma vida saudável."</i>
	Parcerias c/ entidades públicas (2)	<i>"(...) envolvimento das forças de autoridade e eventualmente das judiciais"</i> <i>"(...) parcerias estratégicas entre entidades públicas (ex. Segurança Social, IEF) e o próprio programa escolhas (...) "</i>

	Recursos Financeiros (19) - Aumento do financiamento - Novas possibilidades de financiamento - Reforço RH - Transição dos excedentes do ano anterior - Sustentabilidade	<i>"Aumento do financiamento para recursos humanos" (6)</i> <i>"Aumentar o financiamento do PE/abrir a outras possibilidades de financiamento (...)"</i> <i>"(...) aumento do financiamento para os projetos de forma permitir uma maior gestão de recursos materiais e humanos."</i> <i>"maior apoio financeiro" (6)</i> <i>"Maior celeridade na análise financeira"</i> <i>"Maior facilidade no reembolso financeiro dos trimestres de forma a cumprir com as responsabilidades"</i> <i>"Melhorar a qualidade de vidas das equipas pois as verbas destinadas a recursos humanos são insuficientes (...)."</i> <i>"Reforço do orçamento para que as equipas voltem a ter a constituição de pelos menos 4 elementos (...)."</i> <i>"Ser possível transitar excedentes financeiros para o ano seguinte"</i> <i>"Apoiar a sustentabilidade dos projetos"</i> <i>"Estimular mais a procura de soluções para a continuidade do projeto sem financiamento"</i>
	Inventário de recursos (1)	<i>"Promoveria um levantamento de todos os recursos atuais que intervêm ao nível social e comunitário, com o intuito de tornar a abordagem o mais integrada possível e garantir que não se sobre em ações e consequentemente, não se desperdiçam recursos, quer humanos quer materiais."</i>
	Recursos Humanos (4)	<i>"Aumentava os recursos humanos"(2)</i> <i>"Criação de equipas estáveis com contratos de trabalho"</i> <i>"Haver rotatividade ou mudança da entidade gestora"</i>
	Burocratização (9)	<i>"Simplificação de processos (desburocratização)"(5)</i> <i>"Eliminar a assinatura presencial dos relatórios (já nenhum programa recorre a este mecanismo);"</i> <i>"Tornar a supervisão menos burocrática e mais democrática;"</i> <i>"Simplificar os procedimentos contabilísticos (diminuir carimbos e evidências em papel, por exemplo);"</i> <i>"simplificação de instrumentos de trabalho técnico e de procedimentos financeiros"</i>
	Formação (4)	<i>"A formação das equipas na área da Inovação e Empreendedorismo Social e outras metodologias de intervenção alternativas e criativas."</i> <i>"Formações direccionadas à equipas técnicas que complementam a sua intervenção no terreno."</i> <i>"Mais formação para equipas técnicas"</i> <i>"Promover também encontros e formação para os representantes das entidades promotoras/executoras."</i>
	Avaliação (4)	<i>"(...) teria em atenção a avaliação conforme o histórico do projecto"</i> <i>"Implementava mecanismos de controlo com menor grau de complexidade, garantindo-se eficácia e eficiência do projeto"</i> <i>"Apostar na avaliação qualitativa."</i> <i>"Um maior enfoque no verdadeiro impacto social do PE, não centrado nos números/quantidade mas nas mudanças reais na vida dos participantes;"</i>
	Comunicação e Acompanhamento (8)	<i>"(...) melhorar a coordenação do PE com as entidades Gestora e Promotora ao nível de uma escuta ativa e inclusiva"</i> <i>"Compromisso do consórcio mais detalhado em acordo de colaboração"</i> <i>"Facilitar o diálogo entre partes"</i> <i>"Maior envolvimento e partilha de e entre os projectos escolhas, na realização de atividades conjuntas, no mínimo a nível distrital.."</i> <i>"Promover a interação entre os diversos projectos"</i> <i>"mais momentos de partilha com outros projetos Escolhas"</i> <i>"Diminuição do número dos participantes diretos e indiretos"</i> <i>"Maior acompanhamento das equipas no terreno"</i>

ANEXO F - Tabela 12. Sugestões dadas pelas equipas técnicas para o PE e para o projeto no qual participam, por função e categoria.

Função	Categorias	Citações
Coordenadores/as	Duração	"A duração do projeto ser mais longa (...)" (2)
		"Aumentar o tempo da geração para 3 anos." (3)
		"Garantir os 3 anos para a implementação do projeto."
		"Aumento da duração da geração." (12)
		"Programas com maior duração"
		"mais tempo para realmente se agir com e para a comunidade."
		"projectos com duração entre as 3 e 4 anos;" (2)
		"Ausência de interregno na passagem de geração e aumento da duração da mesma."
		"Tempo de implementação do Projeto"
		"Dois anos de Projeto são claramente insuficientes para atingir os resultados pretendendo (...)"
	Faixa etária	"Permitir uma intervenção mais focada em faixas etárias mais específicas;"
		"Idade pré-escolar englobada para trabalhar a intervenção social de crianças na idade da socialização primária;"
	CID e Dinamizador Comunitário	"Reforçar o modelo de funcionamento dos CID (...)"
		"Repensar a questão do Cid, tendo em conta as necessidades que podem surgir (...)"
		"Centros de inclusão digital obrigatórios."
		"manter o CID não obrigatório assim como o dinamizador"
		"uma avaliação mais regular e exigente dos DC"
		"maior abertura na escolha do dinamizador comunitário,"
		"o dinamizador comunitário deveria estar afeto a 100% sendo este uma presença tão importante;"
		"o DC deveria ter mais oportunidades que permitissem o seu crescimento pessoal e profissional."
		"Regresso da figura de monitor Cid"
		"haver a oportunidade de manter dinamizadores/as comunitários/as"
		"Promover a existência de Centros de Inclusão Digital adaptados aos novos contextos (com PCs, Câmaras e sistema de som);"
	Atividades	"Adaptação de atividades (...) moldes combinados entre o digital e o presencial (...)"
		"Dotar os projetos de maior autonomia (...) adaptação dos objetivos/atividades para a sua população alvo,"
		"Agenda de atividades mais realista"
		"menos desafios obrigatórios."
		"Registos diários de actividades numa só folha;"
		"Criação de um registo de atividades menos complexo;"
	Candidaturas	"(...) candidatura e seleção (...) mais cedo (...)"
		"(...) deveria haver mecanismos diferentes de candidatura"
		"Candidaturas com uma durabilidade superior;"
		"continuidade do financiamento ao projeto, quando este demonstra trabalho efetivo sem necessidade de nova candidatura."
	Reembolsos	"respostas de pedidos de reembolso mais céleres." (2)
	Recursos humanos Equipas	"Apoiar as equipas de modo a haver valorização (...) aumentar a motivação e a estabilidade das mesmas"
		"Maior articulação entre equipas e coordenação, (...) diminuir o formalismo imposto."
		"reforço das equipas." (3)

		<i>"Alargamento da equipa técnica para mais um elemento;"</i>
		<i>"Aumentar a EQUIPA DE TRABALHO"</i>
		<i>"mais recursos humanos;" (3)</i>
		<i>"continuidade entre gerações para garantia de uma equipa motivada e empenhada e não estar em situação precária;"</i>
		<i>"reforço das equipas técnicas;"</i>
		<i>"Reforço nas equipas técnicas e nas competências específicas de acordo com as medidas;"</i>
	Coordenação	<i>"Adequação do trabalho do coordenador, esta figura deveria estar apenas afeta à coordenação do projecto (...)."</i>
		<i>"Aumentar o tempo para tarefas de coordenação do coordenador reduzindo o tempo para desenvolvimento de atividades." (2)</i>
		<i>"colocar no horário mais horas de coordenação uma vez que as mesmas são necessárias."</i>
		<i>"vencimento ao nível da Coordenação compatível com as responsabilidades."</i>
		<i>"Mais tempo disponível para Coordenação, os processos são muito burocráticos (...)"</i>
		<i>"tempo para planeamento e coordenação."</i>
	Intervenção	<i>"diminuição da carga horária no trabalho direto do coordenador;"</i>
		<i>"Uma intervenção mais focalizadas nas escolas, (...) prevenção primária;"</i>
	Sucesso escolar	<i>"estratégias para a intervenção e avaliação da mesma fora dos territórios (não presencial)."</i>
		<i>"Sucesso escolar (...) implementação de processos educativos mais flexíveis e adaptados às necessidades das crianças;"</i>
		<i>"o trabalho do sucesso escolar de forma diferenciada;"</i>
	Envolvimento	<i>"Sucesso escolar (...) em articulação com as escolas;"</i>
		<i>"Maior envolvimento dos familiares;"</i>
	Burocratização	<i>"Desburocratização (gasta-se muito tempo da equipa a tratar de trabalho administrativo);"</i>
		<i>"diminuição do uso de papel (usar apenas a agil no caso das presenças), (...)"</i>
		<i>"procedimentos rígidos (folhas de registo, alguns aspetos da AGIL);"</i>
		<i>"Menos burocracia (...)" (5)</i>
	Acompanhamento	<i>"acompanhamento a projetos de continuidade e de projetos novos."</i>
		<i>"acompanhamento mais próximo na fase inicial do projeto que capacite as entidades, (...)"</i>
		<i>"Proximidade entre os governantes e os projetos de forma a que constatem o impacto dos mesmos no terreno."</i>
	Comunicação	<i>"programa Escolhas, (...) claro na transmissão de informação e resultados relativos a todos os projetos"</i>
		<i>"Alterava a comunicação por parte do Programa Escolhas (tipo de comunicação, frequência, meios, homogeneidade de informação)."</i>
	Avaliação	<i>"estruturação destes questionários (...)"</i>
		<i>"Alterar o formato do relatório intercalar, (...) avaliação mais qualitativa."</i>
		<i>"feedback da avaliação num menor curto espaço de tempo"</i>
		<i>"Conhecer melhor o impacto da intervenção"</i>
		<i>"relatórios mais simples"</i>
		<i>"Ponderar o sistema de monitorização e avaliação do projeto. (...)"</i>
		<i>"realizaria uma avaliação mais detalhada, (...) equipas, (...) entidades do consórcio;"</i>
		<i>"relatórios mais qualitativos e menos quantitativos" (2)</i>
		<i>"conjunto de instrumentos de avaliação dos procedimentos e impacto do projeto;"</i>
		<i>"maior uniformização de indicadores e instrumentos de avaliação para que a avaliação se torne mais clara e objetiva, (...)"</i>
	Formação	<i>"plano de formação para a "família" escolhas mais direcionado ao social (...)"</i>
		<i>"Formações para as equipas mas opções no início para que pudessem escolher o que realmente precisam."</i>
		<i>"formação em avaliação de projectos,"</i>

		<i>"falta de formação sobre a plataforma ÁGIL. e de gestão de projectos do programa Escolhas."</i>
		<i>"formação de caráter prático e novas ideias de estratégias para intervenção"</i>
		<i>"Formação inicial mais concreta no âmbito da implementação de projetos comunitários."</i>
	Financiamento	<i>"Aumento do orçamento disponível;"</i>
		<i>"facilitação na parte financeira, (...)"</i>
		<i>"o dinheiro ser canalizado para o público com que trabalhamos."</i>
		<i>"Maior financiamento para recursos humanos," (3</i>
		<i>"Existir uma linha de financiamento para a aquisição de equipamentos informáticos para os CID-NET."</i>
		<i>"O financiamento do projecto para os recursos humanos é curto (...)"</i>
		<i>"Obrigatoriedade de execução financeira por parte das entidades promotoras e consórcio,"</i>
		<i>"Maior dotação financeira dos projetos."</i>
		<i>"Remunerações para trabalhadores sociais mais adequadas com a importância que estes assumem no território;"</i>
		<i>"Revisão do limite orçamental para recursos humanos."</i>
		<i>"financiamentos mensais;"</i>
		<i>"possibilidade financeira de aumentar as equipas."</i>
	Medidas	<i>"aplicação das medidas para cada território mediante um estudo externo/independente a realizar pelo escolhas."</i>
		<i>"Inclua a Inclusão digital, novamente como medida do programa, (...)" (2)</i>
	Plataformas	<i>"Além da agil ter menos problemas, é nas presenças (...) participantes de forma a contabilizar melhor"</i>
		<i>"Se durante a pandemia vimos que muitas coisas puderam ser on line porque não adoptar esta opção?"</i>
		<i>"(...) alterações técnicas na plataforma AGIL de forma a torná-la mais fácil de preencher e mais eficiente nos resultados e outputs"</i>
		<i>"Registos em AGIL serem mais rápidos, permitir contabilizar as horas automaticamente por exemplo."</i>
		<i>"Revisão da plataforma AGIL"</i>
		<i>"A AGIL não é eficaz no que toca a alterações de horários e períodos das atividades (...)"</i>
		<i>"reavaliar o funcionamento da plataforma Ágil, eliminando os problemas."</i>
	Parcerias/ consórcio	<i>"plataforma AGIL mais simples;"</i>
		<i>"Englobava as equipas nas autarquias, aumentando o período de intervenção, de forma a criar relações mais fortes entre equipas e comunidades e também a atingir melhores resultados"</i>
		<i>"protocolos com transportadoras,"</i>
		<i>"Um maior rigor relativamente ao papel do consórcio"</i>
	Objetivos/metadados	<i>"maior envolvimento do consórcio,"</i>
		<i>"(...) metas mais pequenas (...)"</i>
	Proximidade entre projetos	<i>"Os objetivos também não deveriam ser tão ambiciosos de modo a trabalhar com maior foco no plano individual, maximizando o impacto e as mudanças que se pretendem."</i>
		<i>"Descentralização das deslocações para Lisboa e Porto..."</i>
		<i>"Incentivar a deslocação dos participantes para fora dos territórios desfavorecidos, bem como incentivar uma maior mistura social. (...) fomentar a intervenção em espaços neutros, (...)"</i>
		<i>"Intercâmbio de participantes entre projetos."</i>
		<i>"Maior partilha de problemas e soluções entre os projetos."</i>
	Espaço	<i>"realizaria mais visitas/reuniões com os projetos locais;"</i>
		<i>"maior espaço no relatório para se fazer uma análise descritiva de todas as atividades"</i>
	Calendário projetos	<i>"O arranque do projeto deveria ter o mesmo timing do arranque escolar para um melhor acompanhamento escolar dos jovens"</i>

		<i>"O facto do período de interregno para novas candidaturas ser durante o 3º período escolar, dificulta a intervenção do projeto a este nível. Devia ser alterado, de forma a que as crianças e jovens não deixem de ser acompanhados numa fase crucial do percurso escolar."</i>
	Outros	<i>"Contraatualização de longo prazo, (...)"</i> <i>ter um Plano de retaguarda para o caso de termos de nos "confinar!" (devido a pandemia covid-19)</i>
Técnicos/as do projeto	Duração	<i>"Aumentar a duração da geração;" (18)</i>
		<i>"Implementava uma maior durabilidade na próxima Geração Escolhas."</i>
		<i>"maior durabilidade da geração (5 anos)" (4)</i>
		<i>"Mais duração na intervenção (3anos)" (2)</i>
		<i>"uma maior duração do projecto, para que possa haver uma continuidade de acompanhamento destes jovens." (2)</i>
		<i>"Passaria a duração para 4 anos."</i>
		<i>"Prolongava a duração por 4 ou 5 anos"</i>
	Faixa etária	<i>"Alterava a idade de abrangência nas crianças/jovens."</i>
	Candidatura	<i>"Implementação de medidas que permitam a continuidade do projeto em fase de candidatura."</i>
	Comunidade	<i>"Abrangia a outras comunidades que também têm dificuldades mas não estão inseridas em complexos de habitação social"</i>
		<i>"Grupo de Pais."</i>
		<i>"Mais apostas na integração das minorias"</i>
		<i>"alternativa viável que cative o público juvenil e pensar-se na própria inserção da comunidade adulta é sénior."</i>
	Recursos humanos	<i>"Definir criteriosamente para cada projeto, uma equipa técnica multidisciplinar com profissionais de diferentes áreas qualificados."</i>
		<i>"Equipas técnicas maiores." (4)</i>
		<i>"Implementação de recursos humanos"</i>
		<i>"incluir outro membro na equipa base." 2</i>
		<i>"Dar melhores condições laborais ao DC."</i>
	Parcerias/ consórcio	<i>"deveriam existir mais pessoas a trabalhar e a ser remuneradas de forma adequada (...)"</i>
		<i>"Acompanhamento mais próximo sobre a participação do consórcio nos projetos e maior incentivo à sua participação."</i>
		<i>"Sugerir às entidades promotoras melhores condições de trabalho para os técnicos."</i>
		<i>"Garantir uma maior responsabilização e participação dos parceiros do consórcio."</i>
		<i>"maior responsabilização das autarquias na dignidade dos espaços dos projetos"</i>
	Plataformas	<i>"Mais seletividade das entidades gestoras"</i>
		<i>"A plataforma AGIL ser mais prática e de fácil utilização." (4)</i>
		<i>"Maior capacidade de resposta da plataforma ágil"</i>
		<i>"a plataforma AGIL deveria ser profundamente reestruturada (...)"</i>
	Formações	<i>"Agilizar a AGIL, principalmente a forma como traduz os dados inseridos (...) para além de que está sempre a ir a baixo e não nos deixa tirar grandes outputs"</i>
		<i>"mais formações"</i>
		<i>"mais formações, pelo menos, uma inicial"</i>
	Atividades	<i>"Mais formação específica a técnicos."</i>
		<i>"actividades culturais;"</i>
		<i>"incluir os participantes em grupos (desportivos e culturais)."</i>
		<i>"dar mais relevância à aprendizagem através da participação em grupos culturais da comunidade (dança, música, teatro - incluir os participantes em grupos mistos evitando a segregação)"</i> <i>"atividades mais motivantes para os jovens;"</i>

		<i>"mais atividades para a promoção da igualdade de géneros, da comunidade lgbt+"</i>
		<i>"Mais tempo para preparar actividades."</i>
		<i>"(...) mais liberdade na escolha da atividade que queremos fazer no dia (...) "</i>
		<i>"Novas atividades"</i>
		<i>"desenvolvimento de temas pertinentes como a igualdade de género e a ação climática."</i>
	Pandemia covid-19	<i>"Boas práticas em pandemia- Traking e follow up de jovens em idade escolar,"</i>
	Proximidade entre projetos	<i>"Conhecer de forma ainda mais próxima os projetos e com quem estes trabalham"</i>
		<i>"mais partilha e troca de experiencias"</i>
		<i>"mais atividades conjuntas entre projetos"</i>
	Acompanhamento	<i>"(...) A teoria é uma base, só a prática permite compreender a realidade da intervenção. (...) "</i>
		<i>"Devia ser um apoio de carácter permanente."</i>
		<i>"Maior acompanhamento presencial para que os participantes também conhecessem o PE"</i>
		<i>"Um maior acompanhamento presencial aos projetos."</i>
	Flexibilidade/adaptação	<i>"Uma maior liberdade aos projectos para apresentarem soluções no momento, independentemente do desenho do projecto."</i>
		<i>"mais flexibilidade (estamos em meio rural... tão diferente do urbano)."</i>
		<i>"Ser mais flexíveis nos prazos"</i>
	Espaço	<i>"Existência obrigatória de uma sala SID"</i>
		<i>"maior critério na validação dos espaços físicos"</i>
	Financiamento	<i>"Garantir o pagamento mensal aos técnicos com ordenados condignos com as suas funções"</i>
		<i>"maior fiscalização as entidades, nomeadamente ao factor financeiro"</i>
		<i>"Maior financiamento;" (2=</i>
		<i>Maior verba para material informático (temos computadores da 5ª geração, totalmente obsoletos que não conseguimos utilizar)."</i>
		<i>"não deviam existir atrasos no financiamento;"</i>
		<i>Aumentava o financiamento do projeto, nomeadamente ao nível da equipa técnica." (2)</i>
	Medidas	<i>"Implementava 2 medidas, uma direccionada para crianças menores de 6 anos e outra direccionada somente para a Educação parental e apoio às famílias."</i>
		<i>"Medida IV - Inclusão Didital"</i>
		<i>"Seria importante apostar mais na inclusão digital"</i>
	Objetivos	<i>"maior autonomia para execução dos objetivos."</i>
	Avaliação	<i>"Melhor avaliação dos projetos em termos qualitativos e não quantitativos."</i>
		<i>"Muitas ações importantes feitas pelo projeto (na ajuda direta aos participantes e familiares) não faz parte da avaliação feita ao projeto."</i>
		<i>"A método de avaliação deveria ser diferente, mais ações, menos números."</i>
		<i>"instrumento de avaliação mais dinâmico, que pudesse agilizar o processo de avaliação de forma a não quebrar o rendimento da equipa."</i>
	Burocratização	<i>"Menos burocracia,"</i>
		<i>"Menos burocracia e exigências e mais empatia"</i>
		<i>"devia haver menos exigência burocrática para os relatórios ao nível de grelhas de avaliação (...) "</i>
		<i>"Redução da carga burocrática sobre a equipa"</i>
	Comunicação	<i>"mais publicidade para dar a conhecer este projeto social que acho ser importante para a comunidade."</i>
		<i>"Ouvir realmente os jovens e as equipas, de perto!"</i>
	Outros	<i>"Utilizar um estratégia de libre office."</i>

		<i>“não devia haver um período de paragem como houve da 6ª para a 7ª geração, (...) levando muitas vezes a retrocedimentos em comportamentos;”</i> <i>“Seria essencial as gerações terminarem no final do período letivo e não no final do 1º período do ano seguinte, uma vez que deixamos os jovens e crianças alguns meses sem orientação nem supervisão.”</i> <i>“a disponibilização de recursos em TIC a jovens que não dispõem nem de acesso à internet nem de computadores (...)”</i> <i>“reavaliar o IARPS que nem sempre reflete o risco dos jovens (por ex. gravidez adolescente)”</i>
Dinamizadores/as Comunitários/as	Duração	<i>“Alterava a duração da geração, aumentando”</i> <i>“Alterava apenas a duração da geração para 3”</i>
	Faixa etária	<i>“Aumentar a idade dos participantes diretos para 30 anos”</i>
	Plataformas	<i>“A mudança da plataforma Ágil”</i> <i>“Implementar um sistema mais fácil de registos.”</i>
	Dc	<i>“alterava o facto do dinamizador estar sempre a mudar.”</i> <i>“dinamizador puder fazer mais 1 geração”</i> <i>“Que os Dinamizadores comunitários pudessem entrar/transitar entre geração.” (2)</i>
	Recursos humanos	<i>“Alterava Elementos da equipa;”</i> <i>“mais elementos numa equipa”</i>
	Jovens	<i>“Dar mais atenção aos jovens inexperientes.”</i>
	Medidas	<i>“Implementava o desporto”</i>
	Formações	<i>“ações de formação para os pais”</i> <i>“mais recursos para formação profissional para os jovens e os seus familiares.”</i> <i>“Mais formações para os dinamizadores”</i>
	Atividades	<i>“mais actividades envolvendo todos os escolhas.”</i>
		<i>“Maior duração do projeto.” (4)</i>
Monitores/as	Duração	<i>“não ter uma durabilidade tão reduzida, a intervenção social é um processo a médio/longo prazo e não curto, (...)”</i> <i>“Programa a 4 anos”</i>
	Formação	<i>“Criação de uma linha de atuação voltada para a formação de jovens protagonistas. Um foco na formação dos jovens na perspectiva de construirem ações, onde sejam autômos.”</i>
	Recursos humanos	<i>“Equipas locais dos Projetos Escolhas.”</i>
	Intervenção	<i>“Estarem mais no terreno”</i> <i>“intervenções dos projetos deveriam ter continuidade e adaptar-se as necessidades e desafio”</i> <i>“Optava por uma intervenção mais focalizada, mais qualitativa, permitindo assim que o público fosse parte da solução e não parte do problema.”</i>
	Financiamento	<i>“financiarem a tempo os projetos que mostram bons resultados”</i> <i>“financiamento mais robusto”</i> <i>“Uma geração monetariamente mais capaz de ajudar no que aos recursos diz respeito.”</i>
	Proximidade entre projetos	<i>“Intercâmbio de participantes entre projetos.”</i>
	Outros	<i>“Sempre manter a transparências com todos os envolvidos com o Programa Escolhas.”</i> <i>“mais ligações com cursos profissionais e empregos”</i>

ANEXO G

Guião de entrevista – Versão Jovens

DINÂMICA DE INICIAÇÃO

- Quebra gelo
- Apresentação do entrevistador
- Objetivos da entrevista
- Autorização para gravação

DADOS PESSOAIS E DE CARACTERIZAÇÃO

- Idade
- O que faz

PROJETO ESCOLHAS

1. Há quanto tempo frequentas o Programa Escolhas? (Que projetos? /Gerações?)
2. Como tem sido esta experiência/esta "viagem" pelo Escolhas? – se fosse um filme como a contarias?
3. Tendo em conta o projeto que agora frequentas, que mudanças houve em ti ou na tua vida que resultaram da tua participação neste projeto? Queres contar algo que tenha sido mais marcante? (momentos/episódios que contribuíram para alguma mudança na tua vida).
4. Se não tivesses passado pelo Programa Escolhas/por este projeto em concreto, o teu percurso de vida teria sido diferente? (justificar).
5. Pensando no projeto e nos jovens que o frequentam, há algo no projeto que aches que contribui para fazer a diferença na vida dos jovens? O que achas que é mais marcante?
6. (Devolver informação sobre os resultados do inquérito para reflexão, podendo assim fazer uma articulação dos dois estudos)

7. Em agosto fizemos um inquérito a jovens do Escolhas, não sei se tiveste conhecimento (...): os jovens referem que as Assembleias de jovens são muito importantes – Sabes o que são assembleias de jovens? (são espaços de debate, que reúnem segundo o regulamento cerca de 10 jovens com idades compreendidas entre os 6 aos 24 anos) – queres comentar este resultado do inquérito?
8. Qual achas que é o papel dos jovens no projeto? Sentes que a sua opinião é tida em conta? Podes dar exemplos?
9. No inquérito os jovens ainda referiram que numa próxima geração se podia investir em áreas como a da saúde, bem-estar e qualidade de vida; a inclusão digital; combate ao preconceito e discriminação; reforço da área da educação, formação e qualificação; e a cultura – queres comentar estes resultados?
10. O que consideras que funciona bem e menos bem no teu projeto ou no Programa Escolhas? O que mudarias?
11. Em termos de envolvimento nas atividades, consideras que os jovens estão envolvidos? Participam? Como se pode aumentar o envolvimento e a participação dos jovens?
12. Para terminarmos, numa frase, consegues dizer o que o Escolhas é para ti (explicar porquê).

RESUMO DA INFORMAÇÃO RECOLHIDA

- Há algo mais que queiras acrescentar ou alguma parte que queiras clarificar?

AGRADECER A PARTICIPAÇÃO NA ENTREVISTA

Guião de entrevista – Versão Coordenadores

DINÂMICA DE INICIAÇÃO

- Quebra gelo
- Apresentação do entrevistador
- Objetivos da entrevista
- Autorização para gravação

PROJETO ESCOLHAS

1. Há quanto tempo coordena o Projeto?
2. Esteve ligado a algum projeto Escolhas anteriormente? Se sim, qual e em que papel?
3. Tendo em consideração o histórico do Escolhas, do que viveu e do que lhe foi passado, como sente que tem sido a evolução do Programa Escolhas ao longo das gerações?
4. O que acha que faz a diferença do Programa Escolhas na vida dos jovens e das comunidades? Quais são os ingredientes mágicos que levam a resultados positivos?
5. Como tem sido esta sua experiência pelo Escolhas /projeto?
6. Pensando no projeto que coordena, em concreto:
7. Quais os impactos mais significativos do projeto nos jovens e na comunidade? Globalmente, considera que têm sido positivos? Há algum exemplo de um jovem (ou de mais do que um) que queira destacar?
8. Como avalia o envolvimento dos jovens no projeto que coordena?
9. Sabendo que alguns jovens acabam por desistir de frequentar as atividades ou de um maior acompanhamento de proximidade, o que falha nestes processos? O que poderia ser melhorado?
10. Quais os maiores desafios sentidos?
11. Como têm sido trabalhadas as questões do racismo e da radicalização, da igualdade de género, ou outras formas de discriminação em razão da origem étnica, cor, nacionalidade, ascendência, território de origem ou religião? Faria sentido dar mais peso a estes aspetos? De que forma?

- 12.** Tem conhecimentos de jovens que têm adotado e/ou alterado as suas condutas e comportamentos relacionados com as questões da radicalização?
- 13.** Como avalia as parcerias estabelecidas e o impacto real das mesmas na prossecução do projeto? O que alteraria neste domínio?
- 14.** O que alteraria no Programa Escolhas? O que sugere como mudança para uma nova geração?
- 15.** Face à sua experiência o que representa o Escolhas para si?
- 16.** Para terminarmos, numa frase, consegue dizer o que representa o Escolhas para os jovens (explicar porquê).

RESUMO DA INFORMAÇÃO RECOLHIDA

- Há algo mais que queira acrescentar ou alguma parte que queira clarificar?

AGRADECER A PARTICIPAÇÃO NA ENTREVISTA